



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Amélia Maria da Soledade Dias

A PO-ÉTICA DO ENCONTRO HUMANO:

Um estudo da Biodanza como mediação da Educação Biocêntrica na transformação do
emocionar para novas posturas éticas



JOÃO PESSOA
2013

AMÉLZIA MARIA DA SOLEDADE DIAS

A PO-ÉTICA DO ENCONTRO HUMANO:

**Um estudo da Biodanza como mediação da Educação Biocêntrica na transformação do
emocionar para novas posturas éticas**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, pelo Programa
de Pós-Graduação em Educação, da
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Dr^a Elisa Pereira Gonsalves

JOÃO PESSOA

2013

D541p Dias, Amélia Maria da Soledade.

A po-ética do encontro humano: um estudo da biodanza como mediação da educação biocêntrica na transformação do emocional para novas posturas éticas / Amélia Maria da Soledade Dias. - João Pessoa, 2013.
148f.

Orientadora: Elisa Pereira Gonsalves

Tese (Doutorado) – UFPB/CE

1. Educação. 2. Educação biocêntrica. 3. Biodanza. 4. Ética.
5. Emoções.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

AMÉLZIA MARIA DA SOLEDADE DIAS

A PO-ÉTICA DO ENCONTRO HUMANO:

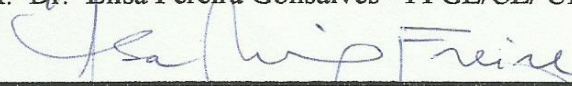
**Um estudo da Biodanza como mediação da Educação Biocêntrica na transformação do
emocionar para novas posturas éticas**

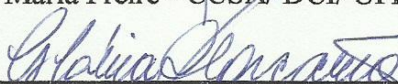
Tese aprovada em: 25/02/2013

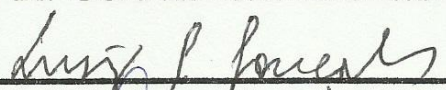
Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, pelo Programa
de Pós-Graduação em Educação, da
Universidade Federal da Paraíba.

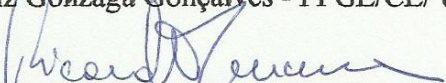
BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Elisa Pereira Gonsalves - PPGE/CE/ UFPB


Prof.^a Dr.^a Isa Maria Freire - CCSA/DCI/ UFPB


Prof.^a Dr.^a Glória das Neves Dutra Escarião - PPGCR/CE/UFPB


Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves - PPGE/CE/ UFPB


Prof. Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena - PPGE/CE/UFPB

Dedico este trabalho às crianças presentes em minha vida. De modo muito especial a todos os meus sobrinhos e sobrinhas.

E neste tempo presente, ao nascimento de Matheus, Alice, Lucas e Gabriel.

AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais, aos meus irmãos e a todos de minha família pela confiança e estímulo;
- À Congregação das Irmãs de Jesus Bom Pastor, de modo especial à comunidade de Maceió, da qual eu faço parte, minha gratidão pela valorização desse trabalho;
- A todas as pessoas com as quais pude compartilhar vivências de Biodanza;
- A todos os professores e colegas do Doutorado, por tudo que vivenciamos neste processo que foi um aprendizado;
- A cada uma das participantes do Grupo de Biodanza da Escola Cleto Marques Luz, pela valiosa contribuição neste trabalho e pelo espaço de alegria e de amizade;
- Ao Grupo de Biodanza da SEMED, pela convivência alegre e estimuladora, pelo carinho e consideração;
- À Rosário de Fátima, pelo cuidado e atenção, por sua presença em todo este percurso, desde os primeiros passos da Biodanza na SEMED.
- À Silvana e Margarete, da direção e da coordenação da Escola Municipal João Sampaio, pelo grande apoio ao meu afastamento da escola em vista da dedicação a este trabalho;
- A todos e todas que participaram das entrevistas: Carla, Claudete, Édna, Maria Lúcia, Márcia, Mônica, Nádia, Régia, Sanclair, Sobral e Vera, minha profunda gratidão pela grande contribuição nesta pesquisa;
- À Aline que abriu as portas do seu apartamento para nós estudantes da pós-graduação, fazendo do seu espaço uma agradável biblioteca;
- À Célia e Cláudia, pela amizade, pela fé compartilhada, pelas reflexões e risadas socializadas, e pelas nossas caminhadas matinais, tornando este período de estudos mais prazeroso;

- Ao Horácio, meu amigo, presente desde os tempos da graduação em Filosofia, pela possibilidade de experienciar uma relação de respeito, nutrição e confiança;
- A todas as pessoas que marcaram este trabalho com sua presença estimuladora e desafiadora, convidando-me a aprender novas lições com a experiência vivida;
- À Coordenação do PPGE, anterior e atual, e a cada um dos funcionários pelo compromisso com o programa e pelo atendimento atencioso e humanizado;
- À Valu e Márcia, pela grande contribuição através das fotos que estão neste trabalho;
- Meu agradecimento a cada participante da Banca Examinadora, pela atenção e contribuição para com a minha pesquisa;
- Minha gratidão à Professora Dr^a. Elisa Pereira Gonsalves, pela sua competente orientação, pela presença e pelo estímulo no decorrer de todo o trabalho;
- Ao Rolando Toro, um agradecimento muito especial pela sua criação, a Biodanza;
- Minha profunda gratidão a Deus que se faz presente em todo meu caminhar, e por me ter concedido viver este tempo com entusiasmo, saúde, inspiração, disciplina e amorosidade, encontrando um sentido para cada passo dado.

ENSINAMENTO

*Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.*

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

*Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:*

"Coitado, até essa hora no serviço pesado".

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.

ADÉLIA PRADO

RESUMO

Esta pesquisa, configurada na perspectiva qualitativa e de abordagem fenomenológica, traz a seguinte questão de investigação: Quais são as éticas promovidas pelos participantes da Biodanza, a partir de suas vivências? Assim, apresenta a Biodanza como mediação da Educação Biocêntrica, fazendo uma interface entre a teoria e os significados destas vivências na vida dos participantes desse sistema. Fundamenta a vinculação dos seres humanos, tendo por base a emoção do amar, a convivência pela ética da alteridade e a religação com a Terra, pela experiência de pertencimento. Esta perspectiva está na compreensão de que não há, necessariamente, descontinuidade entre o social, o humano e suas bases biológicas. O próprio viver é um conhecer. E como seres vivos, somos produtores de nós mesmos, de modo contínuo, numa rede de interações. A fundamentação teórica da Biodanza está em Rolando Toro, que é o seu idealizador. Em Humberto Maturana, buscamos a fundamentação sobre a biologia do amar. Em Edgar Morin, temos o entendimento do conhecimento como uma construção a partir da teoria da complexidade, e os fundamentos da ética como religação; e com Emmanuel Levinas, buscamos a compreensão da ética da alteridade. Estes são os principais autores com os quais buscamos dialogar. A fundamentação está em interação com as vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa, através dos significados que emergiram das vivências de Biodanza. Toro, ao apresentar a Biodanza, propõe um sistema para o desenvolvimento e o desabrochar das potencialidades humanas, que foram organizadas por ele, em torno de cinco Linhas de Vivências: Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência. Para ele, a Biodanza é uma nova sensibilidade frente à existência, através da “poética do encontro humano”, onde cada um é convidado a dançar a própria vida, o que tem desencadeado um novo emocionar. A prática da Biodanza é uma proposta para criar um ambiente de aprendizagem de um novo emocionar, que desencadeia novos modos de olhar e viver a vida. Neste sentido, há uma reflexão em torno das motivações, das transformações e da vinculação na “dança da vida”, chegando-se à seguinte conclusão: **as éticas, como um estilo de viver as relações consigo mesmo, com o outro e com a Terra, suscitadas pelas vivências da Biodanza, acontecem a partir de um novo emocionar.** Esse novo emocionar promove mudanças nas ações, gerando um novo estilo de vida, com acentuadas transformações no modo de viver e conviver com outro, e no modo de habitar a Terra, tendo a vida como centralidade.

Palavras-chave: Educação Biocêntrica. Biodanza. Éticas. Emoções.

ABSTRACT

This research, organized with a clear perspective and a phenomenological approach, has as its investigative question: What ethics do Bio-dance participants promote through their lived experiences? Thus, it presents Bio-dance as a measure of Bio-centric Education, interfacing the theory and importance of these experiences in the lives of the participants in this system. Bio-dance is based on the bonding of human beings, as it is based on loving, co-existence through the ethics of diversity and re-linking with the Earth through the experience of belonging. This perspective makes clear that there is not necessarily any discontinuity between the social, the human and their biological bases. To live is to know and as living beings we are continuously our own reproducers in a network of interaction. The basic theory of Bio-dance is in Roland Toro, its creator. In Humberto Maturana we look for the basics about the biology of loving, in Edgar Morin knowledge is understood as a construction based on the theory of complexity and the basics of ethics, such as re-linking and with Emmanuel Levinas we search for an understanding of the ethics of diversity. These are the principal authors with whom we try to dialogue. The basis is in the interaction with persons involved in the research through the importance of their lived experience of Bio-dance. When Toro presents Bio-dance he proposes a system of development and growth of human potential organized by him around five lived-experience themes: Vitality, Sexuality, Creativity, Affectivity and Transcendence. For him, Bio-dance is a new sensitiveness regarding our existence, through the “poetry of the human encounter” where each one is invited to dance his/her own life, which unleashes new feelings. The practice of Bio-dance is a proposal for creating an environment for learning new ways of feeling, which in turn unleashes new ways of seeing and living life. Thus, there occurs a certain reflection regarding motivation, transformation and bonding in the “dance of life”. This leads to the following conclusion: the ethics brought to the fore by the experience of Bio-dance take place within new feelings, promote changes in how we act, creating a new life-style with significant transformation in the ways of living and co-existence with others in the manner in which we inhabit the Earth, having life as the center of all.

Key words: Bio-centric Education, Bio-dance, Ethics, Feelings

RÉSUMÉ

Cette recherche, présentée dans une perspective qualitative et dans une approche phénoménologique, amène comme question de recherche: Quels sont les enjeux éthiques de la bio-danse, à partir des expériences des participants? Ainsi, la bio-danse se présente comme une médiation de l'éducation bio centrée entre la théorie et le sens de ces expériences dans la vie des participants à ce système. Elle sous-tend la relation des êtres humains, basée sur l'émotion de l'aimer, la vie en commun par l'éthique de l'altérité et la reconnexion avec la Terre par l'expérience de l'appartenance. Cette perspective se présente dans la compréhension qu'il n'y a pas nécessairement de discontinuité entre le social, l'humain et ses fondements biologiques. La vie elle-même est un connaître, et comme êtres vivants nous sommes producteurs de nous-mêmes en mode continu dans un réseau d'interactions. Le fondement théorique de la bio-danse vient de Rolando Toro, qui est son créateur. En Humberto Maturana, nous trouvons les fondements de la biologie de l'aimer, et en Edgar Morin nous avons la compréhension de la connaissance comme une construction à partir de la théorie de la complexité et les fondements de l'éthique comme la reconnexion; et avec Emmanuel Levinas nous trouvons la compréhension de l'éthique de l'altérité. Ce sont les principaux auteurs avec lesquels nous cherchons le dialogue. Le fondement est en interaction avec les voix des sujets impliqués dans la recherche, à travers les significations qui ont émergé de l'expérience de la bio-danse. Toro, en présentant la bio-danse, propose un système pour le développement et l'épanouissement des potentialités humaines, qu'il a organisées en cinq Lignes d'expériences: la Vitalité, la Sexualité, la Créativité, l'Affectivité et la Transcendance. Pour lui, la bio-danse est une nouvelle sensibilité face à l'existence, à travers la «poétique de la rencontre humaine», où chacun est invité à danser sa propre vie, ce qui a déclenché une nouvelle manière de vivre ses émotions. La pratique de la bio-danse est une proposition visant à créer un environnement pour l'apprentissage d'une nouvelle manière de vivre ses émotions qui suscite de nouvelles façons de regarder et de vivre la vie. En ce sens, il y a une réflexion sur les motivations, les transformations et les liens dans la "danse de la vie", parvenant à la conclusion suivante: les éthiques comme manière de vivre les relations avec soi-même, avec l'autre et avec la Terre, suscitées par les expériences de la bio-danse, surviennent dans une nouvelle manière de vivre les émotions. Cette nouvelle manière de vivre les émotions occasionne des changements dans les actions, créant un nouveau style de vie, avec des transformations marquées dans le mode de vivre et de partager la vie avec l'autre et dans la façon d'habiter la Terre, et ayant la vie comme centralité.

Mots-clés: Education biocentrique. Bio-danse. Éthique. Émotions.

RELAÇÃO DE IMAGENS

Imagem 1 - O Grupo de Biodanza na participação do XXII Encontro Nordestino de Biodanza.....	38
Imagem 2 - I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica.....	43
Imagem 3 - Rolando Toro, criador da Biodanza.....	49
Imagem 4 - Rodas de celebração	51
Imagem 5 - A vitalidade é animada pela vida, que é um convite à expansão.....	58
Imagem 6 - O grupo de Biodanza com expressiva alegria.....	62
Imagem 7 - A expressão da criatividade através do movimento corporal.....	66
Imagem 8 - O abraço é uma expressão da afetividade.....	70
Imagem 9 - O contato com o outro.....	116
Imagem 10 - Vivência de Verônica Toro, filha do criador da Biodanza.....	119
Imagem 11 - A intensidade da vida nos gestos de afetividade.....	120
Imagem 12 - A escuta atenciosa.....	123
Imagem 13 - A vida é um movimento de transformação.....	125
Imagem 14 - A existência na expressão corporal.....	129
Imagem 15 - De mãos dadas, contato e expressão afetiva.....	132

RELAÇÃO DE FLUXOGRAMA

Fluxograma 1 - O Modelo Teórico da Biodanza.....	52
Fluxograma 2 - Exercícios da Linha de Vitalidade.....	61
Fluxograma 3 - Exercícios da Linha de Sexualidade /Erotismo.....	65
Fluxograma 4 - Exercícios da Linha de Criatividade.....	69
Fluxograma 5 - Exercícios da Linha de Afetividade.....	74
Fluxograma 6 - Exercícios da Linha de Transcendência.....	79
Fluxograma 7 - Estrutura Teórica da Educação Biocêntrica.....	90

RELAÇÃO DE QUADROS

Quadro 1 ALGUMAS POSIÇÕES GERATRIZES.....	76
Quadro 2 EXERCÍCIOS UTILIZADOS DENTRO DE UMA SESSÃO DE BIODANZA....	85
Quadro 3 SÍNTESE DOS FINS DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA.....	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O PASSO A PASSO DO PERCURSO DA PESQUISA.....	18
1.1 PRESSUPOSTOS INERENTES AO CONTEXTO DESTA PESQUISA.....	20
1.2 PESQUISAS EM TORNO DA TEMÁTICA.....	21
1.3 MOTIVAÇÕES ENTRELAÇADAS ENTRE EDUCAÇÃO, BIODANZA E ÉTICA.....	24
1.4 INDICAÇÕES PARA O CAMINHO.....	29
1.5 O OBJETO DEFINE O MÉTODO.....	32
1.5.1 A Fenomenologia como Método.....	33
1.6 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	37
1.6.1 Os Sujeitos do Grupo de Biodanza como um Grupo Focal.....	38
1.6.2 Os Sujeitos Participantes da Entrevista.....	42
1.6.2.1 Entrevistas com Facilitadores Didatas.....	42
1.6.2.2 Sujeitos Entrevistados no Grupo Focal.....	46
1.7 OBSERVAÇÃO E DIÁRIO DE CAMPO.....	47
2 BIODANZA COMO MEDIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA	49
2.1 ORIGEM E DEFINIÇÃO DA BIODANZA	49
2.2 O MODELO TEÓRICO DA BIODANZA	52
2.3. A VIVÊNCIA COMO MÉTODO.....	55
2.3.1 As Linhas de Vivências.....	56
2.3.1.1 Linha da Vitalidade.....	58
2.3.1.2 Linha da Sexualidade.....	62
2.3.1.3 Linha da Criatividade.....	66
2.3.1.4 Linha da Afetividade.....	70
2.3.1.5 Linha da Transcendência.....	75

2.4 O MODO DE SER FACILITADOR DE BIODANZA.....	80
2.5 A SESSÃO DE BIODANZA.....	83
2.6 EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA.....	86
3 AS EMOÇÕES MOVEM A NOSSA EXISTÊNCIA.....	91
3.1 AS EMOÇÕES NAS DIFERENTES ERAS PSÍQUICAS DA HUMANIDADE.....	94
3.1 A EMOÇÃO QUE ESTRUTURA A COEXISTÊNCIA SOCIAL.....	100
4 REFLEXÕES EM TORNO DA EMERGÊNCIA DO <i>HOMO SAPIENS-AMANS ETHICUS</i> : O VIVER HUMANO NA RELIGAÇÃO E NA ALTERIDADE.....	103
4.1 ÉTICA DA RELIGAÇÃO	105
4.1.1 A Religação entre os Seres Humanos.....	106
4.1.2 A Religação com a Terra.....	107
4.2 ÉTICA DA ALTERIDADE.....	108
4.2.1 A Responsabilidade pelo Outro antecede a Liberdade.....	109
4.2.2 O Encontro com o Outro na Epifania do Rosto.....	111
4.2.3 O Infinito enquanto Desejo do Outro.....	112
5 MOTIVAÇÕES, TRANSFORMAÇÕES E VINCULAÇÃO AFETIVA.....	115
5.1 CAMINHOS QUE LEVAM À BIODANZA.....	116
5.1.1 Busca de Vínculos.....	116
5.1.2 Formação Profissional.....	119
5.1.3 Renovação Existencial.....	120
5.1.4 Efeitos Terapêuticos.....	122
5.1.5 Identificação com o Grupo.....	123
5.2 TRANSFORMAÇÕES.....	125
5.2.1 Ser Si Mesmo, Identidade Integrada.....	125
5.2.2 Criatividade Existencial.....	127
5.2.3 Da Percepção Corporal á Percepção Existencial.....	129

5.2.4 No Estilo de Vida.....	130
5.3 VINCULAÇÃO.....	132
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	143

1 INTRODUÇÃO: O PASSO A PASSO DO PERCURSO DA PESQUISA

Pesquisar, compreender, interpretar e construir uma tese fruto de uma pesquisa foi também um caminho criativo e carregado de variadas emoções, passando pela alegria da surpresa, do encontro comigo e com o outro no acontecer da investigação, até pelo medo do julgamento, da avaliação, experimentando no meu próprio corpo a potência da criação na satisfação de olhar o caminho percorrido e dizer “sim eu posso, estou caminhando”, e noutras vezes, sentir a impotência. Olhar para frente e me perguntar na incerteza: será que vou dar conta? Será que conseguirei fazer tudo que preciso para responder ao que é escrever uma tese? Assim, a criatividade passou a ser uma busca no estado de espírito e uma exigência no investigar, juntamente com a persistência na disciplina, num acoplamento de raízes e asas. Raízes na fundamentação teórica e vivencial e asas no modo de organizar e tecer todos os fios que foram se constituindo neste trabalho.

Minha questão de pesquisa: Quais são as éticas promovidas pelos participantes da Biodanza¹ a partir de suas vivências? Esta questão pode ser retratada no primeiro momento como “o menino e a pipa”, uma cena que vivi. Eu estava num ambiente que era uma casa para retiros espirituais, com um enorme jardim, com muito silêncio; parecia um ambiente onde eram proibidas as manifestações de qualquer brincadeira. Tudo era muito sério. De repente, não sei de onde, apareceu um menino com uma pipa, correndo de um lado para o outro, com seu olhar bem atento para o alto, soltando toda linha possível para que a beleza de seu brinquedo pudesse dar asas à sua imaginação, num ir e vir sem fim. E consegui me fazer parar e contemplar a cena que me parecia encantadora, me levando a refletir quanta ousadia teve aquele menino naquela singela brincadeira, naquele ambiente rígido, onde parecia muita coisa proibida, inclusive a liberdade de viver feliz, soltando a sua pipa naquele instante.

O conhecimento é uma construção da humanidade, que é desafiada em cada momento histórico a responder questões que se apresentam com muitas faces. O ato de conhecer, pesquisar e investigar sempre se pautou por uma dinâmica que é inerente ao próprio viver, às transformações. Transgredir é uma possibilidade de fazer ciência, almejando outros objetivos além dos que já estão estabelecidos. Se com Descartes a ênfase se deu no pensamento racional,

¹ Biodanza: esta palavra será escrita desta forma em todo texto por ser a marca registrada da Biodanza em mais de quarenta países: Biodanza Sistema Rolando Toro.

com a fragmentação da realidade, em vista de alcançar uma verdade, a ênfase de muitos pesquisadores na atualidade está na indissociabilidade razão e emoção, como um modo de pesquisar para contribuir na construção de uma vida mais humana. Este nosso trabalho está em sintonia com este princípio: pesquisar com a esperança de poder contribuir para uma vida mais humana e feliz. Esta foi a motivação inicial que se manteve e me levou a fazer os registros que hoje me possibilitam visualizar o caminho já percorrido.

Fazer uma pesquisa a partir da Biodanza foi uma oportunidade de poder me sentir muito próxima da emoção criativa daquele menino que, com os pés no chão daquele imenso jardim de grama muito verde que lhe dava sustentação, não se descuidou do olhar para seu objeto, a pipa. Este fazia as manobras para cá e para lá, soltando a linha e recolhendo quando se fazia necessário, usando as estratégias disponíveis para aquela aventura, que parecia maravilhosa, e que teria uma duração de um tempo já determinado, que não foi longo. O tempo foi somente o necessário para a urgência de sentir a vibração de sua pipa no ar. E este menino saiu correndo. Certamente foi em busca de outro lugar para continuar sua brincadeira.

A soltura de minha “pipa-pesquisa” que desejei fazer com criatividade, liberdade, ousadia e alegria, com os pés no chão da vida, com um olhar atento, de olhos voltados para a vivência da Biodanza, tomou esta direção impulsionada pelos ventos favoráveis, através dos colaboradores e participantes: os sujeitos, os teóricos, minha orientadora e os examinadores da banca. Todos estiveram comigo, dando mais e mais linha à minha “pipa-pesquisa”. Busquei olhar e tentei olhar por várias vezes, e de muitos ângulos, cuidando para que minha “pipa-pesquisa” pudesse fazer os movimentos necessários para se manter no ar, e dentro dos contornos que exigem o ambiente do conhecimento na academia, sem descuidar da minha liberdade e criatividade de ser a autora.

A minha “pipa pesquisa” esteve no ar, em movimento, e pouco a pouco foi mostrando as indicações para uma compreensão das éticas suscitadas pelas vivências da Biodanza, ao sabor dos ventos que encontrei no caminho. Apresento a seguinte tese: **as éticas suscitadas pelas vivências da Biodanza acontecem a partir de um novo emocionar. Esse novo emocionar desencadeia mudanças nas ações, gerando um novo estilo de vida, com acentuadas transformações no modo de conviver com outro e no modo de habitar a Terra, tendo a vida como centralidade.**

A criação de Toro, de dançar a vida na experiência de um novo emocionar pela vida mesma, pelo encanto de celebrá-la de modo deslumbrado, na vinculação com o outro, está

dentro da busca de responder o como viver a biologia do amor proposta por Maturana (2009), que mais tarde passou a usar a expressão Biologia do Amar, por entender que amar expressa efetivamente o que acontece no conviver. É a dinâmica do amar, como o fundamento do *bem-estar* no viver e conviver, em que o amar consiste em condutas relacionais, onde o outro é legítimo outro, o que fundamenta o respeito mútuo. Quando falam do amar, estão se referindo às nossas condutas relacionais, onde cada um que está envolvido nesta relação surge como legítimo outro na convivência (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p.126).

Através da Biodanza há a possibilidade de se concretizar um processo formativo, em vista do desenvolvimento de um ser humano vinculado ao outro pela emoção do amor, com uma conduta e ações de total aceitação do outro como legítimo outro, em todas as dimensões do seu viver. Neste sentido, a educação que estamos buscando através desse processo é aquela, como diz Brandão (2002, p. 64-65), que dirige às pessoas em nome do desenvolvimento humano, para que este possa ser em cada momento de sua vida, um ser humano no sentido mais pleno desta imagem e ideia. Um alguém que não é programado ‘para’, mas se transforma ‘em’, através do envolvimento e partilha de situações interativas e trocas de vivências, de saberes, de valores de sua própria cultura e de outras. É na partilha da aventura humana de criar sentidos, sentimentos e significados que o ser humano recria a sua possibilidade de seguir existindo e dando razões de ser e de viver de sua existência. Assim, a educação é um aprender a sair de si em direção ao outro. Educamo-nos mutuamente ao longo da vida, nas várias situações de interação com o outro, num vir a ser contínuo.

1.1 PRESSUPOSTOS INERENTES AO CONTEXTO DESTA PESQUISA

Esse trabalho de pesquisa se insere no contexto atual, que se configura como um tempo de profundas mudanças, que são compreendidas como mudanças paradigmáticas, trazendo novos conceitos e valores nos vários campos da vida, constituindo-se uma época de transição, de construção e de emergência do novo. Tempo marcado por reflexões e também por rupturas em torno do paradigma da modernidade, que teve como centro a razão. Esta como um modo privilegiado de conceber a realidade, dando origem ao desenvolvimento do pensamento científico, em detrimento de outros tipos de conhecimentos e saberes.

Ao compreender que toda a realidade está em movimento contínuo e que o próprio observador modifica o objeto, e ainda que a ciência está em busca de integrar novos saberes que foram relegados ou considerados não científicos, fui em busca dos vários fatores que configuram um olhar múltiplo sobre esta realidade, integrando os aspectos objetivos e subjetivos. A atitude de abertura para pesquisar e ampliar possibilidades me encaminhou para este modo de investigar, integrando neste tempo *prosa e poesia*, (MORIN, 2000), como um modo de também fazer pesquisa e ciência.

Dentro desta perspectiva, foi realizada esta pesquisa no campo educacional sobre a Biodanza e suas repercussões éticas, como um processo educativo e de formação para um conviver em profunda conexão com a vida.

1.2 PESQUISAS EM TORNO DA TEMÁTICA

Ao enveredar por este percurso investigativo, senti a necessidade de conhecer o que os pesquisadores já trilharam para construir um determinado conhecimento com pesquisas realizadas em torno da Biodanza, pois o conhecimento se faz pelo acúmulo, experiências, questionamentos e descobertas que se realizam coletivamente, num vai e vem mobilizador, através da curiosidade humana que sempre deseja mais. Desse modo, organizei na minha possibilidade um Estado do Conhecimento sobre a Biodanza como tema central, e suas relações com outras áreas do conhecimento. Tornou-se imprescindível conhecer pesquisas relativas à temática em estudo já realizadas ou em andamento, em vista de ampliar o próprio conhecimento da temática, numa atitude de abrir um leque de diálogo com vários autores que buscaram um olhar sobre este mesmo tema.

Neste levantamento, observei que a Biodanza é um tema que vem suscitando interesse em vários espaços de estudo e de conhecimento para além dos muros da academia. O conhecimento sobre a Biodanza vai adentrando as academias através de grupos de pesquisa, de projetos de pesquisa aprovados em cursos de pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado, e também como projetos de extensão. Apenas para citar um exemplo, é o que acontece na Universidade Federal da Paraíba, através do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Educação Popular, sob a orientação da professora Dr^a Elisa Pereira Gonsalves. A Biodanza já foi também tema de estudos no Grupo de Trabalho Educação

Popular, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação-ANPED, através das pesquisadoras Dr^a Ana Maria Borges e Dr^a Elisa Pereira Gonsalves.

A Biodanza é coordenada pela International Biocentric Foundation (IBF), que tem sua marca registrada como Sistema Biodanza em mais de quarenta países, e coordena as escolas formadoras de professores de Biodanza em trinta e um países, somando um total de cento e cinquenta e três escolas, sendo que no Brasil estão sediadas vinte Escolas de Biodanza Sistema Rolando Toro. Para a titulação nestas escolas, o candidato passa por uma exigente formação teórica e prática, com estágio de facilitação de grupos de Biodanza, além de elaboração de monografia referente ao sistema, que é apresentada a uma banca de avaliação com três professores do Sistema Biodanza. Estes avaliam o aluno seguindo os critérios do rigor científico, ético e vivencial. Desse modo, temos inúmeros estudos em todo o mundo relacionados com a Biodanza, o que tem fortalecido o seu desenvolvimento e expansão. Essas escolas já formaram cerca de três mil professores de Biodanza.

Os estudos e pesquisas na academia em torno da Biodanza são recentes, datam somente da última década. É o que nos mostrou o levantamento realizado. O surgimento da Biodanza como teoria e prática se deu 1960, no Chile, através do antropólogo Rolando Toro. Portanto, é um tema recente, que tem despertado muitos pesquisadores, a partir de suas vivências. Por isso, os trabalhos, estudos e pesquisas em torno desta temática são voltados para os efeitos provocados pela vivência do sistema Biodanza, a partir de uma perspectiva de intervenção e prevenção.

Se considerarmos somente os trabalhos realizados nas academias e publicados em revistas científicas, podemos dizer que as pesquisas científicas em Biodanza estão em sua fase inicial.

No exercício de busca dos artigos científicos em periódicos, que são avaliados e com *qualis*, foi encontrada a publicação de dois artigos de uma mesma autora, tratando do significado da Biodanza como fonte de liberdade e autonomia no viver humano, e como um processo de renovação existencial do idoso. Estes artigos foram construídos a partir da pesquisa para uma tese de doutoramento em Enfermagem, da Universidade de São Paulo, em 2005. Por outro lado, seguindo os padrões de artigos científicos, encontram-se inúmeros artigos tratando da temática da Biodanza em outros espaços de construção do conhecimento e publicados através da rede mundial de comunicação. Encontra-se disponível a Revista Eletrônica Pensamento Biocêntrico, desde 2004, com a publicação de quatorze edições até

dezembro de 2010. É um periódico de um grupo de pesquisa CNPq Teia da Vida, que trata dos eventos e trabalhos científicos da Biodanza.

No levantamento realizado em dezembro de 2009 e atualizado em março de 2010, no banco de dados sobre teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nesta última década, utilizando somente a palavra Biodanza, encontramos quatorze trabalhos, sendo três teses de Doutorado e onze dissertações de Mestrado. As teses estão na área de Psicologia (tratando da experiência de grupo de terceira idade, na busca de um espaço cordial, uma reeducação afetiva; uma forma de suprir as carências e ausências da família pelo grupo e o seu contato. Um estudo psicológico da Biodanza com idosos); na área de Enfermagem (a Biodanza como um processo de renovação existencial do idoso) e Educação (Infância e Violência, estudos realizados a partir da vivência de um grupo de Biodanza na escola). Todos os estudos foram realizados a partir de uma perspectiva de intervenção, analisando os efeitos da Biodanza na vida dos sujeitos da pesquisa, tratando de duas faixas etárias que têm suscitado vários estudos (infância e terceira idade), pela sua relevância em nossa sociedade e pelos problemas e desafios que estão associados a estes dois polos da vida na atualidade. Estas foram as universidades que desenvolveram tais pesquisas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Católica de Campinas e Universidade de São Paulo.

Nas onze dissertações, estas foram as questões abordadas: a Biodanza e o auto-conceito do idoso, a Biodanza e o desenvolvimento pessoal do educador, educar com arte a partir das atividades da Biodanza, a experiência do sagrado em Biodanza, a Biodanza como expressão de religiosidade da sociedade contemporânea, Biodanza no trabalho com mulheres recicladoras de lixo, Biodanza e um olhar biocêntrico sobre a saúde, Critividade e Biodanza, Criatividade, Identidade e Arte: trabalho com grupos em saúde mental e Educação: um convite ao movimento da vida. Os Programas de Pós-Graduação que desenvolveram estas pesquisas fazem parte de tais Universidades: Universidade Católica de Brasília, Universidade Federal de Alagoas, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Católica de São Paulo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Estadual do Ceará, Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Ao continuar o levantamento sobre o conhecimento da temática em estudo nos livros e capítulos de livros, realizado pelo sistema de busca na rede mundial de comunicação, em

março de 2010, constata-se que as publicações são escassas, encontradas a partir do ano de 2003, na área de Educação, e capítulos de livros na área de Psicologia e Medicina. Por outro lado, há uma grande circulação de livros nas escolas de Biodanza, de autoria do Rolando Toro e autores tais como: Agostinho Mario Dalla Vecchia, Carla Coelho, Cássia Regina, Feliciano Flores, Cezar Wagner de Lima Góis, Elisa Pereira Gonsalves, José Carlos Pereira, Maria Lúcia Pessoa Santos, Rute Cavalcante e outros.

Dentro do que foi percebido nas pesquisas em nível de pós-graduação, voltadas para a Biodanza, a minha pesquisa realizada na Universidade Federal de Alagoas, no Mestrado em Educação, em 2003, intitulada *O desenvolvimento pessoal do educador através da Biodanza*, em torno do trabalho com a “dança da vida” e o desenvolvimento humano com educadores, também teve o mesmo enfoque, como uma tendência comum das pesquisas já realizadas, que é a análise da intervenção e prevenção, através da prática da Biodanza. Essa dissertação de Mestrado teve como foco o estresse do professor e as possibilidades de prevenção e intervenção através da Biodanza.

1.3 MOTIVAÇÕES ENTRELAÇADAS ENTRE EDUCAÇÃO, BIODANZA E ÉTICA

A pesquisa bibliográfica sobre a Biodanza permitiu uma percepção de que minha intenção de pesquisa poderia ter uma relevância significativa, com a possibilidade de integrar Educação, Biodanza e Ética como uma contribuição para o conhecimento da Biodanza integrada à educação, e suas repercussões éticas a partir do Princípio Biocêntrico como um processo formativo e de educação para a humanização. Foi num contexto educacional que nasceu o meu projeto para o doutorado, no sentido de ampliar e estabelecer conexões com uma reflexão ética. Assim, passo a passo, o caminho se fez, seguindo a pretensão de aprofundar esta temática pelo viés condutor da ética. Desejo que emergiu da minha experiência de uma década com a Biodanza e a possibilidade de questionar sobre a atuação desse sistema na vida dos seus participantes.

A indagação da pesquisa foi passando por um processo de amadurecimento teórico, e foi transformando a pergunta norteadora, mas sem perder de vista a temática da ética ou das éticas promovidas pelos participantes da Biodanza a partir de suas vivências. A minha pergunta inicial girava em torno da ética, no singular, mas aos poucos passei para a perspectiva plural: as éticas suscitadas pela Biodanza, através de sua proposta vivencial, que é um processo de uma educação para viver de modo pleno e feliz.

As éticas, no sentido de refletir sobre a conduta nas relações do ser humano consigo, com o outro e com o seu meio. Éticas não apenas no sentido de um princípio filosófico ou de um conjunto de normas justificados racionalmente, que deverão ser obedecidos. Neste sentido, Maturana (2009b, p.18) diz que a ética tem um fundamento biológico, pela nossa história evolutiva de seres sociais, o que acontece ao outro nos comove e nos interessa espontaneamente, sem justificativas racionais. Ele faz uma distinção entre moral e ética, dizendo que a moral são as normas e os princípios, e existem tantas, de acordo com os critérios culturais estabelecidos. Para ele, existe somente uma ética, proveniente de nosso interesse pelo outro, como seres sociais que somos, sem justificativas. O outro nos interessa e nos comove, de modo espontâneo. A partir do sentido de ética de Maturana, vou utilizar éticas no plural para falar das relações, comigo, com o outro e com o meio, no sentido do cuidado e interesse pelo outro como seres sociais.

Com esta investigação a nossa pretensão é contribuir para os estudos na área de Educação Popular, analisando e investigando, na teoria e na prática, as éticas provenientes de uma nova sensibilidade com relação à vida, através das vivências propostas pelo sistema de Biodanza. A nossa contribuição para a Educação Popular está na perspectiva de que esta tem como objetivo desenvolver a autonomia e libertação de cada ser humano.

A Biodanza entrou na minha vida em 1994, no mesmo período em que eu estava iniciando a minha experiência como educadora, numa escola pública. Fazer Biodanza como aluna, em um grupo regular, e ser professora de adolescentes, jovens e adultos no Ensino Fundamental passou a ser um caminho educativo, formativo e estimulador para viver a vida de educadora, também como um aprendizado.

Ser educadora num processo de ensinar e aprender nas várias possibilidades, pelos desafios cotidianos, na relação professor e aluno, na interação com os profissionais do ambiente escolar e através da minha frequência assídua às aulas de Biodanza, como uma aluna, foi um tempo propício de vivenciar, sentir e tomar consciência de como eu estava no processo educativo, e como eu mesma poderia olhar a educação com olhos de esperança, transformando as dificuldades em um impulso, em uma vontade e determinação para a superação.

Assim, o trabalho educacional e a Biodanza significaram uma rede de estimulações recíprocas. Uma experiência alimentava a outra, para as aprendizagens que se faziam necessárias, sobretudo na interação com as pessoas: alunos, professores e pais. Este

entrelaçamento de muitos fios, como numa rede, permitiu ver a escola para além da burocracia e dos processos formais.

Passei a ver a escola como um encontro de pessoas que sonham, que interagem através de múltiplas experiências, em vista de um conhecimento para uma vida melhor. Percebi a escola como interação de expectativas positivas para os alunos e os pais que a procuravam, estes acreditando que a escola seria garantia de um futuro melhor, diferente do que já experimentavam em sua própria realidade. Vi ainda que esse conhecimento escolar só teria sentido se tocasse diretamente a vida destas pessoas.

A escola poderia ser um lugar de entusiasmo para ensinar e aprender, no encontro com as pessoas e no encontro de diferentes gerações, como bem coloca Arroyo(2001,p.61), quando diz que nós poderemos construir uma escola menos desumana para nós profissionais e para os nossos educandos. Estava muito presente em mim um entusiasmo pela educação como uma possibilidade de formação de nossa humanidade, e a crença de que através dessa educação poderíamos ser pessoas mais humanas e mais felizes.

A sensibilidade ao outro, a abertura para o diferente, o desejo de construção de uma educação mais comprometida com as possibilidades de superação das opressões cotidianas vivenciadas pelos alunos, e o acreditar nos seus sonhos, se fizeram presentes, a orientar a minha opção, e a indicar de que modo eu poderia ser como educadora. Desejei ser uma educadora comprometida comigo mesma e a com a vida dos meus alunos, estimulada pelos princípios e vivências da Biodanza.

Das minhas inquietações teóricas e do meu entusiasmo pela Biodanza nasceu a minha pesquisa de Mestrado. A perspectiva do projeto tinha em vista a pessoa do educador e as possibilidades de transformação na interação com os alunos. Tivemos a oportunidade de analisar a *síndrome de desistência de educadores* provocada pelo *mal-estar docente*, deixando o educador numa situação de impotência diante de sua missão de educar. Foi apresentada a Biodanza como uma proposta de intervenção para saída deste sofrimento psíquico do educador na interação com seus alunos. Esta pesquisa apontou algumas direções consideradas fundamentais para o desenvolvimento pessoal do educador e seu fortalecimento, diante dos enormes desafios de sua profissão: o despertar e o desenvolver de utopias nos educadores; a proteção emocional do educador através da comunicação subjetiva num grupo; a consciência da corporeidade; a não separação entre a identidade pessoal e profissional.

Pesquisa realizada na Universidade Federal de Alagoas, no Mestrado em Educação, em 2003, intitulada *O desenvolvimento pessoal do educador através da Biodanza* (DIAS,2003).

O projeto para o doutorado nasceu da necessidade de ampliar minha pesquisa de Mestrado, estabelecendo conexões com uma reflexão ética. Minha intenção era aprofundar esta temática, de modo entrelaçado: Educação, Biodanza e Ética, seguindo inicialmente o viés condutor da “Ética do Cuidado” (BOFF, 2004), como um modo de ser essencial do ser humano e sua compaixão pelo planeta Terra, aspectos esses a serem ressignificados na educação e na vida de nós educadores, como uma fundamentação para a humanização de nossas escolas e de todo e qualquer espaço formativo e educativo.

Ao longo da minha experiência de dez anos como facilitadora de Biodanza, fui percebendo a importância da dimensão ética nos processos desenvolvidos nos grupos de Biodanza, como poderemos perceber nos vários depoimentos dos sujeitos entrevistados, e nos relatos das vivências que estão presentes no desenvolvimento deste trabalho, como por exemplo, a mudança para um novo estilo de vida pautado pelo amor, no respeito por si e pelo outro. Com a percepção de que na Biodanza é possível acontecer esse processo educativo e formativo ao longo da vida e atuando para um novo estilo de vida, formulei a questão sobre as éticas que estão presentes, e estão sendo desenvolvidas a partir das vivências de Biodanza. Como nos diz Garaudy (1980, p.3) “Que aconteceria se, em vez de apenas construirmos nossa vida, tivéssemos a loucura de dançá-la?”, e afirma: “É que a dança não é apenas uma arte, mas um modo de viver”. É nesse modo de viver que ancoramos nossa reflexão sobre as éticas.

O contexto onde estamos inseridos revela um modo de ser da realidade que se manifesta com inúmeras expressões de não cuidado com a vida, tais como: violência, destruição do meio ambiente, esgotamento da natureza, preconceitos, intolerância, isolamento das pessoas, descrédito nas instituições etc. Segundo Boff, este difuso mal-estar da civilização aparece sob as formas de descuido, de descaso e de abandono (2004, p.18). A falta de cuidado com a vida está em todas as dimensões do nosso viver. É o reflexo de uma sociedade em momento caótico e ao mesmo tempo, em busca de novos significados, por isso emergem os questionamentos: Será que estamos diante de um caminho sem saídas? O que nos fundamenta para uma orientação em que a vida seja o centro irradiador? É possível mudanças neste nosso sistema que vive na perspectiva patriarcal? O que é viver de um modo ético? Será que a Biodanza pode suscitar um modo de viver ético? E quais são estas éticas?

Mesmo diante de todos os sinais de não cuidado com a vida, parti da compreensão de que a dimensão do cuidado é parte essencial do nosso existir; que o cuidado é um modo de ser de nossa natureza, da nossa constituição como ser humano. Pelo cuidado nos estruturamos e nos damos a conhecer (BOFF, 2004, p. 11-34). Segundo este autor, no cuidado está o *ethos* fundamental do humano. É um modo de ser, e sem cuidado este deixa de ser humano. A ética é proveniente do *ethos*, expressão grega que significa morada, um modo de morar, um conjunto de relações pra que esta morada seja de cooperação, seja pacífica, seja de felicidade. É um modo de ser das coisas e das pessoas para que todos sejam felizes.

Esta reflexão em torno das éticas pretende ser uma contribuição na reelaboração dos processos significativos da vida, numa dinâmica educativa e formativa na interação com o outro, tendo a vida como referencial primeiro, como força de superação. E assim, levantamos as seguintes questões:

- 1- A Biodanza, enquanto processo formativo, é capaz de orientar novas posturas éticas?
- 2- Que relação é possível fazer entre a nova Estética Antropológica que objetiva a descoberta das vertentes humanas da beleza interior proposta por Toro (1997) e uma postura ética?
- 3- Quais são as éticas que orientam e mobilizam o ser humano para celebrar a vida, encontrando um sentido para viver e ser feliz?
- 4- Como a Biodanza desenvolve um processo educativo para um novo estilo de vida?

A vida é um constante devir. Viver e ser feliz é o nosso maior desafio. Sendo o ser humano o criador de si mesmo conforme sua vontade, necessidades, e possibilidades, este se vê diante da encruzilhada de decidir seu próprio destino. O futuro se constrói neste presente. O que buscamos, o que nos faz felizes, o que é essencial neste viver e ser feliz? As perguntas se referem ao sentido do próprio viver, ao estilo de vida e ao seu modo de ser, pois ser ético é também um escolha a partir das interações possíveis, dentro dos contextos biológicos, sociais e culturais.

Neste sentido a própria motivação que orienta esta pesquisa está assentada em uma ética que visa pessoas felizes e solidárias, conforme a perspectiva de Assmann e Jung, em seu livro *Competência e Sensibilidade Solidária: educar para a esperança*, (2001).

1.4 INDICAÇÕES PARA O CAMINHO

O ponto de partida para o percurso metodológico foi marcado pela tensão criativa de um aguardar algo que poderia emergir através das primeiras indicações, e que aos poucos, passo a passo, o caminho foi sendo construído. Como bem ressalta Morin (2000), a ciência é uma aventura da razão humana, que busca dialogar com os dados e os fatos, mas compreende que a ciência não é somente razão, mas se apresenta sobre quatro pilares: imaginação e verificação, racional e empírico. Busquei fazer esta articulação com a imaginação, ao viver um estado de procura, no desejo de fazer um trabalho que fosse uma contribuição científica na construção de um mundo mais humano e mais feliz.

Pesquisar foi para mim também uma forma de aguçar a curiosidade e a imaginação, desvelando o que é inerente a nós, seres humanos: o desejo inquietante de conhecer e de compreender. E para investigar, a minha questão foi transformada em objeto de procura, de problematização, de questionamentos, em vista de compreender um fenômeno social a partir da observação e atenta escuta dos significados dos sujeitos envolvidos, não somente como sujeitos que opinaram sobre um determinado tema, mas como sujeitos que vivenciaram e expressaram os significados de sua experiência, numa linguagem a partir do sentir. Portanto, uma fala carregada de emoção, que é a experiência dos que vivenciaram a Biodanza.

Para compreender este fenômeno, neste entrelaçamento de Educação, Biodanza e Ética, fui tecendo esta construção com os fios provenientes dos vários contextos, considerando o pessoal e o grupal, o local e o global, numa perspectiva de complexidade e de rede.

Busquei inspiração em Morin (2000), que concebe a realidade de modo multidimensional, associando razão e emoção, uno e diverso, objetivo e subjetivo, intelecto e intuição, o profano e o sagrado, o individual e o coletivo, levando em conta o imprevisível e o incerto, através do paradigma da complexidade.

Morin não propõe o abandono da lógica, mas uma “combinação dialógica entre a sua utilização, segmento por segmento, e a transgressão nos buracos negros, onde ela para de ser operacional” (2000, p. 201). Faz-nos refletir que a imaginação e o sonho desempenham um papel enorme, mas estes não são registrados em fórmulas matemáticas, e que ser um pesquisador é ser aquele que tem a curiosidade de uma criança.

Neste sentido, Morin chama a atenção para uma inadequação profunda entre os nossos conhecimentos compartimentados, disjuntivos e disciplinares, e a realidade que é

multidimensional. Portanto, é pelo diálogo entre as múltiplas dimensões que poderemos compreender a realidade humana, que é incerta e movente.

Para Morin, ainda estamos numa época em que temos um velho paradigma, que nos leva a disjuntar, a simplificar, a reduzir, a formalizar, sem poder conceber os conjuntos ou a complexidade do real. Ele compreende que sua contribuição para o pensar complexo tem o objetivo de articular o todo com as partes, o global e o particular, as certezas e as incertezas, o separável e o inseparável, num ir e vir incessante. Portanto, “o pensamento complexo, longe de substituir a ideia de desordem por aquela de ordem, visa colocar em dialógica a ordem, a desordem e a organização” (2000, p.199).

De acordo com Morin, estes são alguns princípios para pensar a complexidade: *Princípio sistêmico ou organizacional* - liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo, onde o todo é mais do que a soma das partes; *Princípio hologramático* - a parte está no todo, mas o todo também está na parte. Cada célula é parte do todo - organismo global - mas o próprio todo está na parte; *Princípio do circuito retroativo* - permite o conhecimento dos processos de autorregulação. Rompe com o princípio de causalidade linear: a causa age sobre o efeito; *Princípio da recursão organizacional* - supera a noção de regulação com a de autoprodução e auto-organização. É um anel gerador no qual os produtos e os efeitos são produtores e causadores do que os produz (MORIN, 2000).

Para este autor, “nós só sairemos da nossa barbárie mental quando formos capazes de considerar a complexidade dos fenômenos” (2000, p.154). E assim, deixou-nos um convite: “trabalhem, portanto, para pensar bem”, que é o pensar a partir do paradigma da complexidade.

Trabalhar para o pensar bem acarretará muitas repercussões para o viver bem, num sentido ético entre os humanos, e na sua integração e pertencimento ao planeta Terra, numa nova compreensão de si, “pois a verdadeira complexidade humana só pode ser pensada na simultaneidade da unidade e da multiplicidade” (MORIN, 2007a, p. 90). Por isso, este mesmo autor compreende que para conhecer a condição humana não devemos ficar somente nas ciências, pois a literatura, a poesia e outros aspectos da vida são fenômenos que manifestam quem somos. Este caminho de unidade da vida na complexidade de suas dimensões também foi percorrido por Toro na criação da Biodanza, onde se encontram interligados, tecidos em conjunto, os vários tipos de conhecimento e experiências, como por exemplo Biologia, Mitologia, Artes, Filosofia, etc.

Para Maffesoli (2007), a vida não se enquadra nos critérios que utilizamos para captar a realidade. Transcende-nos sempre. Neste sentido, ele nos convida a voltarmos nossa atenção para os fenômenos minúsculos, incoerentes, pontuais e insensatos que constituem o que é essencial na estruturação individual e social, apresentando sua compreensão do objeto da pesquisa social como movente e desordenado. Segundo ele, para apreender o conhecimento talvez fosse preciso considerá-lo como uma mistura de rigor e poesia, de razão e paixão, de lógica e mitologia. Isso demonstra o seu modo de pensar, introduzindo na análise social as dimensões míticas e imaginárias, dimensões negadas pelo racionalismo. Uma compreensão da sociedade como um todo. Propõe uma integração do que é movente, do que é frágil, do que é irreal na elaboração das ciências do homem. Sua pretensão é mostrar que é quase impossível compreender a realidade humana, se retiramos aspectos ou omitimos dimensões essenciais no tecido complexo da sociedade.

Segundo Maffesoli (2007, 58-59), uma epistemologia renovada tem sentido se esta põe a pensar não de modo fechado, mas com toda atenção no vivido e nas práticas cotidianas. Não se enclausurar num conhecimento rígido, mas enxergar na banalidade da vida cotidiana uma organicidade dada num mesmo patamar entre o político, o econômico, os sentimentos e as emoções. Ele diz: “me proponho a expor o que poderiam ser as premissas epistemológicas de um compêndio de ‘senso comum(nologia)’”. Compreende que assim como há diferentes modos do fazer científico, há diferentes modos de pensar. Ele está propondo seu modo de pensar, a partir de críticas ao positivismo, constatando que tudo o que este pretendeu apagar e unidimensionalizar teve como resultado um retorno revigorado, demonstrando que não existe saber absoluto. Faz a reflexão da dimensão contraditória “na estática e na dinâmica das sociedades”, e acrescenta que “a heterogeneidade mundana nos interdita o acesso ao saber absoluto”. Mesmo sabendo que a razão tem uma pretensão de validade universalizante, reconhece que a razão é mutável, em função de um lugar e de uma época.

Segundo Maffesoli e Morin, para compreender a realidade é preciso compreender a organização complexa das pessoas e das coisas com seus desdobramentos. Portanto, aprisionados ao rigor e às “medidas lógicas”, poderemos não apreender a vida como ela é, pois a pluralidade da própria existência não se ajusta a uma lógica redutora. Tudo isso para que a paixão pelo conhecimento “culmine com um pensamento que se tenha reconciliado com a vida”, em que o pesquisador assuma “uma postura dionisíaca que emprega a analogia, a metáfora e outros procedimentos ‘acariciantes’ que não pretende reduzir o real, indicar-lhe a direção certa, mas que se contenta em ressaltá-lo, epifanizá-lo”(MAFFESOLI, 2008, p. 23).

Com estes pressupostos fomos tendo as primeiras indicações para a construção do percurso metodológico, em vista de responder às interrogações do nosso interesse de pesquisa. Nestas indicações já estava presente a opção na perspectiva de um conhecimento para transformar a realidade, pois um conhecimento que não chega a nos construir em seres humanos mais humanos, e pertencentes a um novo modo de ser desse planeta poderá ser inútil. Foi nosso desejo construir uma pesquisa para a humanização, para a liberdade e para uma vida feliz, tendo nas experiências vividas nosso ponto de partida.

1.5 O OBJETO DEFINE O MÉTODO

O objeto de pesquisa foi definindo o método, configurando uma pesquisa qualitativa fundamentada na fenomenologia, numa perspectiva a partir da teoria da complexidade, que pensa a ciência em sua totalidade, superando uma visão linear e fragmentada da realidade. O passo a passo desse itinerário foi vivido nesta vibração de fazer *ciência com consciência*, integrando neste tempo *prosa e poesia*, como fala Edgar Morin (2000).

Na pesquisa, o objeto determina o método a ser adotado para captar a realidade, como afirma Flick (2004, p.17) : “Cada método baseia-se em uma compreensão específica do seu objeto”. A natureza do nosso objeto é inacabada e aberta, em permanente estar sendo e nunca em estado completo, pois estamos pesquisando o ser humano e suas relações, a partir de sua experiência vivida com a Biodanza.

A construção do caminho para esta tese se deu na dinâmica de uma constante integração: um olhar para a teoria, através da pesquisa bibliográfica, buscando uma fundamentação teórica; e outro olhar para observar e compreender as experiências vividas dos participantes da Biodanza, mediado pela corporeidade viva da pesquisadora. Segundo Flick (2004, p.22), “as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são partes do processo de pesquisa”. E o olhar sobre as éticas vividas na Biodanza foi uma construção, a partir das subjetividades de todos os sujeitos envolvidos neste processo.

O pesquisador, na pesquisa qualitativa, tem especial importância com suas competências comunicativas, nos diz Flick (2004, p. 70), chegando a ser o principal instrumento de coleta de dados e de cognição, por isso não existe um papel neutro nos seus contatos, nas entrevistas e nas observações. Assim, meu objeto de pesquisa me encaminhou

para a fenomenologia como método, que conforme Silva (2006), é um método que busca compreender os significados da experiência vivida.

1.5.1 A Fenomenologia como Método

A Fenomenologia é uma escola filosófica que surgiu na Alemanha, com o pensador chamado Edmund Husserl, nascido em 1859 e falecido em 1938. Era matemático, e teve grande influência do filósofo Franz Brentano (1838-1917), que estava muito interessado na nova ciência humana: a psicologia. A família de Husserl pertencia a uma minoria alemã em território eslavo e fazia parte da comunidade hebraica. Por volta dos 28 ou 30 anos de idade, já residindo em Viana, torna-se um cristão evangélico. Para ele, Cristianismo e Filosofia teriam uma conotação de universalidade (ALES BELLO, 2004, p. 18-19).

Fenomenologia é uma palavra de origem grega que contém duas partes: *fenômeno*, aquilo que se mostra, que se manifesta, e *logia*, que vem de *logos*, que significa palavra, pensamento (capacidade de refletir). Fenomenologia é o estudo dos fenômenos, estudo daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. E consciência, de acordo com Husserl (2006, p.161), “tem em geral a peculiaridade de ser um flutuar que transcorre em diferentes dimensões, de modo que não se pode falar de uma fixação conceitual exata”. Portanto, fenomenologia é o estudo da própria coisa que se percebe, em que se pensa, em que se fala, onde não forja a formulação de hipóteses. O que importa é a descrição do fenômeno tal como este nos apresenta (LYOTARD, 2008, p.9). Este manifestar passa por níveis diferenciados da consciência. Segundo Ales Bello (2006, p. 33), “temos o primeiro nível de consciência que é o nível dos atos perceptivos, e um segundo nível de consciência que é o nível dos atos reflexivos”.

Para Ales Bello (2006, p. 18), a questão é o que é que se mostra e como se mostra. Quando falamos que algo se mostra, estamos falando que algo se mostra para nós seres humanos. Somos nós que buscamos o significado daquilo que se mostra. E para compreender o sentido não somente das coisas físicas, mas também culturais, fatos, eventos etc., temos que fazer uma série de operações, pois nem sempre compreendemos tudo de modo imediato.

Segundo Levinas (2007, p.18-19), a fenomenologia traz o novo vigor da ideia medieval de intencionalidade da consciência, pois toda consciência é consciência de alguma coisa. Não

é possível uma descrição sem um objeto pretendido. Portanto, “é uma focagem intencional que não é um *saber*, mas que, nos sentimentos ou aspirações, é, com o seu próprio dinamismo, ‘afectivamente’ qualificada”. Os modos de a consciência ter acesso ao objeto são dependentes da essência dos objetos. É estar junto às coisas para esclarecer, “não respondendo apenas à pergunta de saber ‘o que é’, mas à pergunta ‘como é o que é, que significa que ele seja?’”. Husserl é considerado o verdadeiro iniciador da fenomenologia por ter dado este conteúdo novo a uma palavra antiga (DARTIGUES, 2008), isso no final do século XIX e início do século XX.

Segundo Husserl (2006, p. 161), “no que concerne à fenomenologia, ela quer ser uma doutrina eidética descritiva dos vividos transcendentais puros”. De acordo com Ales Bello (2006, p. 22-28), o método fenomenológico de Husserl é dividido em duas partes: a primeira parte se refere à busca do sentido dos fenômenos: a redução eidética ou redução à essência; a segunda parte, como é o sujeito que busca o sentido, à redução transcendental.

A redução eidética é a possibilidade de reduzir a existência dos fatos, em vista de ir em busca de sua essência. É o que Husserl trata de colocar entre parênteses a existência em vista de ir em busca dos significados. Não interessa os fatos em si, como era a proposta do positivismo. Isto é o óbvio. O que interessa é colocar em evidência a essência. É bom lembrar que este filósofo estava interessado em apresentar um modo de fazer pesquisa diferente do positivismo.

A segunda parte do método trata da redução transcendental, isto é, redução ao sujeito. A dimensão transcendental trata da estrutura do sujeito humano na sua universalidade. O tema do sujeito era comum a Descartes e Kant. Só que Husserl leva em consideração a posição destes filósofos e se afasta dos mesmos. O transcendental é o que faz parte da subjetividade do sujeito, e a coisa percebida é o transcendente. A estrutura transcendental do sujeito é constituída por vivências que temos consciência. Temos vivências que passam do corpo à percepção, e outras que são reflexão, lembrança, memória, imaginação e fantasia. Todas estas vivências fazem parte da estrutura de todo ser humano. A estrutura é universal, mas o conteúdo destas vivências é diferente para cada indivíduo. Algumas destas vivências são relacionadas ao mundo externo e outras à vida interior. As vivências do ser humano têm qualidades diversas e remetem às três dimensões: corpo, psique e espírito (ALES BELLO, 2004, p. 49-55).

O sujeito tem uma percepção através dos sentidos, e toma consciência desta percepção. É o que Husserl chama de vivência. Mas não significa que de toda vivência o indivíduo faz uma reflexão. Todas as coisas estão ao nosso redor, e nem sempre estamos nos relacionando com as mesmas. Percebemos as coisas quando nos direcionamos ou tendemos a elas. É o que Husserl chama de intencionalidade. Ainda segundo Husserl (2006, p. 136), “a fenomenologia é então, com efeito, uma disciplina puramente descritiva, que investiga todo o campo da consciência transcendental pura na intuição pura”. Assim, Ales Bello (2004, p. 95) nos diz que quando Husserl fala do ‘eu puro’, quer dizer da estrutura das vivências que se unem nestes três grupos: corporal, psíquico e espiritual.

A percepção serve para conhecer a realidade externa. É esta relação intencional com o objeto a ser percebido. Esta percepção é parte da estrutura transcendental do ser humano, faz parte do sujeito que percebe. Assim, temos atos que são provenientes das sensações através dos sentidos numa vivência corporal, outros atos são provenientes da vivência psicológica, que simplesmente acontece, como os impulsos e as vivências do espírito que estão no âmbito da atividade de reflexão, de compreensão, de decisão, do pensar. A análise fenomenológica tem seu ponto de partida na percepção corpórea, no tomar consciência de algo, e chega ao nível da reflexão sobre esta percepção. Corpo, psique e espírito de modo integrado, conectados e inseparáveis.

Conforme Ales Bello (2006, p. 45), a novidade da abordagem de Husserl é o campo da consciência que não está em nenhuma destas três dimensões (corpo, psique e espírito), mas é visto como um ponto de convergência das operações humanas, que nos possibilita dizer o que estamos dizendo ou fazer o que estamos fazendo como seres humanos. Somos conscientes que temos a realidade corpórea, psíquica e espiritual, e fazemos o registro através dos nossos atos. Assim, é possível conhecer o ser humano através dos atos que fazem parte da estrutura universal. Todos têm, mesmo que não ativem, mas a têm em potencial, a capacidade de perceber, recordar, imaginar, fantasiar e refletir.

Chegamos à consciência através dos atos que podem se situar na esfera corpórea, psíquica e espiritual. Para Husserl, nós como seres humanos, exercemos vários atos e tomamos consciência dos mesmos, através da percepção, distinguindo-os. Um dos atos que nos permite distinguir uma pessoa de uma coisa material é o que ele chamou de empatia ou entropatia, que é a nossa capacidade de sentirmos imediatamente que estamos em contato com outro ser humano e podemos falar em “nós”. O ato entropatia significa que sinto a existência de um

outro ser humano como eu. É uma apreensão imediata do outro como semelhante e não como idêntico. E todos os seres humanos realizam o mesmo ato quando encontram outro ser humano. Pela entropatia, temos as relações intersubjetivas, cujas vivências levam o ser humano ao desenvolvimento espiritual e cultural. Para Husserl, são os atos do espírito que formam as bases das ciências e da cultura (ALES BELLO, 2006, p. 61-67).

As análises fenomenológicas devem levar em conta os dois aspectos: “o fluxo do ser fenomenológico que tem uma camada material e uma camada noética” (HUSSERL, 2006, p. 196). Ales Bello (2004, p. 209), nos diz que esta camada material se refere à sensibilidade com duas faces. Uma voltada para o externo e outra para o interno, ao que vejo fora e ao que registro internamente. Matéria como um conteúdo que serve para um sentido. A camada noética se refere à intencionalidade, ao sentido. Isto é, dá forma aos dados sensíveis. Essas sensibilidades são experimentadas em um corpo vivo, através das sensações ligadas aos objetos do espaço e daquelas ligadas ao bem-estar e mal-estar. Estas sensações são muito importantes para os atos valorativos, para as vivências intencionais dos sentimentos. Pode-se dizer que a percepção é uma vivência corporal como sede das sensações.

A fenomenologia é uma metodologia da compreensão nas ciências humanas. De acordo com Dartigues (2008, p. 47), a ideia de intenção está no fundamento do compreender um determinado fenômeno. Compreender é estar em busca da intenção dos sujeitos envolvidos no fenômeno, é investigar as intenções presentes. Diz-nos Dartigues (2008, p. 48): “compreender um comportamento é percebê-lo, por assim dizer do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, logo, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico.” A fenomenologia está focada no humano e busca compreender os significados da experiência vivida de um determinado fenômeno.

A busca de compreender os significados das experiências vividas, colocou-nos diante dos fenômenos tecidos pelas relações subjetivas e intersubjetivas, numa postura de reflexão sobre os significados dessas vivências no desenvolvimento das éticas dentro da Biodanza, através do caminho fenomenológico, partindo da experiência corporal, dos processos emocionais e o dar-se conta da percepção e tomada de consciência, para uma reflexão dos significados existenciais de tais vivências.

Fazer esta pesquisa na perspectiva fenomenológica é fazer a descrição qualitativa dos atos e vivências dos participantes da Biodanza, partindo da experiência corporal, da percepção das sensações e da reflexão desta percepção, seguindo a convergência de que como seres

humanos estamos estruturados como corpo, psique e espírito. Dentro de nossas estruturas universais, as vivências têm um conteúdo singular com especificidades próprias. Por outro lado, através dos atos e vivências da *entropatia ou empatia*, há uma comunicação grupal, pela relação de intersubjetividades. Esta comunicação também foi levada em conta. Todos os sujeitos envolvidos na pesquisa foram compreendidos a partir das análises das vivências, partindo da percepção para uma reflexão. Buscou-se a compreensão subjetiva e intersubjetiva dos sujeitos. Portanto, é uma análise da interioridade, pois só podemos conhecer como humanos que somos e dentro desta estrutura universal dos humanos.

Deixar-se tocar, sentir a realidade, permitir-se viver e ser afetado, ir ao encontro. Assim, podemos analisar todas as vivências nossas e a dos outros como fenômenos, como aspectos da realidade. Ter um olhar fenomenológico, como afirma Ales Bello (2004, p.162), é compreender o que está acontecendo, mas ao mesmo tempo deixar viver, sem pretensão de substituir a realidade pelas análises. É preciso deixar a realidade acontecer, sem reduzir tudo a termos intelectuais.

1.6 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes dessa pesquisa estão divididos em dois públicos: os professores e os alunos de Biodanza. Utilizei como instrumentos para compreensão dos sujeitos alunos da Biodanza um grupo focal, observação, diário de campo e entrevistas; e com os sete professores didatas de Biodanza, de diferentes lugares, utilizei somente as entrevistas. Do grupo dos alunos de Biodanza, que foram dez, foram entrevistados quatro participantes. Depois de ter entrevistado as pessoas que são formadoras dentro do sistema de Biodanza, considerei que seria muito importante escutar as vozes das pessoas que se dedicaram às vivências semanais, no grupo regular, sem preocupação com estudos e pesquisas sobre a teoria. O interesse destas entrevistadas estava na vivência e nos efeitos destas para suas vidas. Foram escolhidas quatro pessoas que participaram assiduamente do grupo focal.

1.6.1 Os Sujeitos do Grupo de Biodanza como um Grupo Focal

Imagem 1 - O Grupo de Biodanza na participação do XXII Encontro Nordestino de Biodanza, Salvador-BA, 2011



Fonte: Foto de Maria Márcia da Silva, 2011

Powell e Single (1996) definem o grupo focal como um conjunto de pessoas escolhidas e reunidas por investigadores, objetivando discutir e comentar um tema de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal (apud GATTI, 2005, p.7). Para Gatti (2005, p. 9-11), a pesquisa com grupos focais possibilita compreender processos de construção da realidade. Ressalta que os participantes precisam sentir confiança para expressar suas opiniões e exercer uma participação ativa. Assim, “o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado”.

Nesta pesquisa, considerou-se o grupo de Biodanza como um grupo focal, pois este tem as características de identificação, conforme apresenta Gatti (2005), tais como: formado por uma adesão voluntária; formado por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado; pode ser utilizado na fase preliminar de uma pesquisa para apoiar a construção de outros instrumentos (questionários, entrevistas, roteiros e observação); permite fazer levantamento de dados que se produzem pela dinâmica

interacional de um grupo, com um facilitador; ter clima de abertura e confiança para expressão e participação ativa, livre de ameaças.

No grupo de Biodanza, vivenciava-se uma situação apropriada para a utilização dessa técnica, sobretudo pelo clima de confiança, onde cada participante pode se expressar não somente pela palavra, pois o clima que se cria quando o grupo alcança o “nível básico” de integração é de um mundo sem barreiras. Neste clima de integração, os corpos se tornam permeáveis à presença e potência do outro, com a manifestação de emoções integradoras de grande intensidade (TORO, 1991, p. 594).

O grupo se torna um laboratório de vivências, pois nele se tem a oportunidade de se expressar através dos movimentos corporais em conexão com a deflagração da emoção, de acordo com as músicas previamente selecionadas. É um espaço de experimentar o corpo em movimento, em busca do encontro consigo mesmo, valorizando-se e reforçando a sua identidade pessoal, através das vivências.

Fui constatando que as vivências de Biodanza são uma forma de sair do estado prosaico para o estado poético. Conforme Morin (2007, p. 135), este estado prosaico é a vivência do racional e utilitário, ligado às nossas atividades de sobrevivências, com ausência ou recalçamento da afetividade, enquanto o estado poético, é a vivência de um estado de graça, em que o nosso ser e o mundo são transfigurados. É o estado da emoção, da afetividade, onde se tem a alegria, a embriaguez, o deslumbramento, comunhão, entusiasmo, etc.. Há diversos caminhos para alcançar este estado poético: cantos, danças e rituais são alguns desses.

O grupo de Biodanza, no desenvolvimento de uma aula induzida pela força da música e pela sequência dos exercícios, vivencia um estado poético com diferentes funções: será permissivo, facilitador, deflagrador, integrador, criador e transcendente. Em exercendo essas funções, diminui a força dos mecanismos de defesa, reforça a expressão saudável de cada participante, torna-se um catalisador de processos integrativos, como uma matriz de renascimento das pessoas (TORO, 1991, p. 596).

No seu modelo vivencial, são seguidos os princípios da progressividade e da autorregulação, respeitando os níveis de grupos para iniciantes, intermediários e grupos num nível de aprofundamento das vivências.

Santos (1997, p. 105) fala que cada grupo é singular pela composição de seus participantes que determinam seu processo, e também pelo estilo do facilitador que vai imprimindo uma fisionomia no grupo. Ela faz uma classificação dos grupos de acordo com o número de participantes: *Grupo mínimo* - de seis a dez participantes; *Grupo pequeno* - de onze a dezesseis participantes; *Grupo médio* - de dezessete a trinta e seis participantes; *Grupo grande* - de trinta e sete a cinquenta participantes e *Grupo gigante*, acima de cem participantes, que são vivências esporádicas, realizadas em eventos.

O grupo de Biodanza, objeto desta pesquisa, funciona há dez anos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cleto Marques Luz, em Maceió - AL. Este se formou a partir do interesse e do convite de duas professoras: Maria Edna Silva e Maria Régia de Oliveira, ambas desta escola. Estas duas professoras já haviam passado pela experiência da Biodanza, através de um grupo regular, e constataram o quanto foi importante para suas vidas e para o seu ser profissional esta vivência. Esta experiência foi a motivação para o início de um grupo de Biodanza, dentro do seu espaço de trabalho. Ao somar a motivação, o interesse e o diálogo dessas duas professoras com a direção da escola, com a facilitadora de Biodanza e com outras pessoas convidadas, houve uma mobilização que culminou com uma adesão de pessoas interessadas em número suficiente para se criar um grupo.

Este grupo teve continuidade. Mesmo com um período prolongado de existência, não houve interrupção, mas uma renovação, com abertura para novas pessoas e saídas de outras. Permaneceram as duas professoras que motivaram a criação do grupo, mesmo depois de aposentadas, no início de 2010. Estas continuaram participantes assíduas e foram motivadoras de outros participantes antes, durante e depois da realização da pesquisa.

Fui percebendo, no grupo, as pessoas que muito contribuíram para sua existência, através da manifestação de sua força de agregação, de mobilização, de entusiasmo e de superação de alguma dificuldade para o acontecer de todos os encontros semanalmente. Essas mulheres, considere-as como quatro pilares que mobilizavam o grupo em torno de vivências e ações no grupo, e para além dele, em várias atividades como passeios, retiros espirituais, viagens, comemoração de aniversários, solidariedade em momentos de doenças, sofrimentos e morte.

Como grupo regular, reunia-se semanalmente na escola, com uma média de dez participantes. Todas eram mulheres, com idade de 31 a 77 anos. A maioria com formação de nível superior, com cursos voltados para a educação. Neste grupo, uma é viúva, outra é

divorciada, duas são solteiras e seis são casadas. Oito são mães e cinco já são avós. Quatro já são aposentadas, sendo que três dessas exerciam a profissão de educadoras.

Neste grupo, o tema para cada vivência semanal não era visto em torno do debate e do discurso, e sim em torno de uma temática que era vivenciada corporalmente, e eu, no papel de facilitar e investigar, sentia-me com entusiasmo e alegria pela teoria e pela vivência junto a este grupo.

Foram registrados os comentários de que o grupo é um espaço em que a pessoa se abre, se expressa, ninguém ignora ninguém, é o espaço da vivência onde se criam vínculos, uma pessoa querendo ajudar a outra.

Fui percebendo que as participantes veem o grupo como renovador de energia, motivador, e vêm em busca desta troca, desta convivência, proporcionadas pela vivência poética e afetiva da Biodanza. A vivência grupal é o espaço de se manter em harmonia e em equilíbrio. Isto é percebido pelas expressões: “eu acredito muito no grupo”, “o grupo é muito importante”, “eu me sinto muito bem neste grupo de Biodanza”, “este grupo aqui é energia positiva”, “isto que me faz bem”.

Para Toro (1991), o grupo se transforma em um espaço para o cultivo do desenvolvimento do ser humano autêntico. E quando se conseguem encontros autênticos, iniciam-se, de fato, as modificações na identidade.

De acordo com Toro (1991, p. 597), o conhecimento recíproco entre os participantes de um grupo se realiza de modo progressivo. As pessoas vão se conhecendo de acordo com suas afinidades, e vão criando relações diferenciadas conforme o contato que estabelecem. Toro diz que o grupo tende a formar uma estrutura orgânica de base afetiva. A unidade de um grupo não pode ser imposta pelo facilitador, pois ninguém está obrigado a estabelecer relações com pessoas que não são do seu agrado, pois “o grupo é um catalisador de processos integrativos e não um sistema de elaboração analítico verbal”.

É importante ressaltar que toda esta reflexão do grupo é um resultado das vivências corporais, que é experimentar o corpo como laboratório das vivências, gerando uma consciência e uma elaboração posterior de si mesmo, de um conhecimento que toca diretamente a nossa humanização em conexão com nossas forças vitais, e que promovem as transformações orgânicas e existenciais. Para Toro (1991), o grupo de Biodanza é uma abertura para a experiência do amor inocente e universal. O grupo integrativo reforça as

expressões saudáveis de cada participante, estimula o ímpeto vital, o desejo de contato, a alegria e a criatividade. É um estimulador da expressão dos potenciais de cada participante, elevando-o a um novo nível de sua evolução.

1.6.2 Os Sujeitos Participantes da Entrevista

Com a leitura e releitura dos significados das vivências da Biodanza provenientes do grupo focal, organizei um roteiro de entrevistas dirigidas, com o objetivo de entrevistar participantes da Biodanza, seja na condição de alunos de grupos regulares ou como professores.

O roteiro seguiu os seguintes eixos: motivação para a participação na Biodanza e as transformações percebidas como efeitos das vivências. As questões foram orientadas dentro de cinco temáticas: Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência, definidas na Biodanza como Linhas de Vivências.

O critério fundamental para a escolha dos sujeitos para as entrevistas foi o seguinte: ter uma experiência de Biodanza, seja no grupo regular como aluno de Biodanza, ou como facilitador e didata, e que estivessem atuando na formação desse sistema. Assim, realizei onze entrevistas, sendo quatro com participantes do grupo focal (grupo de Biodanza) e sete com facilitadores, que também são didatas. A direção das entrevistas estava na percepção da Biodanza como uma motivação para um novo estilo de vida, portanto, para um novo agir relacionado com a própria identidade, na convivência com o outro.

1.6.2.1 Entrevistas com Facilitadores Didatas

Realizei as entrevistas com os facilitadores didatas durante o I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e o XXI Encontro Nordestino de Biodanza, que aconteceram de 02 a 07 de setembro de 2010, na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, tendo como tema para estudos e vivências “Amo, logo existo.” Durante os dois eventos, realizamos seis entrevistas, já deixando agendada a sétima entrevista para uma data posterior, que também foi realizada com êxito, no dia oito de outubro de 2010.

Imagem 2 - I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro, 2010

Os sete entrevistados são facilitadores didatas, isto é, professores formadores das escolas de formação para novos facilitadores de Biodanza. Todos foram formados diretamente pelo criador da Biodanza, Rolando Toro, e já têm um tempo de experiência de Biodanza, de dez a trinta e seis anos, sem interrupção. Todos vivenciando e trabalhando com a formação em Biodanza. São provenientes de três países: Brasil, Chile e Suíça. Do Brasil, são representantes de cinco Estados: Bahia, Espírito Santo, Sergipe, Paraíba e Pernambuco.

Todos se mostraram muito receptivos e atenciosos na contribuição deste trabalho, o que me trouxe uma enorme alegria e gratidão pela satisfação de que poderia concretizar uma importante fase da investigação, podendo contar com a contribuição tão valiosa de cada um, como importante ator para a concretização e expansão da Biodanza no Brasil e no exterior.

Fiquei com a impressão de que todos estes sujeitos compreenderam a importância da pesquisa e se prontificaram com enorme generosidade. Desse modo estavam também percebendo o seu grande valor nesta construção da vivência da Biodanza, e por isso foram escolhidos.

As entrevistas aconteceram num clima de colaboração e reconhecimento pelo trabalho já realizado por cada um. Houve momento de muito riso, e também de fortes emoções, com pausa para as lágrimas, seguidas de silêncio profundo, de enxugar as lágrimas e de retomada,

verbalizando experiências existenciais tão profundas e todas ligadas com a Biodanza. Por isso, quero agradecer profundamente a Carla Jeane Helfemsteller Coelho, Claudete Sant'ana, Maria Lúcia Pessoa Santos, Nádia Costa Robin, Sanclair Lemos, José Nivaldo Sobral e Vera Lúcia da Conceição Neto².

Vou apresentar os sujeitos destas entrevistas, a partir das expressões de suas motivações para iniciar a Biodanza.

Para Vera, a motivação para fazer a Biodanza se deu a partir de sua busca profissional. Sendo uma profissional do campo da Psicologia, apostou que a Biodanza daria as respostas que ela buscava que era a cura das pessoas através de um processo mais rápido. Acreditou e investiu na Biodanza, tanto na perspectiva pessoal quanto profissional, compreendendo que não há uma separação entre o seu ser profissional e sua identidade pessoal. Transformou esta sua busca profissional num percurso de crescimento e de descobertas, dedicando e promovendo muitas mudanças tanto pessoais como profissionais. Assim, qualificou e valorizou seu modo de exercer a sua profissão de Psicóloga.

Iniciou a Biodanza atraída pela curiosidade, pela dança, já que estava dentro de um movimento de dança. Já trabalhava nesta perspectiva e em seguida se viu encantada pelo que a Biodanza despertou em si, é o que nos diz Nádia. No encontro com a Biodanza, que parecia um mundo desconhecido e que de repente se revelava, sentiu-se encantada, apaixonada e cheia de curiosidades. Isso a fez questionar sobre qual era a magia desta Biodanza que a fez experimentar tantas sensações que até então não havia experimentado, mesmo lidando com a dança. A partir desta experiência, tornou-se uma pesquisadora e facilitadora didata da Biodanza.

Claudete iniciou a Biodanza por aconselhamento de um terapeuta, como parte complementar do seu processo terapêutico, em vista de um melhor êxito na sua análise psicológica. Mesmo mostrando resistência inicial, foi convencida de que deveria fazer as vivências, por insistência do terapeuta, que só continuaria o seu trabalho se houvesse a colaboração com a prática da Biodanza.

² Por uma relação de profundo respeito e reconhecimento da identidade de cada participante, e pela sua participação efetiva na Biodanza é que os sujeitos desta pesquisa estão sendo identificados. Isto se deu com a permissão dos mesmos.

Conheceu a Biodanza através de profissionais que conseguiram fazer uma integração muito cuidadosa da Biodanza, dentro de uma formação de Análise Transacional, que encantavam os participantes do curso, pela proposta vivencial. Foi esta a motivação de Sobral.

Sanclair iniciou na Biodanza pelo contato que teve com Rolando Toro e outros professores ligados a este sistema. Não entrou por haver conhecido a teoria, e sim pelas relações humanas que se davam entre o criador desse sistema e os seus companheiros. A forma como eles se relacionavam suscitou nele um sentimento de admiração, pois havia algo de diferente que o atraía; sentia-se atraído pelo próprio modo de ser que tocava o coração do outro ser humano. Foi um encantamento pela convivência.

A motivação veio de uma grande amiga que a convidou para fazer uma aula de Biodanza. Carla nos diz que foi e tomou gosto. Foi em duas ou três aulas abertas e começou a frequentar. Era professora alfabetizadora, quando começou a fazer a Biodanza, e sentiu a potência da vivência da Biodanza na sua vida. Sentiu a possibilidade de transformação.

Foi apresentada à Biodanza por uma de suas alunas que lhe falou muito bem dela, nos diz Maria Lúcia, que conheceu este sistema em 1976, na primeira maratona que Rolando Toro fez em Belo Horizonte - MG. Na maratona seguinte, foi convidada pelo próprio Toro para ajudar na organização. E continuou este trabalho, que no tempo presente, já contava com trinta e quatro anos.

A escolha das sete pessoas que são formadoras dentro do sistema da Biodanza significou trazer a experiência de tantas outras pessoas que estão na Biodanza como facilitadores didatas, e estão contribuindo na formação, reflexão, organização e expansão desse sistema.

Com estas entrevistas realizadas foi possível perceber que estes formadores têm um foco bem específico. Seu modo de atuar e as vivências suscitadas a partir deste foco têm grande influência na vida dos alunos, seja nos grupos regulares seja nas escolas de Biodanza.

Em quatro dos entrevistados, o foco está na vivência de Transcendência como sua perspectiva de trabalho com a Biodanza. Uma focaliza a Educação Biocêntrica desde que iniciou sua formação. Uma das entrevistadas se definiu como uma ortodoxa, e uma outra tem a perspectiva de continuidade da Biodanza.

1.6.2.2 Sujeitos Entrevistados no Grupo Focal

O critério de escolha foi pelo tempo de assiduidade nas vivências e pela participação comprometida com o grupo. As entrevistadas foram as que considerei como os quatro pilares para existência do grupo, pela motivação, pelo entusiasmo, pela agregação e pela expansão através do convite para novos participantes.

Minha enorme gratidão a Maria Edna da Silva, Maria Márcia da Silva, Mônica Maria dos Santos Rodrigues e Maria Régia de Lima Oliveira, pela colaboração e participação nesta pesquisa. As quatro entrevistas foram realizadas individualmente, em horário previsto, na escola, local onde o grupo se reunia, no mês de novembro de 2010.

Apresentarei cada uma, a partir de suas motivações para iniciar a Biodanza. Para Márcia, sua iniciação se deu pelo convite insistente de uma amiga e pelo desejo de mudança. Ela tinha passado pela experiência de viver num convento por um tempo, e estava de retorno para a casa dos seus pais. Queria mudar sua vida, queria ser diferente. Não queria continuar no seu mesmo estilo de vida. Quando a amiga a convidou, sentiu que estava aberta para mudar. Aceitou o convite. Na mesma semana que saiu do convento, iniciou a Biodanza e mudou de terapeuta. Determinou-se para a mudança.

Mônica entrou na Biodanza através das freiras, suas amigas que moravam na sua rua, que também participavam da Biodanza e lhe fizeram o convite. Despertou-lhe algo novo e ela deu continuidade por ser ela própria a pessoa interessada.

Iniciou a Biodanza através de uma amiga que estava frequentando um grupo, é o que diz Régia. Quando lá chegou, sentiu uma coisa tão forte dentro de si e falou: “é isto que eu preciso”. E até o momento presente, nunca perdeu esse entusiasmo. Sentiu-se muito identificada com a proposta vivencial e com a confiança no grupo.

Para Édna, sua entrada na Biodanza se deu através da Régia, que é uma das entrevistadas. E comenta que sua amiga era muito insistente no convite. Ela resistiu, mas depois começou a participar, e vendo o quanto foi importante na sua vida no sentido da autodeterminação e da afetividade, permaneceu no grupo.

Lendo e relendo as entrevistas, fui percebendo em mim mesma, um sentimento de comunhão com cada entrevistado, já que em muitos aspectos temos vivências muito próximas,

e de alguma forma, o que buscamos registrar como pesquisa, já estamos experimentando em nosso corpo como um todo.

1.7 OBSERVAÇÃO E DIÁRIO DE CAMPO

O diário de campo é fruto de um olhar de observação. É o registro do acontecer da pesquisa, é também um colocar à disposição elementos, na perspectiva de que sejam organizados e compreendidos. O diário de campo é um instrumento da pesquisa que acontece mediante a observação que, de acordo com Beaud e Weber (2007, p. 95), envolve “um triplo trabalho de percepção, de memorização e de anotação”. Assim, fui registrando no diário de campo minhas observações, fazendo a memória da voz dos sujeitos, através das entrevistas e das minhas percepções das vivências no grupo de Biodanza.

Em vista de atender a perspectiva da investigação, foram organizadas dez aulas, focalizando uma Linha de Vivência para cada duas, conforme o modelo da Biodanza (Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência).

No dia previsto como início da pesquisa de campo, compareceram somente quatro alunas. Ausências justificadas, pois era um recomeçar do grupo, depois de um período de férias. Somente no dia 11-03-10 conseguimos realizar o primeiro encontro de uma série de dez. Esses encontros foram realizados dentro da perspectiva do que é um grupo focal, e seu décimo encontro ocorreu no dia 01-06-2010.

Após esses dez encontros, senti a necessidade e o estímulo de continuar o trabalho de observação das vivências de Biodanza, dando continuidade ao diário de campo até junho de 2011, registrando os aspectos que considereei significativos para compreender as éticas que estas vivências têm suscitado na vida destas pessoas, éticas essas desencadeadas pela Biodanza.

Foram gravados os depoimentos em áudio, no início e no final de cada encontro, em dez momentos, e posteriormente transcritos no diário de campo. Realizei a leitura desses depoimentos por várias vezes, fazendo uma segunda transcrição das falas dos participantes por Linha de Vivência, buscando dar uma maior visibilidade aos significados expressos verbalmente por cada participante, dentro de cada Linha, procurando não fazer síntese, mas

construindo um texto a partir das interações produzidas dentro de um grupo, num clima de confiança e de escuta.

Portanto, tivemos dez momentos que possibilitaram a expressão das interações subjetivas que foram produzidas no grupo, a partir de uma interação das vivências dos movimentos corporais, conforme a proposta da metodologia da Biodanza. A partir da transcrição destas expressões significativas, foi elaborado o roteiro para as entrevistas, que depois de realizadas, também foram transcritas no diário de campo. Fui registrando os acontecimentos, as interações e os sentimentos que foram sendo manifestos no grupo e em mim, na condução deste trabalho.

2 BIODANZA COMO MEDIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

A vida tem um dinamismo diferente das gavetas por onde nos condicionamos a organizar as nossas ideias e conceitos de modo disciplinado e arrumado, com o desejo de que estas se tornem claras e compreensíveis. Neste sentido, a educação que perpassa todas as dimensões de nossa vida tem sua própria dinâmica. Não está engessada em um modelo. Estamos nos educando o tempo todo, em todos os lugares, com todas as pessoas e de diferentes modos, ao longo de toda nossa existência. Para Toro (2008a), educação é o desenvolvimento do homem de modo pleno, que este seja feliz. Esta educação para um ser humano feliz e pleno tem uma perspectiva vivencial. A Biodanza, com sua proposta vivencial, objetiva levar ao ser humano uma vivência de plenitude e de felicidade.

2.1 ORIGEM E DEFINIÇÃO DA BIODANZA

Imagem 3 - Rolando Toro, criador da Biodanza



Fonte: Foto Valu Ribeiro

A primeira intuição para a criação da Educação Biocêntrica e da Biodanza é revelada através de uma carta de Toro para sua esposa, onde ele escreve sobre o seu imenso desejo de criar uma ciência rítmica com a intenção que esta provoque a musicalidade do ser. Isto

aconteceu em 1952, no Chile. A carta é escrita a partir de sua experiência como professor, no trabalho de criatividade com as crianças (TORO; TERRÉN, 2008).

Mais tarde, em 1965, Rolando Toro fez seus primeiros trabalhos de dança, com pacientes psiquiátricos, no Centro de Estudos de Antropologia Médica, da Escola de Medicina da Universidade do Chile, onde exercia a função de Membro Docente. Segundo Gonsalves (2010, p.16-18), foram as atividades de pesquisa de Toro que o levaram a experimentar diferentes sistemas terapêuticos com pacientes com problemas mentais, e seu modo de inovar foi a partir da dança, inspirado no princípio de que a dança e a música tinham um grande efeito no tratamento dos pacientes. Observou os efeitos da música e os exercícios de contato na vida dos pacientes, percebendo os resultados positivos. Foi a partir desta experiência que Toro estruturou o modelo teórico, “con el cual me posibilitó operar dentro de una vasta gama de respuestas orgánicas y de comportamientos nuevos” (2008, p. 22).

Para chegar a este formato de sua criação, o que hoje compreendemos como um sistema estruturado para favorecer esta perspectiva de um ser humano feliz e vinculado afetivamente, houve um longo caminho percorrido com atenciosa investigação. Toro fez um percurso metodológico de intensa criatividade, como que aguardando algo que poderia emergir e que pudesse compartilhar com seus contemporâneos e com o futuro. Pelo modo como Toro foi fazendo suas descobertas, Gonsalves o apresenta como o “poeta que baila a ciência” (2010).

A Biodanza, na sua origem, foi chamada de Psicodanza. Mas aos poucos, Toro compreendeu que o termo trazia em si a dicotomia de corpo e alma proveniente da herança platônica, e desejou trazer para a nomeação de sua criação o conceito original de dança, como movimento de vida. A partir de 1976, decidiu chamar de Biodanza, a dança da vida. Desta forma, trouxe o sentido primordial da dança como um movimento natural, ligado às emoções e com pleno significado (TORO, 2002, p. 37).

Toro (1991, p. 3), definiu a Biodanza como “um sistema de integração afetiva, renovação orgânica e reaprendizagem das funções originárias da vida, baseadas em vivências induzidas pela dança, pelo canto e situações de encontro em grupo”. Isso através das vivências integradoras e da comunicação grupal, que estabelecem vínculos com a própria vida, potencializando um desenvolvimento do ser humano comprometido e vinculado consigo, com o outro e com a natureza. Ele diz que a Biodanza foi aparecendo em sua vida, lentamente ganhou força, foi despertando o interesse das pessoas, estimulando mudanças surpreendentes

nos participantes e “sobre todo creó un sentimiento de epifanía y esperanza en la vida” (TORO, 2008, p. 21). Assim, ele fala que foram muitas forças que se manifestaram dentro de si, levando-o a fazer esta combinação de arte, ciência e amor. Portanto, a base conceitual da Biodanza é construída a partir de uma meditação sobre a vida, do desejo de renascer de nossos gestos despedaçados da estéril estrutura de repressão. Tem a certeza de que a Biodanza é proveniente da nostalgia do amor (TORO, 2008, p. 27).

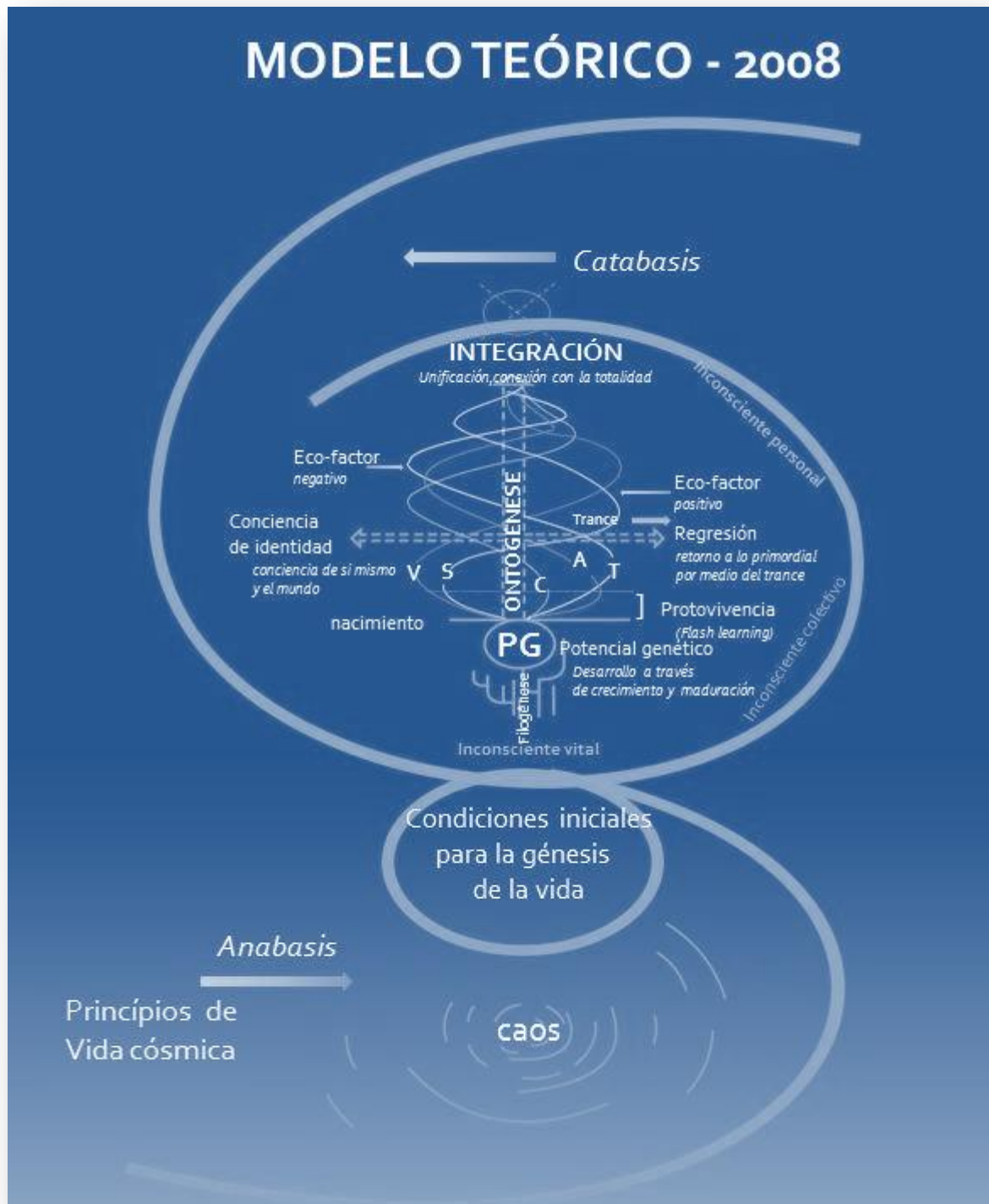
Imagem 4 - Rodas de celebração no I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro, 2010

2.2 O MODELO TEÓRICO DA BIODANZA

Fluxograma 1 - O Modelo teórico da Biodanza



Toro relata que em suas experiências com danças, no hospital psiquiátrico, foi observando os efeitos da música e das danças na vida dos pacientes, e compreendeu que a identidade e o transe configuravam num *continuum pulsante*. Certos exercícios aumentavam a identidade e a consciência corporal e outros diminuía os limites corporais, levando a pessoa ao estado de transe. O conceito de transe foi substituído por regressão. Esta foi a primeira configuração do modelo teórico: identidade intensificada de si e regressão, num movimento pulsante, em que os exercícios de ambos os lados produziam respostas neurovegetativas específicas. Aos poucos foi compreendendo, através da observação e da experiência com a dança, que os estados de identidade e transe são complementares e abarcavam a totalidade da experiência humana. Na vivência de transe, o indivíduo se percebe como parte da totalidade do universo e com a identidade, tem a consciência de si, percebe-se como centro do mundo (TORO, 2008, p. 111-112). O modelo teórico da Biodanza foi passando por transformações, mas conservou sua estrutura original, esta pulsação da vivência da identidade e dissolução na totalidade.

Este modelo foi elaborado dentro de uma visão de complexidade. Toro se inspira em Ilya Prigogine, em Goger Lewin e outros, para os quais as condições iniciais da vida se produzem nos limites do caos. Foi do caos que se produziram os sistemas complexos, criando as condições da gênese da vida com os fatores de regulação cósmica, sem os quais a existência de seres vivos é impossível (componentes químicos específicos, temperatura, pressão, gravidade, comprimento de ondas de luz, composição atmosférica, umidade etc.). A concepção da vida humana não é isolada desse processo de gênese da vida e de sua evolução filogenética e ontogenética (TORO, 2002, p.78).

A filogênese é o processo do desenvolvimento das espécies vivas, da sua gênese até o momento atual da história humana. Deriva daí o potencial genético de cada pessoa com possibilidades para o desenvolvimento da monstruosidade ou da doçura. Na Biodanza se propõe um desenvolvimento e expressão desses potenciais, em consonância com a unidade da vida, com o reforço dos elementos biológicos invariáveis, que contribuem para a convivência. Desse modo, Toro concebeu o modelo da Biodanza com dois eixos colocados dentro de uma espiral. Para ele (2002, p.74), o eixo vertical é estável e o horizontal é pulsante. A espiral simboliza a abertura do modelo aos processos universais de gestação da vida.

O potencial genético é considerado altamente determinado com grande estabilidade, e se expressa em cinco conjuntos que, de acordo com Toro (2002, p.74), se manifestam através

de cinco "Linhas de Vivências", que se potencializam reciprocamente. Estas se desenvolvem em espiral, em torno do eixo vertical do modelo, e suas interações formam uma trama, manifestando o potencial genético. Para Toro (2002, p. 82), a Biodanza consiste em ativar a expressão genética, com vivências suscitadas mediante exercícios que estimulem a vitalidade, repouso, erotismo e alegria de viver e de ser parte do universo. Estes exercícios têm o caráter de criar os ecofatores positivos. Os exercícios e as situações de encontro em grupo objetivam contribuir na expressão das potencialidades genéticas que foram reprimidas pelos valores culturais. Tem uma proposta de uma verdadeira transculturação e de uma aprendizagem a nível afetivo:

Num mundo como o nosso, de fome e genocídio, de tortura e delação, num mundo de abandono infinito, como é possível pôr-se a dançar? A primeira vista parece uma inconsequência. Sem dúvida, nossa proposta não consiste somente em dançar, mas sim em ativar, através de certas danças, potenciais afetivos e de comunicação que nos conectem com nós mesmos, com o semelhante e com a natureza. Mas, como poderíamos mudar o mundo sem mudarmos a nós mesmos? A transformação através de Biodanza não é uma mera reformulação de valores, mas sim uma verdadeira transculturação, uma aprendizagem a nível afetivo, uma modificação límbico-hipotalâmica (TORO, 1991, p. 26).

Conforme Toro (2002, p.74-76), na base do eixo vertical, que representa a ontogênese, está o potencial genético (potencialidades herdadas geneticamente pelo indivíduo), contido nos cromossomos humanos. Traz para o modelo da Biodanza a concepção de que vivemos num universo capaz de gerar vida, e o ser humano é parte do universo, e nele está também a força criadora que busca manter as funções de auto-organização e homeostase. Neste sentido, tudo está vivo, e existe uma ressonância entre todos. Não existe a separação entre o homem e a natureza. Tudo está em relação.

Toro (2002, p. 53), fala do inconsciente vital, referindo-se ao psiquismo celular que obedece a um sentido global de autoconservação. Dele originam os fenômenos de solidariedade celular, modificação de tecidos, defesa imunológica, e o que faz acontecer o êxito do sistema vivo. Este "psiquismo" coordena as funções de regulação orgânica e homeostase. Possui uma grande autonomia em relação à consciência e ao comportamento intencional humano. O inconsciente vital cria regularidades e tende a manter as funções estáveis. As suas manifestações se fazem presentes através do humor endógeno e do estado cenestésico de *bem-estar* ou *mal-estar*.

Como ter acesso ao nosso inconsciente vital para que tenhamos esta vida de modo pleno? Toro (2002, p. 56), apresenta a vivência como via imediata para acessar o nosso inconsciente vital, através dos exercícios de renascimento³ e vivências vitalizadoras da Biodanza, bem como alimentação, brincadeiras, bom humor e risada, carícias e erotismo, vivências de transe, ligação com a natureza e outras. Com essas vivências é possível influenciar o humor endógeno. Ainda conforme Toro, no processo integrativo proposto pela Biodanza, é levado em consideração o “inconsciente pessoal” (Sigmund Freud), o “inconsciente coletivo” (Carl Gustav Jung) e “inconsciente vital” (Toro). O inconsciente pessoal tem uma dimensão biográfica e se nutre da memória pessoal. O inconsciente coletivo se nutre da memória da espécie, através dos arquétipos comuns a toda humanidade. E o inconsciente vital se nutre da memória cósmica e se expressa pelo humor endógeno (euforia ou depressão).

A teoria da Biodanza está estruturada no Princípio Biocêntrico, que tem como referência a vida. Parte do pressuposto que todo o universo é organizado como um sistema vivo. Inspira-se nas leis de conservação e evolução dos sistemas vivos. Toma como referência o modo de pensar e de sentir a vivência. Tem a concepção de que esta é anterior à cultura, e nutre de informações presentes nos seres vivos (Toro, 2002, p. 50-52). Desse modo, o modelo da Biodanza, ao se pautar pelo Princípio Biocêntrico, acentua a vivência como modo de acessar a vida que tem regularidades de conservação e evolução. Os efeitos das vivências permitem a auto-organização e regula os sistemas de integração intraorgânica (sistema nervoso, sistema endócrino e o sistema imunológico).

2.3 A VIVÊNCIA COMO MÉTODO

A vivência é a base da metodologia da Biodanza. É a experiência vivida com grande intensidade no momento presente, que envolve a cenestesia, as funções viscerais e emocionais. Confere uma qualidade existencial de modo intenso do aqui e agora. A metodologia da

³ Durante o estado de transe produz-se uma forte diminuição do estado de vigília e uma ativação parassimpática-colinérgica. A temperatura que, no primeiro momento, diminui (mãos frias e úmidas por efeito simpático), começa a subir progressivamente dando ao corpo um suave calor parecido ao de uma criança que sai do sono. Ao sair do transe se observa frequentemente um aumento da percepção e um estado de expansão da consciência. A saída do transe integrador tem a qualidade de um “renascimento” (TORO, 2000c, p.14).

Biodanza conduz o indivíduo às vivências de integração, através de uma imediata conexão consigo mesmo, reforçadas pela associação com situações prazerosas, estimuladas pela música, pela dança e pelas situações de encontro (TORO, 2002, p. 29-30).

Estas são as características essenciais da vivência, apresentadas por Toro: é a experiência original de nós mesmos, de nossa identidade, antecede a elaboração simbólica e racional; são espontâneas, com a qualidade do original, podendo ser evocada, mas não controlada pela consciência; são subjetivas, cada pessoa experimenta de modo único e são incomparáveis; com intensidade variável de acordo com o nível de conexão consigo e o estímulo, e com a diminuição da atividade consciente de controle e vigilância; de temporalidade passageira, é um acontecimento atual; frequentemente é originária de emoções; envolve todo organismo; está relacionada ao processo de transmutação do psíquico em orgânico e do orgânico em psíquico.

Gonsalves (2010), ao fazer uma pesquisa e análise da obra de Rolando Toro, salienta que ao criar a Biodanza e a teoria da Educação Biocêntrica, criou também um método, “método científico biocêntrico”, através de sua postura e de sua procura investigativa, que “fazia bailar a ciência”, ousando, inovando e surpreendendo. Não se enquadrava nos padrões existentes. O seu foco e direção era a vida. Fazer bailar a vida para viver e ser feliz, descobrindo um caminho que ele mesmo experimentou com intensidade e com todo seu potencial, o caminho da vivência.

2.3.1 As Linhas de Vivências

Toro (2002, p. 84) nos relata que depois de vários anos de estudos e pesquisas sobre vivências na Biodanza com variados grupos de pessoas, foi possível condensar as aspirações comuns, fazendo uma correspondência entre a expressão das potencialidades genéticas e as principais aspirações humanas.

Assim, o criador da Biodanza organizou em cinco grupos as profundas aspirações humanas como expressão do potencial genético e os denominou de “Linhas de Vivências”. Para ele, os aspectos da esfera psíquica têm origem biológica. Os aspectos psicológicos são gerados por processos celulares e transformados em vivências, emoções e sentimentos.

Mediante sua proposta de “dançar a vida” dentro de um ambiente integrador, gerador de emoções positivas, é que há uma intensificação da vida. Desse modo, a vivência do sistema

Biodanza possibilita a renovação orgânica, que é proporcionada pelo trânsito regressão e progressão, estabelecendo a autorregulação nas funções biológicas, mediante a ativação dos seguintes potenciais genéticos: Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência.

Todos esses potenciais são canais impulsionadores da força orientadora do próprio viver, reforçando a identidade de cada participante. Não se trata de uma identidade como sujeito absoluto, dominador, caracterizado como senhor de si. A identidade aqui é compreendida como um sujeito relacional, que se faz presente na presença do outro. É na relação que construímos nossa identidade.

A seguir veremos estes cinco grupos de aspirações humanas: as cinco Linhas de Vivências que promovem o desenvolvimento desta identidade relacional. Através desse modelo vivencial, estas dimensões denominadas de Linhas de Vivências são possibilidades de aprendizagem, ao longo da vida, por seu conteúdo de valorização e vinculação com a própria vida.

Mesmo destacando as Linhas de Vivências com propostas específicas, a Biodanza visa compreender o ser humano como um todo, num processo de evolução de todos os seus potenciais. O desenvolvimento de um potencial tem ressonância em todos os outros.

2.3.1.1 Linha da Vitalidade

Imagem 5 - Vitalidade é animada pela vida, que é um convite à expansão, à celebração e à autorregulação. Vivência no I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro, 2010

A vitalidade é saúde, ímpeto vital e alegria de viver. Conforme Toro (2008b, p.133), a vitalidade é gerada por um conjunto de funções que tem por objetivo manter a homeostase, e compreende os instintos de conservação, de fome, de sede, bem como as respostas de luta e fuga, e a regulação da atividade e de repouso. A música integrada ao movimento corporal induz os mecanismos autorreguladores, ativando o sistema nervoso simpático e parassimpático. O sistema nervoso parassimpático é estimulado com a música lenta, melódica e suave. Combinado com o movimento corporal adequado, faz diminuir o ritmo do organismo, predispondo-o para o sono e para o repouso, trazendo a sensação de plenitude e paz. Já o sistema nervoso simpático é ativado por ritmos alegres, com movimentos conectados entre si (DIAS, 2004).

De acordo com Toro (2002, p. 86), “uma das finalidades da Biodanza consiste em garantir os eco-fatores que permitam a expressão das potencialidades genéticas da vitalidade.” O objetivo desta Linha de Vitalidade é despertar e desenvolver a alegria e o ímpeto vital do ser. Os exercícios propostos oportunizarão aos participantes a integração do esquema corporal e autorregulação, ativando o instinto de sobrevivência.

A Biodanza é considerada uma proposta também antiestresse por esta possibilidade de desencadear um novo estilo de vida nos seus participantes, livrando-os da tensão pela indução da autorregulação, o que os encaminha para uma vida saudável. Um dos efeitos da vivência de vitalidade é a escuta do ritmo interno e a transformação desta escuta num modo de vida saudável, através da autorregulação.

Este modo de estimular a vida para um viver saudável e de forma intensa conduz o participante à reorganização do próprio viver, criando um novo estilo de vida, com vibração e entusiasmo pela vida mesma. Experiência que é uma aprendizagem visceral, que Sanclair aprendeu na Biodanza:

"Uma coisa que aprendi na Biodanza: me lembrar que estou vivo, estou aqui, estou respirando, estou vivo. Isto é prazeroso, não precisa de outra coisa. Estimular o saber- a percepção da beleza.[...]Mas, não era exercitado, pelo menos no nível que é exercitado a partir da minha vinculação com a Biodanza e das pessoas que encontrei na Biodanza."

Conforme Toro (2008, p. 30), há uma repercussão imediata no aumento da saúde, no aumento da energia para a ação, e aumento da alegria de viver. Foi assim que Vera percebeu os efeitos em sua vida:

"Fui me trabalhando, fui testando em mim[...] Eu tomei todas essas decisões.A Biodanza me deu toda essa coragem.[...] Esses poderes (extra-percepção), essas coisas ficaram muito mais em evidência.Quando eu fazia vivência de Transcendência, eu via luzes, via um negócio assim[...]. Começou aflorar isso de uma forma muito grande.[...]A Biodanza fortaleceu todos esses potenciais que eu tinha, inclusive como eu lhe disse, de liderança."

Ao estimular os participantes a entrar em contato com seus próprios potenciais, isto poderá desencadear uma coragem para assumir a própria vida, o que para Nádía se tornou uma coragem de viver:

"Uma coragem de viver um mundo possível para mim.[...]Posso dizer que tenho muito desejo de viver[...]Eu vou ficando mais velha e os potenciais tardios começam a aparecer por aí."

A vitalidade está diretamente ligada à motivação de viver e à determinação para a ação, mesmo diante de enormes desafios. Por isso Claudete sente que tem essa força. É porque sabe do significado da vida. Sente todas as mudanças em sua vida, como sinal que tem ímpeto vital, e este está relacionado também com a motivação.

Agora já sabe se autorregular, pois trabalhava muito, tinha uma vida muito ativa, e tinha mil utilidades ao mesmo tempo. Sente que consegue parar e pensar mais em si, ver seu ritmo, perceber seu limite. Isto foi um aprendizado para Márcia.

A vitalidade é expressa como impulso, como energia que faz fluir e enxergar a beleza da vida. Sente a vida como energia que flui de dentro de si. É esta a experiência de Régia na sua vibração pela vida.

Após as vivências na Linha da Vitalidade, no grupo focal, registrei estas impressões a partir das interações no grupo, onde cada pessoa expressava o significado das vivências: motivação para viver e interesse em participar; equilíbrio e autorregulação; vontade de viver – continuar esta coisa tão boa dentro de si; sentir-se revigorada; determinação que vem de dentro de si; percepção do estado de ânimo e verbalização de como chegou e como terminou a aula; o toque afetivo que leva ao relaxamento – sensação de confiança; busca de outros valores – percebe que dinheiro é bom, mas agora o caminho que chega é outro; empenho e compromisso com o grupo – busca de estratégias para que a aula se concretizasse; entusiasmo, vitalidade, alegria e relaxamento; grupo gerador de ânimo, de estímulo, de energia positiva, de valorização de todas; vínculo estimulador entre participantes e facilitadora; Biodanza como forma de ativar a memória do corpo; desejo que as pessoas entendessem o valor da Biodanza – pois compreende que pode viver melhor.

A partir das entrevistas, pôde ser sintetizado nesta expressão o que é a vivência de vitalidade: “acho que a gente vive melhor”. Vive melhor quando se conecta com a própria vida e segue seu fluxo com todo o potencial de alegria e ímpeto vital. Ou ainda como nos diz Gonçalves (2001, p.102): “a atividade corporal não é nunca uma atividade mecanizada, mas sim, brota de dentro, da união substancial com a subjetividade que a anima.” A vitalidade é animada pela vida, que é um convite à expansão, à celebração e à autorregulação, só e simplesmente para que esta seja vivida de forma abundante.

Fluxograma 2 - Exercícios da Linha de Vitalidade



Fonte: Toro e Terrén, 2008, p. 46

2.3.1.2 Linha da Sexualidade

Imagem 6 - O grupo de Biodanza, com expressiva alegria, no passeio pela cidade de Salvador- BA, 2011



Fonte: Foto de Maria Márcia da Silva - 2011

Sexualidade é prazer sexual, reprodução e vínculo sexual. Segundo Toro (2008b, p.136), esta Linha compreende o instinto sexual e a função do orgasmo, o desejo e a busca do prazer, e as múltiplas emoções envolvidas na manifestação e na satisfação do instinto sexual, que tem por finalidade biológica, a reprodução. Com esta Linha da Sexualidade, Toro faz um convite à revisão do modo como lidamos com o corpo, pois temos uma herança cultural de que o corpo é o escravo do espírito. Este deve ser subjugado e sacrificado. Toro segue uma outra concepção: a vivência do corpo como fonte de prazer. A energia erótica, segundo esse antropólogo, é a energia cósmica que gera vida. Ainda segundo Toro (2002, p. 87), “aprender a desfrutar de todos os grandes e pequenos prazeres da vida é a coisa mais importante”. Ter uma relação diferente com o corpo é uma descoberta, é uma aprendizagem como diz ele (2008b, p. 87): “En la Biodanza, descubrimos en cambio que el cuerpo es gentil, es tierno y posee una armonía maravillosa, es voluptuoso e intrinsecamente bello”.

Para Toro (2002, p. 87.), “não existe prazer verdadeiro que não provenha da profundidade e do entusiasmo natural para a vida. [...] o ato de viver é em si mesmo jubiloso”. É notório que o prazer de viver não está ligado à satisfação dos desejos de consumo, e sim pelo desfrutar da vida nas pequenas coisas, prazeres tão cotidianos que estão disponíveis a todo ser humano. É uma permissão para vivenciar o corpo como fonte de prazer, percebendo-

se nas necessidades essenciais e nas possibilidades de satisfação dos desejos coerentes com o sentir em cada momento da vida.

Toro nos lembra de que o corpo tem sido associado à dor, à doença e ao sofrimento. Na Biodanza, o participante vai exercitando vivências prazerosas com a intenção de despertar sua percepção do desejo mais genuíno pela busca de prazer. Há uma sensibilização para viver o prazer no dia a dia, conectando-nos e desfrutando do prazer de viver. Essa sensibilização começa pelo prazer de se movimentar, de sentir a dança da vida, de escutar o próprio coração e poder emocionar-se pelo simples fato de viver.

Para Toro, esta Linha da Sexualidade tem por objetivo o desenvolvimento de uma excelente sensualidade que é compreendida como a sensibilidade global aos estímulos de prazer e não só ao estímulo genital. É sentir prazer pelos alimentos, pelo banho, pela brisa, pela chuva, pelas carícias, pelos beijos, é ter receptividade ao contato corporal (2002, p. 87).

Sentir o prazer de viver foi um dos maiores ganhos que a Biodanza trouxe para Sobral e também para Mônica. Para esta a vida é a coisa mais importante, por isso não se apega a nada. Quer apenas viver bem, ter paz, ser feliz! Isso sim é o que considera importante.

Édna vive este prazer no cotidiano:

"[...]Tudo, eu é quem faço, eu quem vou atrás.[...]Hoje eu tenho prazer em fazer as coisas, até um banho é diferente de antes, de andar, de ficar em casa só[...] De cuidar das plantas. Gosto! Prazer em me arrumar, de me maquiar."

Márcia diz que depois que começou a participar da Biodanza a vida ficou muito mais gostosa, pois sente um prazer de viver, de contemplar as coisas e valorizar os pequenos momentos. A Biodanza é para ela felicidade, alegria e renovação.

O entusiasmo pela vida está muito presente no modo de viver e de exercer o trabalho com Biodanza, que para Nádia é prazer:

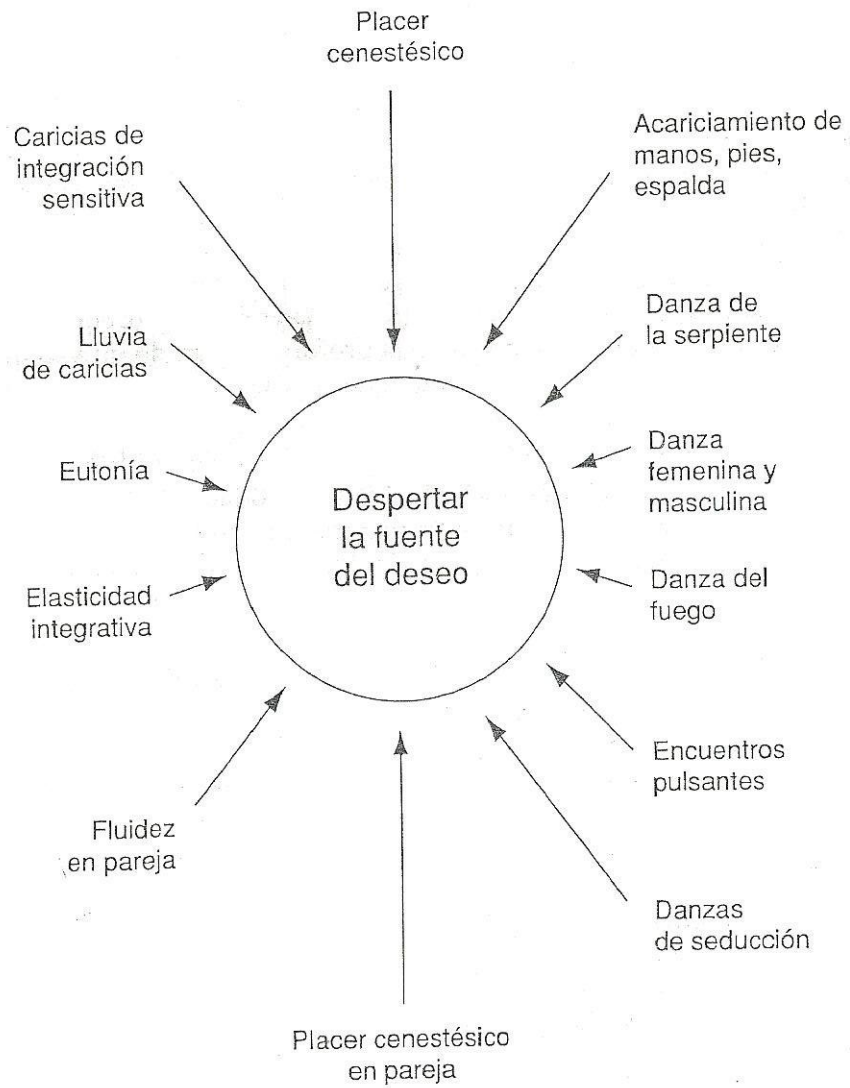
"Tenho prazer de olhar as plantas, sentir o vento, conversar com as pessoas, dançar, dar aula.[...] É uma renovação! Eu sempre fui muito entusiasmada!Mas eu tinha uma timidez. Então, achando que eu não era suficiente para saltar dentro da roda da vida com muito entusiasmo! Mas é, agora eu não tenho vergonha do meu ímpeto vital.[...]"

A expressão da sexualidade é também, indo além das repressões culturais, vendo-a como possibilidade de encontro com o outro, algo maravilhoso, que foi para Sanclair:

"A consolidação da sexualidade. Não que eu tivesse dúvida com relação a minha sexualidade, mas o conforto com ela. Biodanza me deu muitas possibilidades. Esta possibilidade de encontro corporal com as pessoas. Eu acho e sinto como algo muito maravilhoso."

No grupo focal registrei as interações, a partir dos depoimentos em torno da Vivência de Sexualidade: o grupo como lugar onde a pessoa se abre, se expressa; satisfação em festejar, comemorar; satisfação em expressar o que se é – o grupo como espaço de oposição do fechamento – é o espaço de abertura, de expressão da identidade, de poder ser si mesmo, de poder falar; sentir o prazer de dançar – de ficar feliz; sentiu o corpo preso – por estar passando por problemas familiares (tensão por doenças) – o corpo expressa as tensões; sensação de relaxamento e leveza proveniente do contato; sentir o prazer nas pequenas coisas; sensação de estar energizada, relaxada, animada e tranquilidade; entrar na roda para expressar o que se é; sentir-se como uma cinderela, uma rainha e o grupo como um lugar para esta expressão.

A partir das entrevistas e do grupo focal é possível perceber que a Linha de Sexualidade está muito ligada com a Linha de Vitalidade. Vai se confirmando que não existe prazer em profundidade se não estivermos conectados com a vida, com uma concepção de que nosso corpo é uma fonte de prazer, e que temos necessidades de contatos e carícias. Em várias expressões me chamou a atenção o quanto foram significativas as vivências de reforço da identidade, em que a pessoa experimenta a consciência intensificada de si mesma, como ser único, como pessoa que reconhece seu próprio valor, com possibilidades de expansão e expressão. O contato consigo, de um modo autêntico, faz dissolver tensões e rigidez, e vai emergindo um prazer de ser o que se é, que é transformado em atitude no modo de conceber a vida como fonte de prazer. A sensação de transbordamento, de celebração, de júbilo pela vida são manifestações do prazer de viver.

Fluxograma 3 - Exercícios da Linha de Sexualidade/Erotismo

Fonte: Toro e Terrén, 2008, p. 54

2.3.1.3 Linha da Criatividade

Imagem 7 - A expressão da criatividade através do movimento corporal. Vivência do I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa- PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro - 2010

Criatividade é inovação, construção e imaginação. Toro nos diz (2008, p. 88) que esta Linha está ligada ao instinto de exploração e impulsos de inovação que é parte integrante de todo organismo vivo, que apresenta fenômenos de criação espontânea a cada instante. Desse modo, os processos de adaptação e de integração são extremamente criativos. Esta criatividade presente em todas as formas de vida “é uma atividade que forma parte integrante da transformação cósmica, um caminho do caos a ordem. No ser humano esta se manifesta pelo impulso de inovação” (TORO, 1997, p. 3).

Na Biodanza, esta Linha tem por objetivo trabalhar o desenvolvimento do nosso instinto exploratório e do nosso impulso para inovar, despertando-nos para a criação existencial. Para Toro (2002, p. 89), “a atividade criadora é o desenvolvimento natural de uma função biológica”. A Biodanza atua no sentido de favorecer a expressão desta função criadora que é própria de todo e qualquer ser humano.

A criatividade é um potencial humano, que pode ser estimulado ou reprimido. Toro (2002, p. 88) nos convida a mudar a concepção de que existe dissociação entre o ser e sua obra ou ainda a mudar a crença de que a criatividade é apenas mérito de algumas pessoas extraordinárias. Extraordinário e maravilhoso é o nosso próprio viver, criando o nosso próprio

existir, pois “é chegado o momento de assumir a nossa grandeza, não só na dimensão intelectual ou cognitiva, mas na existência”. Criar a si mesmo é a maior obra que podemos deixar para a humanidade. Todos temos criatividade, e esta pode se manifestar em nossas histórias. “Ser criativo é ser flexível e saber agir levando em conta o fluxo da história” (GONÇALVES, 2001, p.128).

Para Sanclair, a sua vivência de criatividade se manifesta pelo desenvolvimento da confiança na vida, como criatividade existencial. Diz:

"Desenvolvi em mim a confiança na vida.[...]A coragem de abandonar a Universidade, de viver na incerteza do amanhã[...]Eu não tenho medo, nem dúvida de que vou trabalhar o ano que vem. Vai acontecer de alguma maneira. Isto é um bom exemplo de criatividade existencial."

“Vou criando a mim mesma”, é o modo como Mônica se mostra, sem medo do julgamento do outro. Sente-se feliz de ser assim, pois já experimentou viver muito presa aos julgamentos dos outros.

Desse modo vai se enraizando no mundo, assumindo sua missão como criador de si mesmo. Diz Sobral:

"A forma como eu comecei trabalhar com a Biodanza era extremamente criativa[...] A Biodanza me ajudou muito, não só na conexão criativa, mas na habilidade prática [...]Eu enraizei mais."

Carla fala de uma série de coisas que são mais difíceis sem a prática da vivência da Biodanza, que torna a vida mais fluida, não mais fácil. Mais fluida no como lidar com as adversidades, no como resolver conflitos, no como lidar com o sofrimento, e tendo um ímpeto de pensar uma alternativa.

Para Régia, a criatividade em seu viver acontece pelas mudanças de estratégias:

"Na minha casa, mesmo, quando alguém está com dificuldades ou eu mesma, digo, Não! Eu não vou ficar morrendo, nem ficar criticando. Digo, não! Vou arrumar uma maneira para que a gente consiga, porque sinto que quando eu estou bem, todos estão, ali as coisas vão equilibrando [...] Às vezes nem falando, eu mudo as estratégias e vou fazendo e as coisas vão fluindo. Faço isso e dá certo, porque quando está em equilíbrio, tudo flui."

Claudete nos diz que esta possibilidade de criação existencial é contínua. A cada momento ela está criando, inovando e buscando os meios. Assim pode criar sua realidade existencial.

Do grupo focal registrei no diário de campo que a característica bem marcante das vivências de criatividade foi a alegria. Das interações de todo o grupo surgiram estas expressões:

“criar para não ficar com aquela apatia”; “harmonia na superação dos atritos familiares”; “percepção do equilíbrio na vida”; “capacidade de sair das coisas e ficando bem”; “as coisas acontecem e como que vai saindo daquela situação”; “a Biodanza só traz para mim muita coisa boa”; “tudo de bom”; “coisas que eu jamais imaginava de conseguir vencer e consegui”; “alegria, felicidade e desejo de manifestar tudo isso para as pessoas”; “paz e felicidade”; “uma coisa gostosa e prazerosa”; “muito bom”; “equilíbrio e bem-estar”; “harmonia e resolução pela conversa”; “ser uma nova pessoa e desejo que outras pessoas conhecessem a Biodanza”; “sensação de paz, de felicidade, de grupo de pessoas, de convivência”; “aquela coisa bem gostosa, bem prazerosa”; “aquela coisa legal, uma coisa que não tem como dizer o que é realmente{...}bem do fundo do coração, da alma, muito bom”; “equilíbrio - quando se está equilibrada, vê de outra forma as coisas e a meta de estar no grupo é o equilíbrio”.

Das entrevistas e do grupo focal, foi possível perceber que a fluidez e a criação de estratégias são provenientes de atitudes bem diferentes daquelas padronizadas com respostas prontas e de concepções rígidas. A flexibilidade são efeitos coerentes com o impulso de inovação e exploração. Somos construtores de nós mesmos a cada dia. Quanto mais estamos abertos para o fluxo da vida que é inovador, mais teremos possibilidades de sermos felizes e de estarmos em harmonia com a própria vida, além de termos a alegria de criar o próprio viver e de não apenas levarmos a vida, como se ela fosse um fardo.

A atitude criativa em expansão nos leva a conceber e viver a vida como uma grande dádiva que pode ser celebrada, e, agradecidos, manifestar o desejo de expandi-la, expressão essa da confiança no mistério da própria vida, que é impossível de ser enquadrada nos nossos conceitos. Sair de um padrão de vida mecânico, permitir-se, mostrar-se, é assumir esta dimensão criadora que pode estar reprimida pelo medo de experimentar a intensidade criadora da vida que habita cada ser vivo.

Fluxograma 4 - Exercícios da Linha de Criatividade

Fonte: Toro e Terrén, 2008, p.61

2.3.1.4 Linha da Afetividade

Imagem 8 - O abraço é uma expressão da afetividade. Vivência do I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro - 2010

Afetividade é amor, amizade, altruísmo e empatia. De acordo com Toro (2008b, p.140-141), a gênese biológica desta Linha está relacionada ao instinto de solidariedade dentro da espécie, à capacidade de empatia, aos impulsos gregários, às tendências altruístas e aos ritos socializantes. Ele define a afetividade como “un estado de afinidad profunda hacia los otros seres humanos, capaz de originar sentimientos de amor, amistad, altruismo, maternidad, paternidad, solidaridad”.

Segundo Toro, a expressão privilegiada desta Linha é o amor, e “celebrar a presença do outro, exaltá-la no encanto essencial do encontro é, talvez, a única possibilidade saudável” (2002, p.13). É a possibilidade de experimentar o encanto essencial no encontro com a alteridade do outro. Toro propõe a evolução do ser humano de modo contínuo e em todos os aspectos, pois estamos necessitados de um sentimento de intimidade, de união agradável e de beleza estimulante, pois ainda somos solitários num caos coletivista.

As vivências propostas dentro desta Linha têm por objetivo despertar e desenvolver a ternura, a solidariedade, a cooperação e a integração à espécie, acordando e potencializando a capacidade amorosa de cada ser humano, para que este se comprometa com a criação de uma nova civilização.

Podemos ser pessoas mais conectadas com nossa força amorosa. Não precisamos ficar com receio em dizer que somos pessoas amorosas, permitindo-nos aproximar das pessoas

numa relação de confiança somente para compartilhar a vida, e poder sentir que nos nutrimos mutuamente, sem deixar de ser o que se é, sem se anular. Sanclair diz do modo como ele experimentou a afetividade, e revela o quanto a Biodanza o marcou, pois ainda se recorda de sua primeira aula, há trinta anos.

"Eu era mais impulsivo e impaciente do que eu sou hoje. Tinha dificuldade de controlar a energia que me tomava, assim eu não suportava uma percepção de injustiça, eu já falava logo. Falava de uma maneira explosiva, acho que a Biodanza, entre outros aspectos, me ajudou muito a compreender no sentido de sentir esta eferência interna que ia surgindo e mais ou menos harmonizá-la. Eu passei a ser mais paciente, mais aceitador das coisas, da diferença e talvez eu tenha receio de dizer – talvez eu tenha ficado até mais afetivo, apesar de que eu não sou uma pessoa muito derretida, mas eu me sinto bastante amoroso. "

O vínculo com a ancestralidade ficou de forma muito mais suave, de uma conexão afetiva muito grande. Foi para Sobral a experiência da afetividade. Para Carla, afetividade é relação de alteridade, é a possibilidade de encontrar ressonância para o desabrochar do potencial, é o estabelecer da identidade. Só a identidade integrada possibilita relação de alteridade. Amar e expressar afeto passaram a ser um grande aprendizado, que se transformara em novas atitudes, que Mônica pôde dizer que aprendeu a expressar:

"Para mim é fundamental agora o abraço, o beijo, o carinho, o afeto. Conversando, rindo com as pessoas, me aproximar mais. Antigamente eu não dava nem um abraço no meu pai. E hoje, não! Aonde eu o encontrar, é um abraço, um beijo, peço a bênção. Aonde ele encontrar é a mesma coisa.[...] A família está ótima. O carinho, a atenção, eu com ele, ele comigo e meus filhos[...]Fico triste naquele momento, mas depois desabafo o que eu estou sentindo. Converso e a gente se entende".

Maria Lúcia, que é uma das nossas entrevistadas, e faz parte do grupo dos primeiros integrantes formados na Biodanza por Rolando Toro, chama a atenção para aspectos que considera importantes nas nossas relações, para não ficarmos na precariedade, acreditando que as relações humanas são sempre marcadas pelas intrigas e pela competição. Para ela, a precariedade da afetividade e da transcendência são fatores que fomentam intriga. Ao trabalhar as dimensões afetividade e transcendência, será possível transformar nossas relações para uma convivência de respeito e de escuta da singularidade de cada um.

O desejo de vinculação com o outro está bem presente nas expressões do grupo focal onde registrei os significados da vivência na Linha da Afetividade:

“compromisso com o grupo”; “superação de obstáculos para que a aula acontecesse”; “paz, felicidade, energização”; "grupo aqui – energia forte-positiva"; “gratidão pelo convite/alegria de estarmos juntas”; “muita gente no grupo, parece que a energia vibra mais”; “me sinto melhor quando o grupo é maior”; “trouxe lembrança da minha mãe pelo aconchego, carinho,

nutrição”; “gratidão e me sentindo maravilhosa”; “experiência de colo – muito bom”; “muito bom o aconchego e o acariciamento, felicidade”; “me sinto bem”; “alegria”; “muito feliz”; “cada vez melhor”; “tenho um compromisso marcado que é a Biodanza e procuro não deixar por outra coisa”; “receber tanta energia e igualdade, sem olhar defeitos de ninguém”; “receber e passar energia”; “me sinto mais forte, me sinto muito bem e motivada para retornar”; “viver a experiência de guiar e olhar nos olhos”; “me senti bem ao ser chamada pelo nome”; “foi muito forte e fiquei feliz e revigorada.”

O grupo possibilitou a reflexão de que estas vivências nos levam a pensar que é preciso parar e refletir mais sobre a vida, e que a Biodanza é um suporte para o dia a dia, para viver melhor. É um tempo para relaxar, renovar e transformar, através da experiência do toque afetivo, de dar e receber colo, o que faz conectar com experiências passadas, mobilizando um conteúdo para a terapia, reforçando o desejo de libertação e superação de dificuldades nos relacionamentos. Foi percebido no grupo o reforço da identidade através do nome e do toque afetivo, como uma dimensão de confiança na condução do outro. Desse modo, se faz as metáforas com a vida, o desejo de ser cuidada e viver a experiência da confiança e da entrega. Os exercícios desta Linha no grupo levaram a reflexão de que muitas vezes, na vida cotidiana, pelos compromissos familiares e de trabalho, quase sempre estamos conduzindo os outros. Desejamos ser conduzidos e com cuidados de modo afetivo. Viver mais a entrega e a confiança para se ter uma energia nova para enfrentar os obstáculos da vida.

Foi possível fazer reflexões, a partir do grupo focal e das entrevistas, tais como: a afetividade que é esta afinidade com o outro, que é esta experiência do amor, do altruísmo e da manifestação do afeto conduz os participantes a uma vivência de pertença grupal e de vinculação, que aparece nas manifestações do grupo e além do grupo, nos vínculos familiares e nas relações com todo e qualquer ser humano. A pessoa poderá perceber-se em processo de mudanças no estilo de ser, com atitudes tais como: o modo de encontrar as pessoas, a ternura no olhar que evita julgamento do outro, o modo de abraçar e a qualidade nos vínculos são experiências tão significativas que chegam até a surpreender a si mesmo.

Segundo Toro (2008a, p. 5), a raiz do mal (assassinatos, bombas, ódio, terrorismo, destruição do meio ambiente, violência urbana etc.) está na dissociação da inteligência da afetividade. A inteligência deveria ser usada para que todos estivéssemos felizes. A inteligência está a serviço do amor, quando nos leva a experimentar o afeto, o companheirismo e o respeito. Por isso propõe uma prática, um exercitar de vivências de encontro, de aceitação do outro, permitindo-nos que nos toquemos profundamente com gestos e expressões profundamente humanas, tais como: reconhecer que precisamos de colo, que desejamos ser

abraçados, nos permitindo chorar, rir e celebrar. Para Toro, toda nossa existência se organiza em torno do amor, que é a experiência de estar vivo e ser significativo para alguém.

Com novas atitudes a partir do sentir, vai-se construindo um mundo mais afetivo ao seu redor, em que a vivência do amor pelo outro ilumina o próprio viver, com a sensação de felicidade, harmonização e gratuidade. Valores tais como a celebração pela vida do outro, a alegria pelo encontro na alteridade, a cooperação, a cumplicidade, a solidariedade, o sentimento de pertença, a admiração e a seleção saudável das relações começam a integrar um novo estilo de viver. A relação de respeito por si e pelo outro, expressa na palavra amor, transborda na convivência como força motivadora e orientadora do próprio viver. Para Toro (2008a, p.6), o que falta no mundo é a ternura, por isso precisamos promover novas formas de aproximação e de contato, nutrindo-nos de um regresso ao primordial, à natureza e ao amor.

Fluxograma 5 - Exercícios da Linha de Afetividade

Fonte: Toro e Terrén, 2008, p. 71

2.3.1.5 Linha da Transcendência

A Transcendência é vinculação com a natureza, é sentimento de pertença ao universo, são estados de expansão da consciência. Segundo Toro (2002, p. 91), a experiência de Transcendência é vista como superação do próprio eu, indo além da autopercepção para identificação com a própria natureza. Para ele, “a procura de harmonização com a natureza em sua totalidade é uma função orgânica [...] O impulso místico é visceral, e tal experiência provoca profundas modificações na homeostase, tanto em nível orgânico como em nível existencial”.

Toro (2002) diz que são escassas as experiências onde o ser humano possa se libertar de hábitos mentais e emocionais para chegar a um outro nível de consciência. Estamos tiranizados pela mecanização.

Os efeitos da vivência nesta Linha de Transcendência vão proporcionar uma iluminação à experiência mística da totalidade. A sensação de ligação íntima com a natureza e com o próximo é uma experiência tão intensa que se experimenta poucas vezes na vida. Mas estas são experiências capazes de transformar a vida, mesmo que vivida por uma única vez. A sensação de participar de um movimento unificador do cosmo, é uma experiência capaz de mudar nossa escala de valores (TORO, 2008, p. 91). As vivências de Transcendência são promotoras da mudança de consciência, o que permite um outro olhar para a vida como contemplar a beleza da natureza, permitir-se admirar, ficar encantada, sentir gratidão e comunhão.

Na Biodanza há um conjunto de vivências chamadas de Posições Geratrizes, que são consideradas “gestos eternos”- arquétipos presentes em toda história da humanidade, que ao serem vivenciados, são geradores de significados muito profundos, acessando conteúdos que possibilitam as vivências de intimidade e de totalidade. Nestas vivências há um processo de renovação do existir com a confiança de que a vida tem sentido, e que é grandioso e sagrado o próprio viver.

Quadro 1: ALGUMAS POSIÇÕES GERATRIZES

Nome	Descrição
Intimidade	As mãos se aproximam do peito, lentamente, como para proteger algo de íntimo; a cabeça se inclina com devoção. Este gesto gera uma vivência de profunda intimidade, na busca de diluir-se dentro de si.
Valor	Punhos cerrados, braços tensos, cabeça erguida e atitude serena. Com as mãos empunhadas, os braços se cruzam com lentidão e firmeza sobre o peito, na atitude de reter um poder e de defender um valor interno. O gesto se refere ao valor interior da pessoa, assumida como criatura transcendente. Os olhos estão dirigidos para frente e os pés estão levemente separados.
Dar - Dar-se	Pés separados; braços que se abrem lentamente para frente em um ângulo de 35°; mãos abertas na atitude generosa de dar. Olhos abertos Dar-se: O mesmo movimento mais amplo; o corpo se arqueia um pouco para trás, a cabeça se abandona também para trás, em atitude de oferecer-se completamente. Fechar os olhos quando a vivência se intensifica.
Receber	A partir da posição de “dar”, os braços se elevam para frente em um ângulo de 90° para logo se abrir em atitude receptiva. Olhos abertos e pés ligeiramente separados.
Pedir	A perna direita para frente, um pouco flexionada, e a esquerda para trás. O braço direito se adianta a 140° com a palma da mão voltada para cima. O braço esquerdo fica para trás. O olhar e o rosto se dirigem, com dignidade, em direção da mão direita. Olhos abertos.
Expansão-“Homem-estrela”	A pessoa fica de pé com os braços caídos ao longo do corpo e o olhar para frente. Deslocando o pé esquerdo para o lado, separa as pernas e, simultaneamente, fecha os punhos levando-os ao peito, um contra o outro. Em sequência, abre o braço e a mão direita, e depois o braço e a mão esquerda, assumindo a posição de “homem-estrela”. A seguir, volta-se à posição inicial.
Magnetismo	De pé, aproxima-se e afasta-se delicadamente as palmas das mãos voltadas uma para a outra. Este gesto deve ser repetido algumas vezes, muito lentamente, na busca da percepção da energia magnética polarizada entre as duas mãos. Esta posição induz à vivência da criação de uma esfera de energia pulsante

Fonte: TORO, 2000a, p. 26-28

Há uma estimulação para um despertar da grandeza do ser humano. É isso o que Nádia experimenta como o objetivo da Biodanza. E a Transcendência para Carla é mergulhar nas coisas que não são tão agradáveis, mesmo assim a pessoa não sucumbe a elas. Os efeitos são também descritos através dos sentimentos de comunhão, de beatitude, de deleite, de amor, possibilitando a percepção de totalidade e de interligação. Sobral fala desta experiência:

"Mente expandida. Eu vivi, vi coisas que nunca imaginei que viveria na minha vida. [...] Fiquei uma semana em estado de beatitude. A temperatura corporal, a leveza, a clareza de pensamento, a ausência de conflito, um bem-estar muito grande. Foi um momento de êxtase [...] Paz profunda comigo! [...] A vivência do arquétipo da luz, do arquétipo da consciência, da consciência cósmica. Onde a gente está associado com a fonte, com a fonte criadora [...] Uma sensação de inteireza, de vitalidade, de amor. Era sem explicação!"

Na experiência de Márcia:

"Eu sempre trabalho comigo de superar, de contemplar além dos problemas, mas sempre tem alguma coisa boa para você agradecer."

Edna cultiva a Transcendência admirando a beleza da natureza, vendo as pedras diferentes, indo à praia, contemplando a lua, o céu com as estrelas, as árvores e as flores.

Régia fala como é sua experiência de Transcendência:

"Digo não! Não vou reclamar, não! Meu Deus, Obrigado! A gente tem que agradecer e não reclamar. Esta força, esta energia, essa coisa que vem de dentro de mim. A fé, a esperança de viver. Assim a minha missão, porque eu estou aqui. Eu tenho que fazer o melhor pra mim e para minha família, para quem está do meu lado. Porque estou aqui, o meu papel, qual é minha missão? Isto aqui está me abrindo muito, principalmente agora que veio meu neto. [...] Desde que ele nasceu é uma luz muito forte! É uma energia- aumentou a minha vitalidade, dobrou! Aquela coisa boa!"

Para Mônica, a vivência de Transcendência a levou a assumir a vida numa perspectiva de resolução. Quando passa por dificuldades, não abaixa a cabeça e nem se encolhe numa postura de fechamento. Compreendeu que só chorar, não resolve os problemas. Faz a opção rumo às tentativas de dar solução ao que pode resolver, com a decisão de ser feliz. Vê a vida com otimismo.

No grupo focal registrei estas expressões que falam das vivências de Transcendência:

"tranquilidade, harmonia, feliz, leve, maravilhosa, forte, bondade"; "banho de luz – iluminar – iluminar através das coisas mais simples, a gente vê as coisas mais belas. Ilumina tudo, o meu ser por inteiro e todas as coisas ao meu redor"; "me senti bem com todos os exercícios de Transcendência, pois o dia a dia é muito corrido. Me sinto bem com os exercícios lentos – proporciona equilíbrio para melhor tomar decisão, pois estas estão no meu interior"; "dar energia e levar para os outros – me senti muito bem"; "sobre o exercício "Banho de Luz", me

identifico muito”; “o abraço é muito forte – muita energia - o abraço é tranquilo, muito acolhedor e muito respeitador. O abraço, o toque de um para o outro”; “me senti muito bem no grupo, me entreguei e vivenciei”; “aqui (fazendo referência ao grupo) ninguém é certo ou errado. Você se entrega, você se expressa”; “carregar esta leveza para as pessoas, para que o mundo viva melhor. Com o abraço, consigo me concentrar, consigo relaxar”; “vivi com intensidade a posição geratriz de pedir”; “me senti como uma criança e percebi com admiração as mudanças em mim e chego a me perguntar: “é tu mesmo?”; “a Biodanza como transformação – me sinto iluminada, amada por todos, me sinto no trono, como uma rainha.”

Neste dia, como facilitadora /pesquisadora, registrei a minha percepção sobre o grupo. Há empenho, entusiasmo e motivação. Percebi a fala emocionada do sentido do abraço.

Através do grupo focal e das entrevistas foram surgindo reflexões, como por exemplo, um aspecto que é renovador no grupo de Biodanza é a experiência de comunhão, de cumplicidade com o outro, o que favorece as vivências de Transcendência. Esta exige um ambiente de maior confiança grupal, para que a pessoa possa se entregar às vivências, chegando a desfrutar desta mudança de consciência, através da indução de exercícios promotores de vários níveis de transe⁴, desde os mais leves até os mais profundos. Neste estado é possível saltos de evolução e de mudanças em nossas vidas. O desenvolvimento de novas atitudes no modo de compreender a vida é proveniente desta mudança de consciência que inova, e pode ir na direção de viver uma vida com menos conflitos, por ter menos tensão para lidar com as dificuldades.

Os gestos mais singelos do cotidiano (como embalar uma criança, dar um abraço, caminhar etc.), e da natureza (a brisa suave, a correnteza das águas, admiração das estrelas etc.) são vivenciados como a dança da vida, nutrindo-nos de uma vertente geradora de mais vida, recuperando o sentido de totalidade e ampliação da consciência. A vida se transforma numa grande celebração, atravessando os gestos e os transformando em vivências, que são significadas por cada participante como sua dança existencial na comunidade dos humanos,

⁴ EXERCÍCIOS PARA CINCO NÍVEIS DE TRANSE EM BIODANZA

Nível 1:Relaxamento do pescoço (entrega e abandono) segmentar de pescoço, Dança de sensibilização, Roda de embalo, Fluidez na natureza, Fluidez em grupo. **Nível 2:** Fluidez em par com contato sutil, Dança absoluta (sem música), Batismo de luz, Grupo compacto de transe. **Nível 3:**Coro de "Cana Divina" e Coro em espiral, Dança / Coro - Canto interior, Elasticidade integrativa, com abandono, Flutuação no âmnios (Posição Geratriz), Dança de prazer cenestésico (individual e em par). **Nível 4:** Regressão por acariciamento do rosto, Posições Geratrizes do Código III, Vivência de eternidade (Posição Geratriz), Fetalização cósmica. **Nível 5:**Transe de abandono ao útero grupal, Canto sobre o corpo, Transe rítmico, Transe de suspensão,Transe de suspensão na água (TORO, 2000c, p.6).

que não está separada da comunidade do planeta Terra. Daí vem o sentimento de comunhão e de totalidade.

Fluxograma 6 - Exercícios da Linha de Transcendência



Fonte: Toro e Terrén, 2008, p. 77

2.4 O MODO DE SER FACILITADOR DE BIODANZA

Na carta escrita por Toro, dois dias antes de seu falecimento (fevereiro, 2010), no Chile, aos 85 anos de idade, ele colocou o que é essencial da missão do ser facilitador de Biodanza: exaltar o amor e a sacralidade da vida nesta missão. Ele fala do despertar do estado de graça e da consciência iluminada. Só que esta iluminação em nós seres humanos é pela intensidade e celebração da vida. Este estado de iluminação, segundo Toro, é parte integrante de todo ser humano. Convida o facilitador a experimentar em seu corpo o prazer de viver conectado com o esplendor da vida. Vem daí o desejo de expressar e iluminar, aceitando a abundância e a beleza que gera o amor. Ele indica que nossa grande missão é devolver ao mundo a sacralidade da vida. Precisamos levar adiante a maior tarefa que pode abarcar nossa existência: devolver ao mundo a sacralidade da vida.

O facilitador de Biodanza considera sagrada sua missão e se compromete com ela, pela vida mesma e pelo ser humano, pelo desejo de felicidade e instauração do amor. É uma convocação da própria humanidade que habita cada ser humano, com a vinculação pela sacralidade da vida. E desta experiência fala Sobral:

"Diria assim, não há nenhuma separação entre sagrado e profano. Tudo é sagrado! Entender um pouco da linguagem poética do Toro é ir um pouco mais além daquilo que a gente ler literalmente num livro. Nos transpõe, isso transcende."

Toro nos convida, através de sua carta dirigida ao facilitador, a transfigurar nossas atividades como professores de Biodanza em atitudes poéticas que transcendem as preocupações, os jogos de competição e dificuldades, para a utopia de mestres que experimentam a abundância e a beleza, por isso falam do amor como vinculação e vivência da sacralidade da vida. É um convite para viver poeticamente os estados prosaicos da missão de facilitar, de ficar deslumbrado pela vida em si e no outro. Facilitar é uma vivência vital, de prazer, de criatividade, de transcendência e de amor. Facilitar o crescimento do outro como ser humano que se humaniza pela experiência de dançar a vida, de se expressar, de poder emocionar e agir de acordo com este novo emocionar. É uma experiência significativa e enriquecedora para qualquer pessoa que vive a missão de facilitar um grupo.

Os facilitadores assumem uma identidade de cuidadores da vida das pessoas. O exercício do papel como missão de cuidar da vida traz em si algumas crenças e exigências, que fazem parte de um contexto de interação entre uma liderança e um grupo, numa meta que possibilite outro nível de consciência, através do crescimento humano.

Sanclair vivencia a Biodanza como facilitador didata, acreditando que esta é sua grande missão, sentindo a vinculação profunda pela vida, e contribuindo para que o outro sinta-se vivo, sinta a beleza e o prazer de viver. Sente que faz este papel de lembrar a cada participante que cada um pode fazer esta experiência de estar vivo e de vibrar por isso. Nádia fala desta experiência através do seu grande entusiasmo de viver a sacralidade da vida aqui e agora, e descobre a importância de viver a grandeza do ser humano.

Neste sentido, expressa Maria Lúcia, "acaba sendo uma missão de vida, perceber-se como facilitadora de Biodanza, pois aonde eu vou, a Biodanza vai junto comigo". Assim, são imbuídos de que esta missão de ser um facilitador de Biodanza é algo muito importante, tanto para os que são facilitadores, como para aqueles que de alguma forma estão sob seus cuidados, através do processo de condução das vivências de Biodanza. Isto traz uma dignidade e uma enorme responsabilidade para a pessoa que assume este papel, que passa a ser um estilo de vida, muito mais que um papel exercido em uma vivência.

"Eu ouvi, desde pequeno, que eu tinha uma grande missão a cumprir na vida. E acabei acreditando. Hoje cumpro esta missão. Acredito que aquilo que faço em Biodanza é a grande missão que eu tenho que cumprir", diz-nos Sanclair. Os facilitadores em Biodanza, conscientes ou inconscientes, tornam-se uma referência no meio em que vivem, como disse Nádia, que ficou sendo uma referência de amor, de escuta, "meio conselheira". Perceber-se assim significa dar um sentido profundamente significativo no modo de existir e de se comprometer com a vida. É uma referência de amor, pois escuta e aconselha. É da escuta do outro que nasce o profundo respeito, o interagir, o face a face.

Da escuta respeitosa, nasce também a admiração e a referência de vida. Quando o convite para colaborar na Biodanza em sua organização e expansão, vem do próprio criador desse sistema, isso representou um convite irresistível, um atrativo que levou o convidado a desenvolver esta atividade como uma missão de grande relevância. Estes facilitadores se sentiram comprometidos e desejosos de dar continuidade a este trabalho. Sentiram-se investidos de um entusiasmo para contribuir com algo melhor para suas vidas e para a vida de outras pessoas. Isto se deu a partir das experiências e das mudanças para um viver com intensidade, tendo a vida como princípio norteador.

A missão do facilitador de Biodanza exige uma séria preparação, pois este se propõe lidar diretamente com a pessoa, no seu desejo de viver uma vida feliz, onde está presente toda sua inteireza e seu mistério; por isso o exercício de facilitar como uma missão. É o que Sobral

expressa quando diz que tem um olhar focado na alma, no coração e toca o humano. E que tem estado mais consciente do seu papel no mundo. Sente-se no papel de curador, e não vivencia isto com vaidade. Está convicto que o amor cura.

O amor como aceitação do outro como legítimo outro nos retira de toda forma de poder, do domínio do outro e, portanto, a missão exige preparação e atitude de gratuidade no modo de convivência entre um grupo e o facilitador. Sobral fala dos seus vários momentos em que experimentou vivências tão intensas de sensação de inteireza, de vitalidade, de amor, que parecia não conseguir explicar. Juntamente com os estudos de toda a teoria da Biodanza, o facilitador é formado através de uma metodologia vivencial, onde se percebe, como fala Sobral, numa missão enquanto jornada evolutiva, num aprendizado que faz ter um olhar sobre o humano de modo diferenciado, procurando não julgar. A formação para a missão de contribuir com a evolução do outro como um ser humano fica plena de sentido, quando quem facilita sabe exatamente o que está falando, pela experiência dentro de uma dinâmica evolutiva do seu próprio viver.

Em vista de estabelecer esta coerência, Maria Lúcia diz que experimentou na prática toda teoria da Biodanza:

"Que toda teoria da Biodanza eu gosto de experimentar na prática.[...] Assim eu fiz 5 anos, um para cada Linha. Uma coisa quase natural.[...] Eu fui observando as Linhas de Vivências em mim, como estudo e como observação. Então eu fui entendendo o que era cada conceito na minha vida, da autorregulação, da criatividade, da afetividade."

Desse modo, foi entendendo o que era cada conceito a partir de uma vivência. Nádia nos diz que ao dar aula dançando, fazendo a demonstração, já lembra ao seu próprio corpo que é possível uma renovação. Assim experimenta visceralmente o que está dizendo para seus alunos:

"Quando eu trabalho com Biodanza. Eu só trabalho com Biodanza. Mesmo quando estou debaixo da onda, no buraco da onda, está baixo[...]O curso de Biodanza, eu dançando, eu já mostrando, fazendo a demonstração, já me lembra no meu corpo que é possível. Então, uma renovação! Eu sou uma apaixonada! Uma apaixonada ortodoxa!"

O sistema Biodanza traz uma proposta vivencial na sua metodologia. Os facilitadores passam por este processo em sua preparação. Cada pessoa faz a sua experiência de modo singular. É desse experimentar que vem a decisão de dar continuidade ou não. Muitos facilitadores atuais e didatas de Biodanza foram formados pelo próprio Rolando Toro, e se sentiram tão comprometidos e envolvidos na proposta que, além do encantamento inicial,

tornaram-se grandes divulgadores da Biodanza, seja como profissão, seja como empenho pessoal no estilo de vida, ou como uma missão.

Foi possível perceber em cada facilitador entrevistado uma busca de ser coerente, o desejo de que toda teoria seja experimentada através do estilo de vida, um modo de estar no mundo. Maria Lúcia fala que a própria Biodanza foi amadurecendo como método, como processo, e os facilitadores foram amadurecendo com ela. Fala do entusiasmo, da alegria e do quanto era algo maravilhoso o encontro entre as pessoas interessadas na Biodanza, em busca da formação diretamente com Rolando Toro. Iam aonde ele estava, nos diferentes Estados do nosso país. Ainda não existiam as escolas de Biodanza. Percebe que na atualidade, existe uma necessidade de trabalhar a Transcendência e a identidade do facilitador:

"Eu penso que de uns 4 anos prá cá, eu acho que a gente está num momento de focar muito a Transcendência[...].É a própria Biodanza, acho que ela foi amadurecendo, passando pelas Linhas de Vivências enquanto método, enquanto processo. E nós enquanto facilitadores também. E hoje eu vejo que existe uma necessidade da Transcendência. Eu tenho me ocupado um pouco do trabalho da identidade do facilitador, de cuidar mais para que o facilitador seja mais fortalecido, para ele não ficar tão vulnerável às pequenas desavenças, aos desencontros. Eu acho que a Transcendência é que vai dar isso para nós[...]. Enfim, fui aprendendo em todos os níveis e agora é a hora de aprofundar a Transcendência."

O facilitador de Biodanza toma cuidado sobre si mesmo para que a proposta deste sistema seja vivida com todo potencial de vinculação e de transformação para o crescimento dos participantes. Sanclair fala dessa vigilância sobre si, cultivando o equilíbrio. Ele fala de sua experiência, que gosta de compartilhar a sua vida com as pessoas, apesar de que, sendo uma pessoa que gosta de estar com o outro, precisa estar também sozinho. Sente que precisa destes momentos de renovação. E vem daí a sua autorregulação e a garantia da qualidade de sua presença como facilitador das vivências de Biodanza.

2.5 A SESSÃO DE BIODANZA

É a prática da Biodanza nos grupos regulares. Góis (1995, p.104) ressalta a potência desta prática pela estrutura integrada entre movimento, música, consigna, presença do outro do grupo e pela presença sensível e segura do facilitador. Pela percepção do grupo é que há o processo do desenvolvimento de uma aula ou sessão, onde o facilitador integra os objetivos desta, em coerência com as Linhas de Vivências a serem desenvolvidas.

Apresentarei aqui uma estrutura de uma sessão para iniciantes a título de dar um exemplo. Esta estrutura foi organizada por Santos(1997, p. 129-131), trazendo as etapas a serem seguidas e as sugestões de exercícios. A **primeira etapa** é definida como atividade verbal: momento de informação teórica e também de falar dos significados das vivências da sessão anterior; **segunda etapa**: integração do grupo, onde se propõe a roda de solidariedade; **terceira etapa**: vitalidade, com exercícios de variações rítmicas, sincronização rítmica em par, sincronização melódica em par; **quarta etapa**: integração do esquema corporal, são sugeridos os seguintes exercícios, tais como o caminhar fisiológico, fluidez 1, e segmentares; **quinta etapa**: afetividade, é sugerido a roda de comunicação e posição geratriz de intimidade; **sexta etapa**: é proposto o exercício chave conforme o tema da aula. Nesta aula foram os exercícios de Posição Geratriz de sustentar nos braços a vida e abraço eutônico com trocas; **sétima etapa**: como ponto máximo de regressão, com a roda de embalo com olhos fechados; **oitava etapa**: ativação progressiva com roda de embalo com olhos abertos e roda de ativação progressiva; e **nona etapa**: encerramento com a roda de celebração.

Essa sessão teve como tema a sacralidade da vida, por isso os exercícios com suas músicas (omitimos as músicas) correspondentes foram escolhidos e orientados com esta intenção. Cada exercício numa sessão é precedido por uma consigna, que é a explicação rápida do seu sentido, aliado ao tema e ao modo como deve ser realizado, que é feito pelo facilitador. Este tem um papel muito significativo nesta condução.

Quadro 2: EXERCÍCIOS UTILIZADOS DENTRO DE UMA SESSÃO DE BIODANZA

Nome	Objetivo	Descrição
<i>Sincronização Rítmica em Pares</i>	Estimular a comunicação afetiva com o outro através do ritmo. Reforçar o sinergismo e estimular a capacidade rítmica.	Tomados pelas mãos, um diante do outro, segurando as mãos, olhando nos olhos, o par alterna movimentos rítmicos de forma sinérgica, com suaves deslocamentos no espaço. O facilitador propõe a troca de companheiro algumas vezes.
<i>Caminhar Fisiológico</i>	Reabilitar o caminhar natural, integrando as pernas ao tronco e o peito ao quadril.	Caminhar com todo o corpo, acentuando a ação dos glúteos, restabelecendo o tônus apropriado não só das pernas, mas também do quadril, do peito, dos músculos cervicais e faciais.
<i>Movimento Segmentar do Pescoço</i>	Relaxar a musculatura cervical. Dissolver a tensão ocular, oral e do rosto em geral e induzir um estado de semitransê.	Girar a cabeça lentamente com o pescoço relaxado, os olhos fechados e a boca semi-aberta. Evocar a vivência do abandono. Durante a rotação da cabeça é importante não forçar a extensão para trás. O giro deve ser lento e suave.
<i>Movimento Segmentar dos Ombros</i>	Relaxar a musculatura dos ombros e da região dorsal, geralmente tensa por causa dos mecanismos defensivos e do sentimento de opressão	Fazer a rotação dos ombros da frente para trás, com os olhos e a boca semi-aberta, evocando uma vivência de liberação, como se nos liberássemos de um estado de tensão.
<i>Fluidez</i>	Estimular a vivência de integração ao universo. Possibilitar a desaceleração e a harmonização orgânica.	Os movimentos de Fluidez comprometem todo o corpo em um processo de deslizamento sensível no espaço, de modo que se produza uma conexão tátil com o ar.
<i>Proteger a Vida (ou Sustentar a Vida)</i>	Suscitar vivências de ternura e de encantamento frente a tudo o que é vivo e ativa os sentimentos de maternidade e paternidade.	Movimento lento e delicado de embalar uma criança. Olhos abertos e pés levemente separados.
<i>Roda de Embalo</i>	Induzir uma vivência de doçura e de afetividade, sem temor.	Os participantes tomam-se pela cintura e, com uma música lenta e melódica, se embalam suavemente, de modo a induzir um semitransê.

Fonte: TORO, 2000b, p.7-20

2.6 EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Nesta pesquisa estamos apresentando a Biodanza como mediadora da Educação Biocêntrica. De acordo com Toro (2001), esta mediação é para a reestruturação da afetividade e o desenvolvimento de uma consciência ética. Portanto, nossa prioridade como conteúdo e experiência está na Biodanza, como mediadora para uma educação que tem por excelência a vida. Por isso, apresentarei de modo sintético a compreensão de Toro sobre a Educação Biocêntrica.

Toro, ao criar e apresentar a Educação Biocêntrica e a Biodanza, estava apontando um caminho para o ser humano: aprender a viver, a ser feliz e a vincular-se afetivamente. Com este objetivo se tem a pretensão de cultivar um outro modo de ser humano, e de ser habitante deste planeta. Um ser humano que tem novas relações consigo, com o outro e com a natureza, o que Toro denomina de ‘Ser Humano Relacional’, o ser humano ecológico, e ser humano cósmico, pois entende que nossa civilização necessita com urgência de um novo tipo de ser humano (TORO, 2001). Toro apresenta a Educação Biocêntrica como proposta de mudança para novos valores e atitudes, que têm como valor absoluto a vida. Para ele esta é uma educação que tem por objetivo a conexão com a vida, através de sua metodologia vivencial, e tem como prioridade o desenvolvimento de pautas internas para viver.

Esta educação que tem por método a vivência, segundo Toro, tem que introduzir em primeiro lugar o corpo. Somos e sentimos a vida em nossa corporeidade. E para alcançar este objetivo, é necessária uma metodologia diferente daquela que normalmente se aceita num processo educacional, através do modelo lógico racional de repasse do conhecimento já produzido. Sem ignorar e sem negar a importância do conhecimento na história da humanidade, Toro prioriza outro procedimento para a educação no processo da aprendizagem: propõe a prioridade da aprendizagem vivencial. Esta forma de aprendizagem deve começar com as crianças, pois conforme Toro é necessário que as crianças, desde pequenas, aprendam a vivenciar, a sentir com intensidade sua experiência com a vida.

Esta intensidade da experiência com a vida são as bases para o desenvolvimento de um novo ser humano, capaz de vincular-se e manter relações de amor por si, pelo outro e pela natureza, com o desenvolvimento da inteligência afetiva. Sem passar pela experiência, são impossíveis esses novos aprendizados de vinculação amorosa e intensa conexão com a vida. Para Toro, a escola como espaço educacional não pode continuar sendo um lugar onde

somente se aprende conhecimentos, mas o lugar onde se expande a consciência e se desperta o sentido de sacralidade da vida. Por isso, ele sugere uma metodologia vivencial que venha significar e transformar nossas aprendizagens em atitudes vitais de vibração pela vida mesma, pois afinal, o fim último deste tipo de educação é o prazer de viver e o amor, isto é, “aprender a ser feliz”.

Para aprender a ser feliz, experimentar o prazer de viver, Toro acredita que a escola pode ser promotora de outras experiências muito estimuladoras para seus alunos como estar em contato direto com a natureza, a terra, a água, o fogo e o ar puro; com as plantas, as flores e os frutos; com os trabalhos de semeadura e cultivo agrário; com os animais; com o canto e a dança; com a preparação dos alimentos; com a luta e fuga; com a observação e proteção da natureza. Desse modo, a escola estará promovendo uma metodologia vivencial, a partir de muitas possibilidades, dentro da concepção de educar para ser feliz em conexão com a vida (TORO, 2001).

Toro propõe que o conjunto dos procedimentos a serem adotados na Educação Biocêntrica possa promover situações vivenciais, que levem a estimular na criança e no adulto, o ciclo dos instintos; a reforçar o instinto para a seleção dos alimentos em relação às necessidades orgânicas e saboreá-los, desfrutando o prazer do alimento; a estimular a capacidade de luta e defesa, através de brincadeiras de combate; a estimular a sexualidade natural, através do contato e das carícias; a desenvolver o prazer cenestésico do movimento, através de exercícios de harmonia e fluidez, natação orgânica e Biodanza; a ativar a expressão afetiva e criadora, através do canto, dos coros primitivos, do uso de cores e do desenho.

Desse modo, valoriza a escola como espaço educativo, que ele chama de “Escola Universo”, com estes procedimentos vivenciais e com esta nova visão de escola, onde se aprende a viver e a ser feliz. Ele recomenda que toda a família, inclusive os avós, sejam participantes dessa experiência de uma Educação Biocêntrica, para o nascimento e desenvolvimento de um novo ser humano (TORO, 2001). Este novo ser humano vai emergir através da expansão da consciência e com o despertar do sentido de sacralidade da vida.

Neste processo para o desenvolvimento da Educação Biocêntrica, que se faz também através da escola, na integração da inteligência e da afetividade, devem participar a família e os professores. Segundo Toro, a formação do professor, no tocante às relações afetivas, deve começar nos cursos de Pedagogia e continuar durante o exercício profissional. A escola poderá se tornar um espaço de novas aprendizagens, para um ser humano que se vincula afetivamente

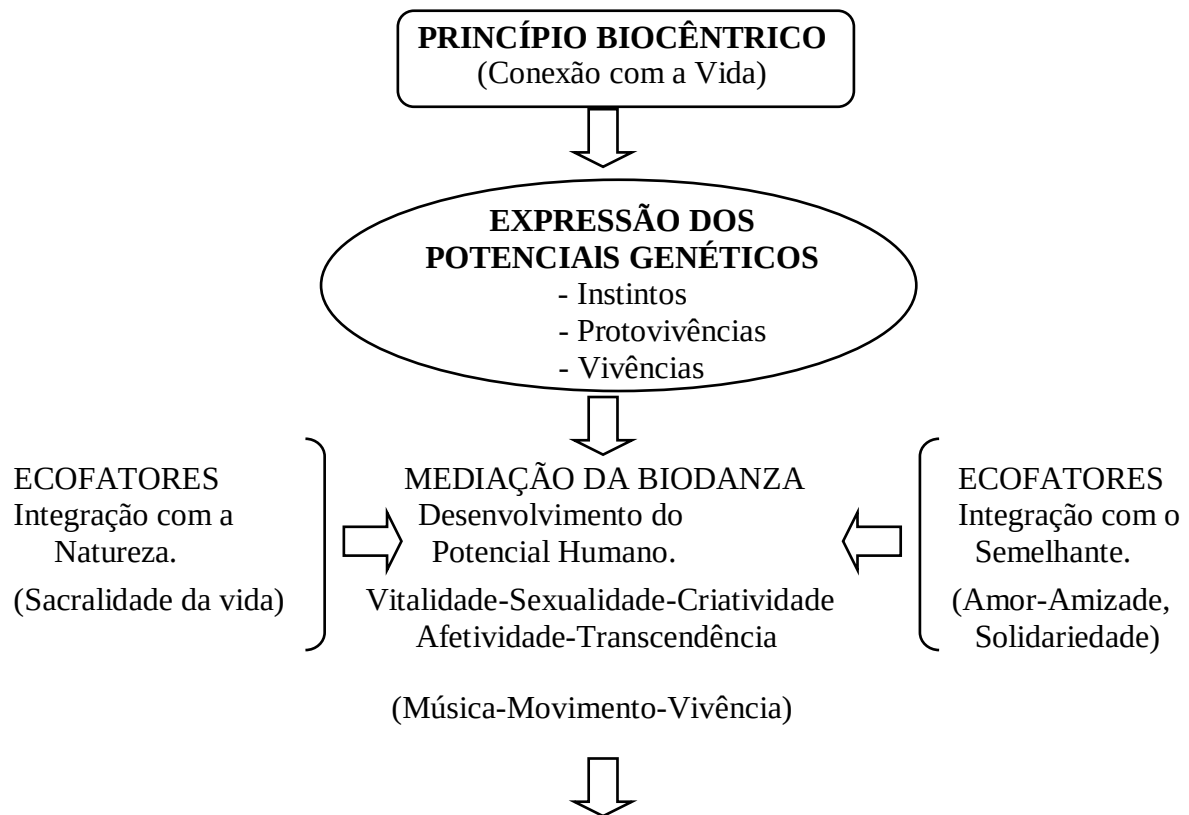
com seus semelhantes e com a natureza. Gonsalves (2009, p. 57), nos seus estudos sobre a Educação Biocêntrica, diz que esta educação busca "resgatar todos os sentidos: visão do mundo, cheiro do mundo, gosto do mundo, toque do mundo, sons do mundo! É preciso sentir o mundo na sua inteireza para se educar!"

Toro (2001 p.3), ao apresentar a Biodanza como mediadora da Educação Biocêntrica, apresenta os fins desta educação, numa perspectiva prática, vivencial. Ele pensa no exercitar cotidiano, para que a vida seja realmente o centro. Nesta síntese dos fins da Educação Biocêntrica, ele sugere também o como nos educar, como fazer, o que exercitar para alcançar estes fins, citando as várias ações e possibilidades dentro de um sistema já proposto por ele, o como nos educar para a vida nas várias dimensões.

Quadro 3: SÍNTESE DOS FINS DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Cultivo da Afetividade	Com danças de solidariedade, danças da amizade, encontro em <i>feed-back</i> . Através dessa experiência há a possibilidade de superar toda discriminação social, racial ou religiosa.
Contato com a Própria Identidade	Com exercícios de desafio pessoal frente às dificuldades. Desse modo, despertar a coragem para defender seus pontos de vista, através da conexão com a própria força.
Cultivo da Expressividade e da Comunicação	Expressar as emoções através da dança e do diálogo; Exercícios de criatividade artística: Poesia, Música, Pintura e Cerâmica. Favorecer o desenvolvimento da expressão verbal, oratória e recitação.
Desenvolvimento da Sensibilidade Cenestésica, Percepção do Próprio Corpo e Destreza Motora	Exercícios de fluidez, coordenação, sinergismo, eutonia, assertividade motora e prazer cenestésico. Favorecer este desenvolvimento através de aulas de natação orgânica.
Aquisição da Aprendizagem Vivencial	Sessões de aprendizagem vivencial da natureza: Geologia, Botânica, Zoologia e Astronomia.
Integração à Natureza e Desenvolvimento da Consciência Ecológica	Excursões ao mar e à montanha; Percepção da natureza com os cinco sentidos; Busca do ninho ecológico.
Desenvolvimento e Ampliação da Percepção	Exercícios de percepção musical e de obras de artes plásticas; Percepção com os cinco sentidos de situações humanas.
Expansão da Consciência Ética	Exercícios de regressão e expansão de consciência. Coros e danças na natureza.

Fonte:Toro, 2001, p.3

Fluxograma 7 - Estrutura Teórica da Educação Biocêntrica

EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA
OBJETIVOS:
Integração da Afetividade (Amor-Vínculo Humano) Expressão da Identidade Renovação Orgânica (Integração do Inconsciente Vital) Aprendizagem Vivencial Criatividade e Inovação Existencial Percepção Poética Expansão de Consciência Percepção da Unidade Cósmica Desenvolvimento da Inteligência Afetiva Raciocínio Crítico e Criação do Conhecimento Prazer de Viver
METODOLOGIA:
ESCOLA BIOCÊNTRICA

Fonte: Toro, 2001, p. 4

3 AS EMOÇÕES MOVEM A NOSSA EXISTÊNCIA

O mundo é percebido a partir de nossas emoções. O modo como sentimos o mundo desencadeia a nossa resposta a ele, com nossos pensamentos e ações. Conforme Maturana (2002, p.15), “emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos”.

A emoção é algo inato à nossa condição humana e foi o que garantiu a nossa sobrevivência, mesmo sendo mal compreendida ao longo de nossa história, pois foi vista, na maioria das vezes, como desencadeadora da confusão de nossa razão.

Chegamos ao que somos hoje, como espécie humana, pela capacidade proveniente das nossas emoções, que nos fez sentir o meio, adaptando-nos a ele, podendo dizer uma palavra a seu respeito, podendo qualificar ou desqualificar, dependendo do nosso sentir e de nossas crenças sobre este sentir. Pelas emoções, percebemos quando vivemos num ambiente ameaçador, desqualificador, e por isso, podemos fugir, ou quando nos sentimos seguros, protegidos, acolhidos e valorizados, nele podendo permanecer.

De acordo com Casassus (2009, p. 22-23), as emoções são a chave de nossa sobrevivência. O medo permitiu a reação e fuga diante das ameaças, e o desejo levou o ser humano a se alimentar e reproduzir a espécie. As emoções estiveram no centro de nossa capacidade de sobrevivência. Elas representam o campo vital de cada pessoa. O que sentimos determina em grande parte quem somos. Portanto, é nas emoções que se encontram a fonte mais íntima de nossa identidade. Nossa identidade é a expressão de como agimos e reagimos às mensagens do nosso entorno. Na atualidade, está sendo inserida em nossa cultura a compreensão de que nossa saúde depende também do equilíbrio emocional, e que do desequilíbrio emocional adquirimos doenças, não somente com manifestações psicológicas, mas que atingem todo nosso organismo.

Nossas emoções são sinais de alerta para nossa adaptação e sobrevivência. Nesse sentido, as emoções poderão nos conduzir para o nosso bem viver. Por outro lado, podemos também ser escravos de nossas emoções e paixões, registrando assim, o seu caráter ambivalente. Não podemos ignorar ou negar as emoções que estão presentes em todas as circunstâncias, pois são consideradas relevantes para a condução do nosso viver.

Ao longo da história, ao refletir sobre as emoções, estas foram vistas pela maioria dos filósofos como uma patologia da alma e, portanto, um estorvo, uma força perturbadora que

estava associada ao vício, enquanto a razão estaria associada à virtude, que é justamente para controlar as emoções. Esta mentalidade sustentou por muito tempo a primazia do ser racional, dominador, objetivo e senhor da natureza, tendo a razão como o motor do desenvolvimento científico, desencadeador de um progresso que seria capaz de trazer autonomia e felicidade para a humanidade. Em oposição a esta concepção Maturana (2002, p. 16) afirma que “todo sistema racional se constitui no operar com premissas previamente aceitas, a partir de uma emoção”. Portanto, são as emoções as orientadoras também dos sistemas tidos como objetivos e racionais.

Segundo Nietzsche, a tentativa de inibir, negar ou destruir as paixões, provoca danos à existência, não se deixando levar por suas energias vitais. A vida é energia que se expande, por isso torna-se impossível tentar eliminar essas energias. Esse filósofo compreendeu que a vida está além dos preceitos do bem e do mal. Os valores do bem e do mal tentam controlar esta energia vital, conduzindo o homem a uma condição ínfima. Com sua postura em relação à vida e aos valores, mostrou como a moral fez a inversão dos valores. O que era negativo, tornou-se positivo. Para ele é um erro eliminar aquilo que é da ordem da vida, da existência, pois “a própria vida é vontade de potência” (2006, p. 44). Negar as paixões significa desconhecer o que move a nossa existência.

O que anima nosso corpo é a energia vital, e esta energia são nossas emoções. Só que de modo geral, não percebemos estas emoções em si mesmas. Estas estão configuradas em nossa mente racional, na forma de palavras, conceitos e imagens carregadas de memórias e situações. Estas representam as emoções, não são as emoções. E para viver a vitalidade das emoções é preciso ir além das imagens. Casassus propõe a educação emocional como um caminho que leva a observação das memórias e situações, com o objetivo de compreender a origem de nossas reações, para viver as emoções de maneira positiva, em seu estado mais vital, isto é, sentindo a vida. Pois é desta experiência de sentir a vida que nos damos conta de que existimos. Sentir e tomar consciência da vida dentro de si (CASASSUS, 2009, p. 49-50). Assim como aprendemos a reagir emocionalmente dentro de um contexto cultural, e ficamos como que programados com repetições de emoções padronizadas, podemos reinventar nosso sentir, ao tomar consciência das programações para permitir um fluxo natural de nossa energia vital, através de nossas emoções genuínas.

Diante da questão, como se elaboram as emoções na Biodanza? Segundo Toro (1991, p. 206), a elaboração das vivências se faz a nível corporal. Estas produzem trocas imediatas no

aqui e agora das autorregulações neuroendócrinas. Os sentimentos começam a sedimentar em forma orgânica, sem uma intervenção das decisões mentais. Na Biodanza se reforça a produção de emoções saudáveis de plenitude, de afeto, de bondade, de segurança em si, de amor, de felicidade, de serenidade, e de respeitosa vinculação humana. As emoções podem ser expressas através dos caminhos saudáveis ou patológicos. A Biodanza reforça a expressão saudável. Assim, a agressividade pode ser descarregada através da criatividade vital, e o desenvolvimento da espontaneidade afetiva e erótica não permite a acumulação da tensão agressiva. Para Toro, as nossas emoções tais como ódio, medo, angústia, raiva, tem sua expressão dentro de um contexto criativo, pois ele entende que só a arte pode conter o mal e transformá-lo em algo de valor e pleno de sentido.

Neste sentido de perceber nossas emoções e paixões também nas suas ambiguidades, Toro (1991) nos diz que o ser humano já experimentou todas as formas de dor através da violência, e agora está em busca de uma nova Estética Antropológica, que objetiva a descoberta das vertentes humanas da beleza interior, desencadeando um modo de existir em profunda conexão com toda expressão de vida. Questão que é refletida também por Morin, quando questiona e responde. A pergunta de Morin (2007a, p.168): “como sair da nossa barbárie civilizada?” “É necessário que se desenvolva uma consciência do destino terrestre comum, o que nos indica que a transformação material necessita de uma transformação espiritual (p.169)”. Preocupação também presente no pensamento ético de Lévinas, que experimentou os horrores do Holocausto e chega a identificar a filosofia hegeliana com estas atrocidades. “O autor identifica a filosofia hegeliana com a legitimação ideológica das atrocidades das guerras e do nazismo. A razão revelou-se responsável pela imoralidade que produziu o horror do assassinato do homem pelo homem” (RIBEIRO JÚNIOR, 2005, p.120).

A liberação dos movimentos corporais vai possibilitando a liberação da dor, das emoções contidas, das tensões existenciais que se fazem presentes em nosso corpo, como aponta Casassus (2009, p.135): "o sentir não é um ato intelectual, mas uma experiência emocional. O que sentimos, sentimos em nosso corpo sensível, porque é nele que encontramos o suporte interno das emoções". Toro (1991) diz que um dos objetivos enfatizados na Biodanza é aprender a escutar o corpo. Escutar o corpo e seguir suas informações. Isto requer uma saudável conexão consigo mesmo. Régia fala da necessidade de escuta e que se sente bem com todos os exercícios de Biodanza que lhe proporcionam lentidão, pois o dia a dia é muito corrido. Os exercícios lentos lhe proporcionam equilíbrio para melhor tomar decisão, pois estas estão no seu próprio interior, sentidas em seu próprio corpo.

É da escuta atenta de si que se pode ir em direção à libertação das dores e do *mal-estar* que são vivenciados corporalmente. E certamente a liberação do ressentimento, da raiva, do sentimento de culpa, da falta de esperança etc., livra o ser humano de suas próprias dores, que foram tecidas pelas experiências interpretadas como negativas, e o disponibiliza para a renovação de sua vida. Dessa liberação, há a possibilidade de se encaminhar para um novo estilo de vida, que pode ser pautado pela ética do amor, que é também religação, como um modo de se relacionar consigo, com o outro e com o Planeta.

A vida é marcada por encontros e desencontros, mas insiste nos encontros, na religação, como a forma de manter-se viva na fragilidade. A nossa compreensão de encontro e de relação está dentro da perspectiva de Maturana, de um novo emocionar a partir do amor, de Morin, quando fala de ética da religação, de Levinas, de ética da alteridade e de Toro, com a poética do encontro humano.

3.1 AS EMOÇÕES NAS DIFERENTES ERAS PSÍQUICAS DA HUMANIDADE

Para Maturana e Varela (2005, p. 33-52), não há descontinuidade entre o social, o humano e suas bases biológicas. O próprio viver é um conhecer, e como seres vivos somos produtores de nós mesmos. Para eles, o que caracteriza os seres vivos é a capacidade de produzirem de modo contínuo a si próprios. É a organização autopoietica, proporcionada por uma rede de contínuas interações. Segundo estes autores, não há separação e hierarquia entre o ser humano e o mundo. Autonomia e dependência não são partes em oposição nos seres vivos, mas constituem uma circularidade e cooperação. Sendo assim, o ser e o fazer de uma unidade autopoietica são inseparáveis, fazem parte de seu modo de ser.

O devir evolutivo dos seres vivos são guiados por suas preferências, gostos e desejos que orientam e definem cada instante no fluir *relacional-operacional*. Seguem um processo de interações em que se conserva o *bem-estar*, vivido como a coerência *psíquico-corporal* com o meio que conserva o viver. Se esta coerência não ocorre gerando um *bem-estar*, o ser vivo morre. Isto ocorre com todo ser vivo. A nossa história evolutiva que deu origem aos seres humanos que somos, vai se definindo a cada instante, pelos desejos e preferências, nas configurações *sensoriais-relacionais*, isto é, pelas e nas emoções, no viver de um organismo. O fluir do ser humano, num espaço de coerências estruturais sensoriais e relacionais através das interações, se orientam a cada instante, para o *bem-estar psíquico-corporal*. O espaço de *mal-estar* pode acabar com seu viver e pode também levá-lo a fazer as perguntas reflexivas

sobre tal situação de *mal-estar*, que poderá desencadear um novo olhar e expansão das coerências sistêmicas do *nicho-psíquico-relacional*, que vai surgindo com o viver (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 29).

Neste sentido de nossa história evolutiva como seres vivos, que vamos construindo o nosso viver a cada instante, num fluir de interações, de conservação e mudanças, é que vamos analisar as emoções fundamentais que orientaram o nosso viver.

Maturana e Yáñez (2009, p. 30) tratam de *eras psíquicas*, ao analisar qual era a emoção fundamental que definiu os diferentes momentos, nos modos do conviver relacional em que foi conservada, de geração a geração, num fluir de interações, que se configuram a cada instante. Apresentam as *eras psíquicas* como um suceder contínuo que vai da *Era arcaica*, falando da origem do humano à *Era pós-pós-moderna*. Ao fazer este retorno nas *eras psíquicas*, nossos autores levam adiante uma reflexão sobre a dinâmica cíclica, num processo recursivo, que volta ao início em busca de uma nova consciência de pertença ao viver e conviver, em coerências sistêmicas, com abertura de novos *fazer*es para um novo ciclo do viver.

Como seres vivos, vivemos o nosso presente num processo de contínuas mudanças, num entrelaçamento do ser e o meio. Mudamos o meio e o meio nos modifica, em interações que sustentam e conservam este mesmo viver. Desse modo, Maturana e Yáñez apresentam nossa origem como humanos, através da formação espontânea da família como um modo permanente de convívio na intimidade do prazer e do *bem-estar psíquico-corporal-relacional*. Desse convívio permanente, no prazer e no *bem-estar*, tornou possível o surgimento do *linguajar* no fazer as coisas juntos. Assim defendem que, se nós humanos surgimos como humanos através dessa maneira, fica evidente que "é o *amar* a emoção que funda a família ancestral, no sentir íntimo e relacional que gera, conserva e realiza o humano como um modo de viver e conviver" (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 33). A linhagem humana, através da família ancestral no viver o *linguajar*, deu início ao conversar como um modo de viver que passa de geração em geração, através da aprendizagem dos filhos, que se conserva no sentir e no modo de fazer. Nós como humanos surgimos numa convivência em rede de interações, através das conversações que se conservam e transformam no fluir do próprio viver.

Maturana e Yáñez (2009, p. 114-115), defendem que nossa condição e identidade humana *Homo sapiens- amans amans*, se originou ao se constituir a família ancestral como um espaço de convivência no *bem-estar*, na sexualidade, na sensualidade e na ternura. Acreditam

que nos pequenos grupos, de cinco a nove pessoas, vividos na proximidade corporal, no compartilhar e no cooperar, o que gerou o prazer de fazer as coisas juntos, tornou possível o *linguajear*. Este foi um modo de conviver de coordenações de *fazer*es consensuais, e o fluir desta convivência no entrelaçamento do *linguajear* e do *emocionar*, que conservou no *bem-estar* do viver e conviver como dinâmica relacional. O conversar é o modo de conviver no amar, que ao se conservar de geração após geração, através da educação das crianças, é o que constituiu a nossa linhagem humana, como *Homo sapiens-amans amans*, onde o emocionar básico para a conservação de uma vivência consensual é o amar.

Em busca de compreender o que nos aconteceu, desde nossa origem como humanos, não menos de três milhões de anos, no suceder dos *sentires íntimos* e de suas configurações nos *fazer*es que levaram a conservação e transformação deste viver, apresentaremos o que os nossos autores chamam de *eras psíquicas*. A *Era Arcaica* é apresentada como o período em que surgiu o conviver humano como *Homo sapiens-amans amans*, com o viver humano na *psique da espontaneidade do amar*. Esta era é marcada por uma *psique* que traz a ausência da *sensorialidade-emocional do mal-estar, do desamar*. É um período de um conviver gerador de mundos na unidade operacional sem reflexão. Se vive, e no fluir da regularidade destas vivências, há um suceder natural, na própria coerência deste viver gerador do *bem-estar*. Esta era se conserva no próprio viver e amar sem explicação, sem justificativas. No momento em que se busca explicações há uma mudança na *psique* humana, passando para outra era, para outro modo de viver a partir de uma explicação, outro modo de viver e conservar este viver.

Na *Era Psíquica Matrística*, a emoção fundamental que marca esta era é a convivência na intimidade cotidiana do amar que surge na espontaneidade, de modo natural, e se conserva no prazer de conviver no amar, sem necessidade de se justificar. Este modo de viver não é resultado de uma reflexão, e nem de projetos idealizados, mas um modo de conviver em coerência com o mundo natural, por isso tem uma visão materna do cosmos como aquele que acolhe e nutre, e faz a renovação cíclica do próprio existir.

Segundo Maturana e Yáñez (2009, p. 36), a natureza era a inspiração para esta era. Assim como o sol, a lua e as estrelas surgem naturalmente brilhantes, de maneira espontânea, sem nenhum esforço, assim também, a atitude cotidiana é um viver em colaboração, sem nenhum esforço, de modo espontâneo. Colaboração no conviver, na busca de alimentos, no cuidado das crianças, no uso de instrumentos. Nesta convivência de colaboração não têm espaço a dominação e sujeição. Esta era é identificada com a cultura matrística.

Para Maturana (2004, p. 46), numa cultura matrística, as crianças chegam à vida adulta no mesmo emocional de sua vida de criança, isto é, marcada pela “aceitação mútua e no compartilhamento, na cooperação, na participação, no autorrespeito e na dignidade, numa convivência social que surge e se constitui no viver, em respeito por si mesmo e pelo outro”. Desse modo, não experimentam a dinâmica do emocional em contradição, como é no emocional da cultura patriarcal, marcada pelo controle do outro, pela ideia de poder, de autoridade e submissão.

Nesta perspectiva da cultura matrística, a vida não precisa ser vivida numa contínua luta pela dominação do outro e das situações, pois não tem como foco a apropriação. Assim, as crianças poderiam chegar a ser pessoas adultas num processo natural de expansão, e sendo felizes assumindo as novas atividades de um mundo mais complexo.

Diferente do pensamento patriarcal que é linear, e acontece num contexto de apropriação em vista de resultados, por isso não observa as interações e torna-se irresponsável, o pensamento matrístico se dá num contexto de interligação de toda existência, por isso se tem o entendimento de que todas as ações humanas têm repercussão na totalidade da vida.

Neste modo de viver, a relação com a divindade não representava uma relação de poder. Esta era a evocação da coerência sistêmica entre todas as coisas e a abundância da harmonia. As relações humanas não eram de controle, e sim pautadas pela congruência, harmonia e cooperação.

As interações e ações não eram em vista de realizar grandes projetos, eram apenas para viver interligados, sendo normal a vivência da estética e da sensualidade. Vivendo nesta perspectiva, a dor ou a morte eram vistas como uma ruptura na harmonia da existência ou uma chamada de atenção, pela falta de visão do homem, que colocava em perigo a totalidade da existência (MATURANA, 2004, p. 47-48).

Ainda segundo Maturana e Yáñez (2009, p. 37) a *psique da Era Matrística* começa a perder sua força de orientação quando os *sentires* do viver na confiança espontânea, nas coerências do mundo divino-natural, vão sendo configurados na desconfiança e no controle. Vão se configurando os *sentires* da convivência de uma *psique* que gera conversações de desconfiança e controle. Desse modo emerge a *Era do Apoderamento*.

A *Era Psíquica do Apoderamento* surge com a perda da confiança no mundo natural e o desejo de expansão e controle de tudo. A emoção que orienta esta era é o desejo do poder, e

do controle de tudo. Ainda segundo estes nossos autores, na nossa história evolutiva como seres vivos e como humanos, a linhagem do *Homo sapiens-amans amans* é a linhagem básica que garantiu nossa sobrevivência pelo operar em rede de conversações definidas pela *psique* de mútuo respeito, da colaboração, tendo como emoção central o *amar*. Na nossa história evolutiva podemos reconhecer o ocorrer de outras manifestações como *Homo sapiens-amans agressans*, em que a emoção que orienta o viver é a agressão, que se conserva com a dominação, submissão, apropriação e discriminação, e também do *Homo sapiens-amans arrogans* em que a emoção básica que guia o conviver é a arrogância, que se conserva pela rede de conversações definidas por uma *psique* que se caracteriza pela vaidade, onipotência e discriminação. Neste tipo de linhagem há a destruição do entorno que torna possível a existência do humano (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 39-40). Esta era é identificada com a cultura patriarcal.

De acordo com Maturana (2004, p. 37-49), os aspectos que caracterizam uma maneira de viver de uma grande parte da humanidade moderna estão pautados pela cultura patriarcal, com ações e emoções na nossa coexistência que valorizam a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a justificação racional do poder e domínio dos outros.

Mas podemos nos perguntar o que aconteceu, o que nos levou a estes comportamentos inspirados na negação do outro e não na cooperação e interação, já que nosso autor defende que anterior à cultura patriarcal existia a cultura matrística, que estava centrada no amor e na estética, na consciência da harmonia e confiança espontânea, em seu fluxo contínuo de mudança de vida e morte. Aprendemos, na convivência, a viver o modo emocional de uma cultura na qual estamos inseridos. Existe um modo emocional da cultura patriarcal e um modo emocional da cultura matrística. Segundo Maturana, o emocionar da cultura patriarcal está fundamentado no emocionar contraditório, que terá como consequência o sofrimento ou a reflexão. O desenvolvimento da criança passa por estas fases em oposição. Num primeiro momento, a criança vive o processo de tornar-se humano na convivência centrada na biologia do amar. E os adultos, com a concepção patriarcal, veem neste modo de viver um "paraíso", um mundo irreal de confiança, um tempo de despreocupação. Numa segunda fase, a criança já inicia uma vida focada na luta e na apropriação. Já experimenta as relações de autoridade e submissão.

Nestas fases distintas, a primeira é marcada por uma vida prazerosa, na estética da coexistência harmoniosa, configurada pela cooperação e pelo entendimento; a segunda fase é

vivida pela criança que vai se tornando um adulto, com um esforço pela apropriação ou controle da conduta dos outros, numa luta contínua contra os novos inimigos.

As emoções vivenciadas nestas duas fases, conforme Maturana (2004, p. 44) são tão contraditórias que se obscurecem reciprocamente. Ele nos diz que em meio a esta contradição emocional, buscamos uma superação através de algumas estratégias que ele aponta: através do controle ou do autodomínio; ou através da literatura, escrevendo utopias; ou aceitando esta contradição como possibilidade de fazer uma reflexão que nos leva a gerar um novo sistema de exigências, dentro da mesma cultura patriarcal; ou abandonar o mundo e viver a desesperança; ou de nos tornarmos neuróticos, ou viver uma vida matrística na biologia do amar.

Na cultura patriarcal, a nossa expressão é sempre numa atitude de luta, como se o tempo todo estivéssemos num grande combate, querendo vencer desafios que estão postos a cada instante, e para tanto precisamos do controle de nossas emoções. Dentro desta perspectiva, as relações com o outro são marcadas pelo sentimento do controle, através da autoridade e subordinação, superioridade e inferioridade.

A *Era Psíquica Moderna* tem como emoção fundamental o domínio da autoridade que penetra todas as dimensões do viver. É o período de expansão do saber científico e tecnológico. Pelo conhecimento apropria-se, controla e domina a natureza, realçando o poder sobre esta. Vive-se a confiança de que este conhecimento vai gerar o *bem-estar* para a humanidade, através da autoridade da razão. Desta confiança na razão, são elaborados os sistemas filosóficos para justificar a conservação do *Homo sapiens-amans arrogans* e *Homo sapiens-amans agressans*. O foco desta era está em sentir que a verdade única e o conhecimento devem orientar a conduta humana. Sendo assim, o viver humano passa a ser uma luta de verdades a partir do conhecimento. Sem a preocupação com a compreensão da convivência, busca-se ter a razão.

Na *Era Psíquica Pós-Moderna*, a emoção fundamental é o domínio da confiança no saber, com a tentação da onipotência e cegueira no saber. Instala-se a dominação cultural da ciência e da tecnologia, como poder de realizar o que se imagina sem querer ver as consequências. Há uma cegueira intencional, para não tomar consciência da responsabilidade diante da dor e do sofrimento do devir da *antroposfera e da biosfera*. Nesta era coloca-se ênfase na liderança, com instrumentalização dos liderados para alcançar os desejos de quem está no poder.

Na *Era Psíquica Pós-Pós-Moderna* se tem como dinâmica emocional fundamental o fluir da reflexão e da ação ética consciente. É a oportunidade do surgimento da linhagem *Homo sapiens-amans ethicus*, pelo refletir e assumir a responsabilidade da cegueira da onipotência, da eficiência, do controle e ambição do poder que geram o *mal-estar*, dor e sofrimento em todas as dimensões do conviver. Tempo propício para a ampliação da consciência e para reencontrar os fundamentos psíquicos de nosso existir como humanos, que estão no amar e na realização de um conviver como seres primariamente amorosos (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 46).

Com a apresentação destas *eras psíquicas* é importante perceber que houve um emocionar diferente do que nós experimentamos na cultura patriarcal marcada pelo controle, pela competição e negação do outro. Na atualidade, há uma busca de compreender a emoção que estava presente neste tipo de relação que se manteve na cultura pré-patriarcal, a emoção do amor. A vida na cultura matrística estava centrada no amor.

3.2 A EMOÇÃO QUE ESTRUTURA A COEXISTÊNCIA SOCIAL

Na *era psíquica* atual, poderá ter início a linhagem *Homo sapiens-amans ethicus*. A *psique* começa a ser vivida com o abandono das certezas no sentir que se sabe como verdade absoluta, que nega a reflexão. Desse modo há uma abertura para novas dimensões psíquicas para orientar o conviver humano, a partir dos *sentires* íntimos tais como: a consciência não é um sentir em si, mas ocorre como uma dinâmica relacional no viver cotidiano, no se dar conta que se encontra em coerências sistêmicas com seu próprio viver, e somos nós que trazemos os diferentes mundos com o nosso existir; o fundamento biológico amoroso do nosso ser humano é o fundamento de nosso viver ético; o desejo de viver e conviver na reflexão - ação ética libera a criatividade; somos parte da *antroposfera e da biosfera* sendo criadores da mesma com nosso viver e temos responsabilidade ecológica - espiritual; cada ser humano é em si o centro do *cosmos*, que vive e que ressurge a cada instante, pelo contínuo fluxo do seu viver; somos partícipes e responsáveis pelo suceder no nosso mundo. Tomar consciência que somos o que conservamos no nosso viver (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 48).

Na concepção de Maturana e Varela (2005, p. 269), o amor é o fundamento biológico da coexistência social. Assim afirmam que “a aceitação do outro junto de nós na convivência é o fundamento biológico do fenômeno social”. Esta aceitação do outro para estes autores é a experiência do amor. É justamente dessa aceitação do outro que nos tornamos humanos, por

esta experiência de interação na convivência. E qualquer forma que destrua ou venha limitar esta aceitação do outro, é destruição do fenômeno social, e também do ser humano, pois elimina o processo biológico que o gera.

Maturana e Varela nos falam que não têm a pretensão de fazer um discurso sobre o amor, nem fazer uma moralização sobre o tema, mas destacam que biologicamente “sem o amor, sem aceitação do outro, não há fenômeno social. Se ainda se convive assim, vive-se hipocritamente, na indiferença ou na negação ativa” (2005, p. 269). Portanto, o amor é a emoção que é o fundamento biológico da sociedade. E somente somos humanos nesta interação social pela aceitação do outro. É desta interação dos humanos com os humanos que se fundamenta toda ética. Nossa humanidade nasce da interação com o outro e a ética também. A agressão e a competição são vistas como fenômenos ocasionais, não são aspectos que nos caracterizam como seres humanos. O que nos caracteriza como humanos é justamente esta nossa capacidade de interação com o outro, centrada na biologia do amar, na total aceitação do outro, na convivência conosco.

Somente o amor nos permite criar um mundo em comum com os outros. Maturana e Varela ressaltam que todos os nossos atos cotidianos contribuem na formação do nosso existir. Essa visão de que somos o que construímos juntos é o que eles chamam de responsabilidade. Só que diante da cegueira de não querer ver que somos a nossa própria construção, se tem a pretensão de que o mundo tenha um futuro independente de nossa atuação. Isto é a justificativa para a irresponsabilidade.

Maturana (2004) defende que é a partir de um novo emocionar que é possível desencadear mudanças. Assim, podemos imaginar ao longo da história da humanidade as várias condições de vida que tornaram possível um novo emocionar com novas ações. Citando como exemplo, a inimizade e a apropriação que foram aprendidas na vida pastoril, e foram transferidas para outros campos da existência. Sem modificar o emocionar não é possível uma mudança no modo de viver. Ele defende que a emoção é que define a nossa ação.

A emoção que estrutura o nosso modo de conviver para que nos tornemos mais humanos é o amor. “A emoção que estrutura a coexistência social é o amor, ou seja, o domínio das ações que constituem o outro como um legítimo outro em coexistência” (2004, p. 45). Tornamo-nos seres sociais, a partir de nossa infância, na intimidade corporal com nossas mães, numa relação de total confiança e aceitação.

Penso que a intuição de Toro, ao propor o grupo de Biodanza como um útero de renascimento, está dentro desta possibilidade de criar um ambiente de intimidade corporal e de total aceitação do outro, numa relação de confiança para proporcionar um novo emocionar nos participantes do grupo, um emocionar que se aproxima das características da cultura matrística, que tem por base o amor.

O grupo de Biodanza torna-se um espaço do encontro com o maravilhoso, onde as pessoas oferecem o melhor de si mesmas, tornando uma matriz de renascimento. Para Toro (2008, p. 265), “el grupo en Biodanza es una matriz de renacimiento que se integra a nivel afectivo y constituye un campo de interacciones muy intenso.” Por isso, sua forma de integração é completamente diferente da dinâmica de um grupo tradicional. As situações de encontro em grupo tem o poder de mudar radicalmente atitudes e formas de relacionamento.

O próprio Maturana, em diálogo com Yáñez, no final do ano 1999, disse que estava pensando em deixar de falar do amor, pois ao dizer que o caminho para recuperar a saúde fisiológica e a saúde psíquica era a biologia do amor, sempre era questionado sobre como se faz isso. Sua resposta ao público era que se faz isso amando, e não tinha como descrever o como. Era criticado por falar do amor sem indicar os procedimentos. Portanto, o consideravam com uma resposta vazia. No caso, Yáñez compreendeu que foi possível responder sobre como, através do *Conversar Liberador*, que foi sua proposta inspirada na teoria deste biólogo (MATURANA; YÁÑEZ, 2009). A criação de Toro está dentro da busca de responder o como viver a biologia do amor proposta por Maturana.

A história evolutiva que nos originou como seres humanos foi definida por preferências e desejos, isto é, por emoções que nos orientaram a cada momento pelo *bem-estar psíquico-corporal*, mesmo que ainda vivamos em espaços de *mal-estar*, que quando não existem mudanças podem acabar com o nosso viver. O nosso futuro depende de nossas escolhas atuais, e do que estamos conservando no viver que vivemos em um presente de contínuas transformações. Gerar um mundo de *bem-estar* para que vivamos na confiança depende também de atos intencionais de querer olhar nosso viver, de perceber os *sentires íntimos e os fazeres*. Maturana diz que na atualidade precisamos primeiro de honestidade para olhar e ver nossa realidade. Perceber os mundos que geramos para, intencionalmente, viver a colaboração e a confiança como condutas relacionais. Cabe a nós uma escolha para vivermos como seres amorosos, fundamento biológico e psíquico do nosso ser seres humanos éticos.

4 REFLEXÕES EM TORNO DA EMERGÊNCIA DO *HOMO SAPIENS-AMANS ETHICUS*: O VIVER HUMANO NA RELIGAÇÃO E NA ALTERIDADE

No nosso devir histórico *biológico-cultural* houve diferentes linhagens humanas, através de um modo de viver, configurando os *sentires íntimos* numa emoção fundamental que foi fluindo nos *fazer*s. Assim, Maturana e Yáñez (2009, p. 246-249) defendem que na atualidade, estamos vivendo uma oportunidade de emergência do *Homo sapiens-amans ethicus*. Esta linhagem humana é o modo de viver em que a emoção fundamental que guiaria o viver e o conviver é o amar, na consciência de que somos nós, os seres humanos, os criadores de uma *antroposfera* que pode conservar ou destruir a *biosfera* que torna possível a nossa existência. Esta linhagem existe, e se conserva num conviver gerador de redes de conversações, a partir da psique da ternura, na qual sua *sensorialidade* nos permite ver, escutar e sentir o outro, a partir da compreensão de que nós, seres humanos, somos amorosos, e nascemos na confiança de sermos amados e respeitados. Nossos autores nos indicam que esta linhagem é uma recuperação da linhagem do *Homo sapiens-amans amans*, que nos constituiu como humanos, e que é a única em que o amar permitiu conservar a espécie humana. E, certamente, se esta emoção básica do amar não tivesse sido conservada em nosso viver, desde o início de nossa linhagem como humanos, já teríamos desaparecido como humanos.

É importante perceber que esse viver na compreensão de que nossa constituição básica é o amar, se faz sem esforço, de modo espontâneo no viver e no suceder deste viver. Portanto, é oportuno o se dar conta desta consciência de que o ser humano é responsável por todos os seus atos no desamar que destroem o *bem-estar*, e tem gerado as situações de *mal-estar*. Se somos frutos de nossos desejos, neste tempo, há esta possibilidade do se dar conta de que não se deseja viver na emoção do desamar, tão presente em nossa cultura patriarcal, marcada pelo controle e pela negação e destruição do outro, em suas diversas manifestações.

Se ainda olharmos o mundo como independente de nós, não nos tornamos responsáveis por ele. O surgir de uma linhagem de ser humano ético vem também desta compreensão, de que somos nós que criamos os nossos mundos, e que podemos criar um mundo em que as consequências dos nossos atos não causem danos a nós e nem aos outros. É a partir da emoção do amar que podemos fazer a reflexão se desejamos sair da dor e do sofrimento, que tem gerado o *mal-estar* em nosso modo de viver.

É do lugar onde estamos, desta realidade de um difuso *mal-estar* que podemos nos perguntar: que mundo nós queremos conservar com nosso viver? Que mundo podemos construir com nosso viver? O que fazer para conservar ou ampliar as situações de *bem-estar*? Somos dia a dia, a cada momento, os construtores do nosso viver. De acordo com Maturana e Yáñez (2009, p. 244), nós seres humanos, como seres vivos, estamos em contínua produção de nós mesmos. "O curso que segue o devir evolutivo surge, momento a momento, definido pela conservação do *bem-estar* dos indivíduos que o realizam." Portanto, este devir evolutivo é guiado pela conservação do viver dos organismos em congruência dinâmica com o meio. Como seres vivos, fluímos no viver e conviver, na conservação do *bem-estar* natural, e quando este não ocorre, há a destruição do organismo. Por isso, no suceder do viver que gerou todas as situações de *mal-estar* é oportuno a pergunta consciente pelo operar que gera o *bem-estar*.

Conforme estes nossos autores Maturana e Yáñez, nosso organismo, de acordo com sua dinâmica estrutural sensorial, na nossa condição orgânica, visa à constante conservação, por isso buscamos o *bem-estar* natural para conservarmos nossa vida no fluir do viver. Portanto, a preferência pela emoção que nos guia para o *bem-estar* é a emoção do amar, como uma possibilidade de um modo de viver que conserve a vida do ser humano e do seu meio.

A ética, como um modo de viver e conviver, perpassa todas as relações que criamos juntos, como humanos. Neste sentido, precisamos cuidar de nossa morada comum, a Terra, com valores, atitudes e comportamentos que nos vinculem numa convivência de felicidade para todos os seres vivos. Isto é, criar com nosso viver uma condição de *bem-estar* para todos.

Conforme Boff (2004, p. 27-28), vamos beber de nossa própria fonte, escutar a nossa capacidade de cuidar, como um modo de ser essencial do humano. Para viver uma nova ética, que é proveniente de uma nova ótica da vida, do sentimento de comunhão e de pertença à Terra, estamos todos interligados. Neste sentido podemos falar das éticas, tratando do cuidado fundamental para gerar uma realidade de *bem-estar*, cuidar das relações do encontro do indivíduo consigo, com sua identidade, como ser vivente, e como ser em relação com o outro e com seu entorno, com a Terra que habitamos, tudo isso numa relação de congruência.

Essa nova ótica da vida, que na visão de Toro é a nova sensibilidade pela vida e que na nossa compreensão está em comunhão com o que Maturana fala de momento oportuno para o surgimento da *Homo sapiens-amans ethicus*, em que tomamos consciência que não desejamos viver na emoção do desamar, e que é no operar do amar que podemos conservar a

nossa espécie e o nosso meio. É pelo amar que podemos fazer as possíveis reflexões para sair, se assim o desejamos, de todas as situações de *mal-estar*.

Segundo Oliveira(2001, p.5-9), a ética caracteriza o humano que não apenas vive, mas pergunta pelo sentido de tudo, pelo sentido da vida, pelo sentido de suas ações. O ponto de partida da ética é a vida mesma, a realidade como esta se encontra. Como seres humanos, não estamos determinados de modo definitivo. Somos transcendência constante, tarefa permanente, realidade a ser construída. E assim, podemos levantar as questões em torno do nosso agir. Somos abertura para afirmar que o que é não poderia ser, e que algo que não é, poderá ser.

Na concepção de Toro a ética surge quando a consciência e a afetividade se integram. Neste sentido, ele defende que não existe uma ética normativa. A consciência ética é estruturada a partir de componentes afetivos tais como: ternura, compaixão, empatia, misericórdia, sentido de justiça etc..Fazendo uma distinção entre moral e ética. Para ele, a ética é a expressão mais profunda da relação humana, é o resultado de um processo evolutivo individual, enquanto a moral é o resultado de um conjunto de normas criadas por determinadas comunidades com o objetivo de regular a convivência. Esta se baseia na tradição e nos costumes de um determinado grupo. Toro diz que temos todas as condições biológicas para a expressão da consciência ética, mas temos nos transformados em seres áridos, competitivos, violentos, sem o sentimento íntimo de bondade e fraternidade, devido a nossa inserção nesta cultura egoísta. Através da Biodanza se reforça a integração da estética com a ética, através da música, da dança e da afetividade. Quando a vida adquire uma condição estética, se expressa como comportamento pleno de sentido, como estrutura ética. Sendo assim, estética e ética induzem a evolução da vida para os sentimentos de plenitude (TORO,1997, p. 34-36).

4.1 ÉTICA DA RELIGAÇÃO

A vida, como afirma Morin, só é possível a partir das forças de religação, que são frágeis e que lutam constantemente, para superar a desintegração. Assim, ele recorre a filosofia de Heráclito: ‘viver de morte, morrer de vida’. E continua: “a vida resiste à morte utilizando a morte”. São as forças de religação em luta com a dispersão que garantem a vida, “mas são essas forças de religação que, depois dos núcleos, dos átomos e dos astros, criaram na Terra as moléculas, as macromoléculas, a vida” (2007a, p. 32).

Dentro desta concepção de vida como força de religação, Toro propõe (1997, p. 38): “a solução proposta pela Biodanza consiste em abandonar esses padrões culturais alienantes, para permitir a expressão dos padrões biológicos arcaicos, destinados a restabelecer a ordem no organismo”. Para ele, isto é uma reaprendizagem das funções originárias da vida, através da conexão com nossos instintos, cuja função é de conservação e de continuidade da vida. É importante ressaltar, como diz Morin (2007a, p. 49-50), que na nossa identidade humana, em nossa singularidade, carregamos, não somente toda a humanidade, mas o cosmo, com seu mistério que flui no profundo do nosso ser. Assim, ele nos lembra de que somos um microcosmo do universo e da vida.

4.1.1 A Religação entre os Seres Humanos

Morin tece vários comentários para falar da religação para manter a continuidade da vida, que é compreendida como a força da vida que integra, que supera a separação. É um retorno às origens, um retorno às fontes cósmicas como uma religação primordial. Esta religação se faz no circuito *indivíduo/espécie/sociedade*. Estes termos de modo entrelaçados são meios e fins uns dos outros. Contudo, as finalidades do indivíduo humano não se reduzem na vivência para a espécie, nem na vivência para a sociedade. É aspiração do indivíduo, o viver plenamente a vida, através de suas finalidades individuais: felicidade, amor, bem-estar, ação, contemplação, conhecimento, poder, aventura...

Assim, este autor nos diz: “Precisamos de religação, pois estamos numa aventura desconhecida. [...] As fontes de angústias existentes levam-nos a necessitar de amizade, amor e fraternidade, os seus antídotos” (MORIN. 2007a, p. 104). Assim como Maturana, que apresenta o amor como a emoção que fundamenta a sociedade e nos torna humanos, na aceitação total do outro como legítimo outro, Morin ressaltar que “é o amor a experiência fundamental de ligação dos seres humanos” (p. 107).

Nossa condição humana e cosmológica é marcada pelo princípio da incerteza, como afirma Morin. Por isso precisamos de religação e solidariedade. Quando pensamos em nós, seres humanos, no processo de desenvolvimento de uma ética de religação, estamos nos dando conta desta incerteza e, mesmo criando as possibilidades de superação, vivemos apenas na aposta da vida, acreditando que esta interliga e supera as dispersões. O nosso percurso é sempre incerto.

Para Morin, a barbárie está em todos nós. Portanto, “a resistência à crueldade do mundo e a resistência à barbárie humana são as duas faces da ética, cuja primeira exigência é de não ser cruel e não ser bárbaro. A ética remete-se para a tolerância, a compaixão, a mansidão e a misericórdia (2007a, p. 200). Fala da confiança na aposta por uma ética de religação, que é uma religação pela sobrevivência da humanidade, que em nível humano deve se realizar na fraternidade e no amor. É união na separação. É também religação à terra, como nossa pátria comum (2007, p. 195). Buscamos através de Morin, um outro olhar, conciliando e dialogando com o que parece inconciliável, com noções simultaneamente complementares e antagônicas, aliando o inteligível e o sensível, em que o imaginário, o mítico, o lazer, a dança, o sagrado, a prosa e a poesia são apenas alternância ou mistura de tudo que é a realidade, ou a própria vida.

Por isso, uma educação para um ser humano feliz e ético não pode esquecer-se da ambiguidade que somos, e do amor que interliga, pois “a solidariedade, a amizade e o amor são cimento vital da complexidade humana”(MORIN, 2007a, p.36). Assim, este autor nos diz que no paradoxo do nosso viver, há força de regeneração que nos interliga, onde o amor é a expressão superior da ética, e experiência fundante da religação dos humanos (p.37).

4.1.2 A Religação com a Terra

Para obter uma nova compreensão da nossa condição humana e terrestre é preciso superar as dicotomias, através da reforma do pensamento. É o que propõe Morin. Em vista de uma nova compreensão de nossa condição humana, na perspectiva utópica de um ser humano com atitudes e concepções diferentes, se faz necessário uma educação que estimule uma civilização planetária inspirada em novos valores, contrapondo a competição e a dominação à cooperação e complementaridade nos vários níveis de nossas relações. Na expressão de Morin, precisamos aprender a ser deste Planeta Terra, a estar aqui; o que significa aprender a viver, a dividir e nos comunicar como humanos do planeta, a sermos terrenos, e não apenas pertencentes a uma determinada cultura (2002, p.76).

Só que esta compreensão de que somos seres planetários, e em relação com tudo e com todos é ainda muito iniciante, pois a nossa visão de mundo e nossos modelos de conhecimentos, da forma como estão estruturados, ainda enfatizam o conhecimento lógico e objetivo, em detrimento da subjetividade, da emoção e da intuição. É pertinente a reflexão de

que a educação ainda não responde às questões mais profundas e desafiadoras da atualidade. Uma delas é o nosso pertencimento à Terra.

Considerando o paradigma da complexidade, busca-se um olhar a partir dos nexos e interdependência, para obter uma outra compreensão do ser humano. No dizer de Morin, somos a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Só que ele faz uma crítica, colocando que esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação, por meio das disciplinas. Quanto mais ficamos na divisão, menos possível se torna apreender o que significa ser humano. É necessário que cada um tome conhecimento e consciência de sua identidade complexa e, ao mesmo tempo, de sua identidade comum a todos os outros humanos, e também o reconhecimento da nossa identidade terrena. Este deveria ser um dos principais objetivos da educação (2002, p. 15).

Assumir o nosso destino cósmico, físico, biológico é assumir a morte, mesmo combatendo-a. Não há refutação para a morte. De acordo com Morin, todo destino de um ser é trágico. Mas sabemos e experimentamos uma afirmação humana do viver na poesia, na religião e no amor. “A ética é religião e a religião é ética” (MORIN, 2007a, p. 39).

Sobral nos diz que ética é o amor e que sem um vínculo amoroso não pode existir ética. Não é possível diferenciar um profundo estado de amor sem uma conexão com a ética. A ética está além da lei, não é só a capacidade de se ajustar ao meio. Mas é capacidade de amor e de vínculo. O ser humano não pode maltratar a ninguém, sem que isso não o atinja. Só evoluímos de mãos dadas, na relação com o outro e na experiência de totalidade e de pertencimento.

4.2 ÉTICA DA ALTERIDADE

A compreensão da ética da alteridade está fundamentada em Emmanuel Levinas (2004; 2007; 2008; 2009), que traz em sua filosofia um convite a um novo olhar para o humano. Um novo humanismo marcado pela presença do outro, apresenta uma reconstrução de uma subjetividade ética, onde o eu é responsável pelo outro, de modo pré-existente. Ele propõe um olhar sem julgamento, um olhar de acolhida, de hospitalidade, a partir da alteridade.

4.2.1 A Responsabilidade pelo Outro antecede a Liberdade

O legado da modernidade é que a subjetividade humana é uma construção a partir de um ser livre, autônomo, soberano e racional. Isso foi apresentado como única forma de pensar o ser humano, criando a ilusão de que naturalmente somos livres e racionais. A grande contribuição de Levinas foi questionar este princípio, fazendo uma ruptura, ao dizer que a nossa subjetividade se constrói a partir do outro, como responsabilidade e acolhida, “subjectividade como acolhendo Outrem, como hospitalidade” (LEVINAS, 2008, p.13).

Segundo Ruiz (2008, p. 134), “Levinas desmascara a face naturalista do eu moderno, de sua essência racional, inclusive de sua autonomia natural (entendida como autossuficiência do eu)”. O pensamento de Levinas promove uma mudança radical, ao pensarmos nas relações humanas, onde o outro está em primeiro lugar, e a resposta do eu será ética se considerar este aspecto fundante da relação: “ser para o outro”. O eu é responsável pelo outro. O eu se antecipa ao outro. Não é uma escolha. O outro pré-existe e cabe ao eu apenas responder a esta interpelação do outro. Segundo este mesmo autor (2009, p. 105), “ninguém pode permanecer em si. A humanidade do homem, a subjetividade, é uma responsabilidade pelos outros, uma vulnerabilidade extrema”.

Conforme Levinas (2004, p. 29-33), a relação com outrem não é ontologia. Este vínculo não o reduz à representação de outrem, mas à invocação, onde esta não é precedida de compreensão. Esta invocação ele chama de religião. Com este termo quer dizer uma relação que se afasta do poder, e nos rostos humanos se alcança o infinito. Assim, ele afirma “O humano só se oferece a uma relação que não é poder”.

Para Levinas, o essencial da consciência humana é que todos os homens são responsáveis uns pelos outros. Mesmo quando este outro pratica crimes ‘e eu mais que os outros’, sou responsável. Para ele a palavra de Deus “está inscrita no Rosto de Outrem, no encontro de Outrem. [...] Palavra que me exige como responsável pelo Outro”(2004, p. 149). Desse modo, apresenta a responsabilidade pelo outro como uma característica fundamental da pessoa humana. São questões sobre as quais poucas vezes refletimos, pois se criou uma visão com relação à liberdade, com a concepção de que é natural que exista o eu em primeiro lugar e depois é que se dá uma resposta ao outro.

Se ficarmos na ontologia, na preocupação com o ser, esquecendo a ética, podemos ter respostas como esta de Caim que, segundo Levinas (2004, p. 152-153), foi honesto, mas não

foi ético: “Sou eu o guarda de meu irmão?”. Com estas palavras, ele disse: Eu sou eu e ele é ele. De fato somos ontologicamente separados. A humanidade da consciência está na responsabilidade, na passividade, no acolhimento e na obrigação para com o outro, que está em primeiro lugar.

De acordo com Ferreira (2008, p. 405-406), a ética proposta por Levinas vai de encontro à conduta de Caim, pois para este filósofo defensor da ética da alteridade, todo homem é irmão de todo homem, e cada um é guardião de todos. É do encontro com o outro que deflagra a ética e torna-se inútil qualquer tentativa de evasão. Em oposição a esta tentativa de evasão de Caim, apresenta a ética como responsabilidade infinita, obsessiva e que vai até a substituição. Esta substituição é proveniente da responsabilidade que diz Levinas (2007, p.83-84), é a afirmação da identidade do eu humano a partir da própria responsabilidade. Esta identidade do eu existe somente na medida em que é responsável. Neste sentido posso substituir a todos e ninguém me pode substituir. Esta é a identidade inalienável de sujeito. A responsabilidade é o que nos incumbe e não podemos recusar. Assim a subjetividade ao se constituir no movimento que a torna responsável pelo outro, chegando até a substituição. A nossa subjetividade assume, desse modo, a condição de refém do outro. Levinas fala que para quem fica escandalizado com esta concepção utópica, justifica que está apresentando não apenas um ser de modo diferente, mas "de outro modo que ser". Trata-se da deposição do eu soberano na consciência de si, para o eu que é apenas quando é responsável pelo outro.

Neste sentido, a presença do ser humano no mundo não é em primeiro lugar como um ser livre, autônomo, racional, senhor de si, como sempre defendeu a modernidade. Para Ruiz (2006), a modernidade se inspirou no princípio da natureza, para dizer que somos naturalmente livres, autônomos e racionais. Este mesmo autor nos chama a atenção para o fato de que a autonomia, a liberdade e a racionalidade são construções subjetivas, a partir da presença do outro.

A liberdade do ser está condicionada à presença do outro em sua existência. Não é uma escolha voluntária. Querendo ou não, o outro se faz presente em meu existir. Portanto, o outro me convoca, me interpela, me faz um apelo em primeiro lugar. Minha liberdade é refém desta interpelação. Eu não sou a partir de mim mesma. Estou na presença do outro que me convoca a uma resposta. Este outro não é uma escolha, não é de minha vontade. Ele simplesmente está na minha vida, e me convoca a uma resposta. O modo de responder à interpelação do outro poderá ser ético ou não.

4.2.2 O Encontro com o Outro na Epifania do Rosto

Para que este encontro com o outro seja um emocionar em direção ao caminho da felicidade e da vida, é preciso uma escuta atenta do outro, um encontro do face a face. É o sair da indiferença para acolher de modo sensível o diferente, o estrangeiro. E o estrangeiro é todo e qualquer ser humano que difere do eu, e se mostra na sua concretude e na sua nudez. Por isso, Levinas fala da “Epifania do Rosto”. Conforme Pelizzoli (2008, p. 274), “Rosto em Levinas é muito mais a exposição de algo profundamente humano que nos escapa mas toca, do que o que vemos comumente”.

É da escuta que vem a resposta. Levinas trata da bondade e da gratuidade nesta relação de escuta respeitosa. Não nomeia, nem conceitua o outro, apenas o escuta. Este é um aspecto fundante da relação da ética da alteridade. Não se impõe e nem enquadra o outro nas categorias pré-existentes. A experiência do amor passa pela escuta do outro. É a permissão para o outro existir para além da minha categoria de identificação do outro. Este outro pode existir como legítimo outro. Para Sayão (2003, p. 50), neste encontro face a face com o outro “Levinas aqui concebe um eu forte, sem carências, onde nada lhe falta. Nada falta ao Eu constituído, e é exatamente por isso que ele pode acolher Outrem sem desagregar-se enquanto individualidade, sem degradar-se em necessidade”.

Levinas propõe o caminho para chegar até o outro através da escuta, e nunca pela nomeação, conceituação e categorização. Para cada vez que nomeio, tematizo o outro, estou enquadrando-o na minha categoria, e com isso estou negando ao outro a possibilidade dele ser diferente. Segundo Levinas, o encontro com o outro é um evento ético, que se dá pela aproximação e pelo respeito para com o outro, que é totalmente outro, e que se manifesta no encontro gratuito, diferentemente da conceituação. Pois cada vez que conceituamos o outro, o enquadrámos em uma categoria, e o negamos.

É impossível enquadrar toda a dimensão do outro numa categoria ou nas próprias expectativas, pois de acordo com Levinas (2008, p. 260), “ser-para-outro não deve sugerir uma qualquer finalidade e não implica a posição prévia ou a valorização de um qualquer valor. Ser para Outrem é ser bom.” O outro sempre transcende, por mais que queiramos alcançá-lo, será impossível.

A expressão da nossa afetividade está dentro da manifestação para o outro na gratuidade, na singularidade de cada ser. A manifestação gratuita livra o ser do sentimento de posse e de poder, não enclausura o outro; este se dá livremente pela interpelação da presença. Cada ser humano se constrói como subjetividade, a partir das relações com o outro. Tornamo-nos humanos pelas relações com os humanos, a partir de uma relação ética que é instaurada através da relação de alteridade. A alteridade se constrói pela proximidade e pela diferença e não pela fusão de identidades.

Desse modo Sayão (2003, p. 63) nos diz que Levinas pensa o sentido humano, tendo como ponto central a ética e a justiça antes da verdade. Deixando para nós um grande desafio, de abandonarmos as nossas certezas, mesmo as mais elaboradas racionalmente, para criar as condições das manifestações do humano no e pelo acolhimento ético, pois o sentido do humano está no acolhimento e na disponibilidade ao Outro.

4.2.3 O Infinito enquanto Desejo do Outro

A ética só é possível no encontro dos seres humanos. O encontro é marcado por mudanças, por transformações, pois nenhum ser humano se manifesta completamente ao outro. Está na linha do mistério, da transcendência afirmada por Levinas, por mais que nos aproximemos do outro, este está para além. Não é possível conhecê-lo plenamente. Todo conhecimento do outro se dá de modo incompleto. Por isso, as relações também se fazem neste paradoxo, entre o que é o desejado e o possível. Assim, nos diz Levinas (2008, p. 38): “o modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a ideia do Outro em mim, chamamo-lo de facto, de rosto. [...] É, pois, receber de Outrem para além da capacidade do Eu; o que significa exactamente: ter a ideia de infinito. Mas isso significa também ser ensinado”. E continua no seu texto dizendo que a relação com o outro é uma relação não alérgica, é uma relação ética.

O ser para o outro é também uma aprendizagem afetiva, realizada a partir da vivência. Como expressa Sobral, a relação com seus filhos trouxe um dos maiores ganhos com as transformações na sua vida afetiva. De poder expressar amorosidade e acolher também o amor dos seus filhos. Para Levinas, este amor paterno é a expressão do amor que deveria existir entre todos os humanos, de estar totalmente juntos e totalmente separados. Cada um com sua singularidade. É esta singularidade, no entanto, que favorece o amor e a relação entre nós seres humanos. Na entrevista concedida a Poirié (2007, p. 99), Levinas comenta sobre esta relação

de filialidade, onde o filho é o mais próximo do eu e ao mesmo tempo é totalmente outro, uma relação “que é precisamente a filialidade - o outro fosse aqui eu e eu um outro”.

Segundo Levinas (2008, p. 37-38), “O infinito no finito, o mais no menos que se realiza pela ideia do Infinito, produz-se como Desejo. Não como um desejo que a posse do Desejável apazigua, mas como o Desejo do Infinito que o desejável suscita, em vez de satisfazer.” Portanto, o elemento presente nesta conexão entre o eu e o outro é o desejo. Desejo que não é satisfação de necessidades, que depois de saciado, termina. O desejo proporciona o encontro com o outro, como força de forma insaciável, de modo inesgotável. Por isso é visto como infinito, pois transcende o conceito, está na linha do sentir e do sentir para além de toda tematização. Desejo é descrito por ele como bondade, gratuidade, dom.

De acordo com Pelizzoli (2008, p. 286-287), o Desejo em Levinas está na inversão de um sujeito-identidade, centrado na força do ego, que se reconhece no saber e poder, na busca das satisfações de suas necessidades para a vivência da bondade. Inversão em vista do outro. O ser torna-se bondade, preocupado com o outro. “O Desejo pode ser encarado como um sentimento primordial ou compaixão, num sentido espiritual e ético, acompanhante da afecção do eu pela alteridade”. Ele diz que “Só há rosto quando abro minha consciência e meu ser emocional para ver o invisível, ou seja, entregar ao Desejo do Outro não-objetivável; estabelecer uma relação sem posse, sem apego, mas mesmo e justamente por isso, amorosa”.

A emergência de um viver e conviver numa religação com a vida, pela experiência de pertencimento à Terra, e pelas relações de alteridade com o outro se tornará possível com a consciência da realidade do presente e pelo perguntar em qual viver queremos conservar, por isso em que precisamos mudar.

Maturana e Yáñez fala que no tempo presente temos a grande oportunidade de olhar e sentir o sofrimento e a dor na *antroposfera e na biosfera*, e fazer alguns questionamentos como estes: Como estamos fazendo o que estamos fazendo? Como o conhecimento científico com a promessa de *bem-estar* para a humanidade gerou tanta dor e sofrimento? A busca de respostas nos possibilita uma mudança na *sensorialidade* íntima, e uma reflexão que amplie nossa consciência para ver os modos de vida que geramos, inspirados no controle, na eficiência, na perda da confiança, na aspiração do poder. Geramos um *mal-estar*, dor e sofrimento em todas as dimensões do conviver. Esta é a era de perceber e aceitar a responsabilidade de saber que somos nós que com nossas cegueiras éticas e ecológicas geramos tanto *mal-estar*. Somos nós que geramos dores e somos nós que também geramos as

alegrias e os prazeres. Ampliando nossa consciência, vamos reencontrar com os fundamentos psíquicos de nosso existir como humanos, que estão no conviver, no amar "como seres primariamente amorosos, desde o início de nossa linhagem, na conservação de uma geração a outra de nosso viver e conviver *biológico-cultural Homo sapiens-amans amans*" (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 46).

É na recuperação do sentir a emoção básica de seres amorosos, que é o amar, que podemos desencadear as éticas a partir uma nova ótica, estabelecendo uma outra lógica diferente da cultura onde estamos imersos, do controle, competição, poder, e negação do outro, para um viver e conviver, onde a **religação** e a **alteridade** sejam experiências cotidianas no comover com a presença do outro, e não apenas princípios a serem seguidos .

5 MOTIVAÇÕES, TRANSFORMAÇÕES E VINCULAÇÃO AFETIVA

A construção deste capítulo foi organizada a partir das entrevistas em três eixos de reflexão: motivações, transformações e vinculação afetiva, em vista de compreender os significados da experiência dos sujeitos envolvidos com a Biodanza. Os sujeitos fazem uma reflexão da experiência vivida nas sensações corporais, na percepção destas sensações e no sentido destas sensações. Trata-se também da reflexão da pesquisadora que se sente envolvida com o fenômeno, e deixa emergir sua reflexão também em meio às sensações corporais e psíquicas, numa relação de empatia no grupo e com cada sujeito. Todo o texto foi construído em torno dos significados das vivências da Biodanza. Portanto, é a reflexão dos sujeitos, a partir da intencionalidade de cada um e também da intencionalidade da pesquisadora, que deseja compreender a prática da Biodanza, na construção das éticas da vida desses praticantes deste sistema. Assim, tentamos compreender as motivações, as transformações e a vinculação afetiva, a partir do que cada sujeito tem registrado internamente da Biodanza, nas sensações corporais, da percepção destas sensações, no dar-se conta, tomar consciência e a reflexão do que já foi vivido, buscando seus significados existenciais.

Quais são os motivos que levam as pessoas a iniciarem a Biodanza? O que move uma pessoa a uma determinada ação que pode representar um contexto, uma realidade pessoal, ou uma tendência do momento, ou uma possibilidade de apostar em dias melhores para o seu existir? Em busca de compreensão do fenômeno em estudo fomos na direção de perceber os motivos que levam as pessoas a iniciarem a Biodanza. Perpassa, em todos os depoimentos, a ênfase nas mudanças, nas transformações, como uma direção que todas as pessoas dão em suas vidas. Que transformações são estas? Por que as pessoas têm tanta necessidade de mudanças? Estas respostas vêm através do eixo da vinculação afetiva, das mudanças nas relações em vista de uma vinculação. Ir até a Biodanza, permitir mudança e estabelecer uma vinculação afetiva é uma tentativa de resposta para a miséria afetiva de nosso momento atual. Uma busca que faz mudar o estilo de vida, sair da miséria afetiva, para uma vinculação amorosa, com repercussão nas relações consigo, com o outro e com o meio.

Imagem 9 - O contato com o outro. Vivência do I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro-2010

5.1 CAMINHOS QUE LEVAM À BIODANZA

Chegar até um grupo de Biodanza pode ser por muitas vias: indicação de um terapeuta, convite de um amigo, sugestão de uma liderança, busca de uma formação profissional, pela admiração dos vínculos envolvidos, de ouvir falar bem etc., mas o comprometer-se consigo, com o processo de renovação existencial da própria vida é uma opção pessoal e não funciona por uma determinação exterior.

5.1.1 Busca de Vínculos

Sanclair disse que entrou na Biodanza pelo contato que teve com Rolando Toro e com outros professores. A admiração pelo modo como se relacionavam o tocou imediatamente. Ficou com eles, e sentiu o desejo de saber o que tinham de diferente. Ele nos diz que foi atraído pela relação de vínculo que existia entre os companheiros. Não é a teoria que atrai. São as relações existentes que suscitam um emocionar pela presença do outro. Declara:

"A Biodanza entrou na minha vida a partir do contato com Rolando Toro e um grupo de pessoas que estavam com Rolando, como Roberto Crema, em S. Francisco - Estados Unidos. Fiquei com eles – convivi, mas sem fazer Biodanza. Logo depois, quando voltei ao Brasil, conheci César Wagner e comecei fazer Biodanza. Lá em S. Francisco tive a convivência. Me encantei pelo grupo quando eles estavam em São Francisco. Aquela maneira como eles se relacionavam me

tocou de imediato. Eu fiquei junto com eles. Eu queria saber o que era aquilo. O que tem aqui de diferente."

É um encantamento pelo modo de conviver com o outro. É desta vivência com o outro, quando emergem respeito, amor, solidariedade e companheirismo que podemos dizer que as relações se humanizam. Tornamo-nos humanos pela capacidade de nos relacionarmos com o outro humano, na alteridade de cada um.

É pertinente realçar que somente o modelo teórico, os princípios, os paradigmas, as propostas metodológicas claras e percursos bem definidos não promovem as forças renovadoras. É o ser humano que está envolvido com estas propostas que as põe em movimento, que inventa e reinventa, que muda as relações, e que torna possível o tocar o coração do outro ser humano.

Por isso, toda proposta da Biodanza é vivencial. São as vivências que possibilitam as transformações. Nesse sentido, surgem muitos questionamentos. Vivemos neste constante paradoxo entre o que realmente desejamos e o real. Desejamos um mundo mais feliz, com relações de respeito, de solidariedade, um sonho de comunhão entre todos nós, e nos vemos envolvidos pelos ressentimentos, pela inveja, pelo ciúme e por relações possessivas e competitivas.

Rolando Toro (2010) convida cada um a encontrar o amor que existe dentro de si, e assim ele apresentou o caminho que descobriu, que é sua proposta contida no sistema Biodanza. Essa vivência do amor, com toda sua grandeza, é um caminho a ser percorrido, o que exige abertura e um novo olhar. Portanto, é preciso dançar a vida com amor e respeito, para mudar as nossas atitudes no horizonte da ética da alteridade. Toro nos diz que o sentimento de inferioridade tem produzido monstros e por isso precisamos encontrar a nossa grandeza de sermos humanos através do amor, da abundância e da beleza. O amor é a emoção que ilumina e traz à luz um novo ser humano.

A busca de vínculos é tão presente nos grupos, que muitos chegam até a Biodanza através de algum amigo, como foi o caso de Carla, Édna, Régia, Mônica e Márcia. Quando estamos fazendo algo que consideramos bom, apreciável e de crescimento, queremos que aqueles que nós amamos sejam beneficiados, sejam incluídos, para desfrutarem do que estamos experienciando.

É assim que aumenta a roda de Biodanza. Muitos são convidados e o convite é aceito e bem vindo porque vem de um amigo. Se é um amigo que nos faz a proposta, só poderemos

imaginar que será algo bom. O convite quase sempre feito por amigos é feito na espontaneidade, na gratuidade. Não traz nenhuma característica de imposição e de obrigação. Muitos chegam até a Biodanza através desta divulgação pelos amigos. De alguma forma, está implícito o princípio “se é bom para mim, deve ser bom para meu amigo ou amiga”.

Quando a Biodanza é apresentada por um amigo e este convite é aceito, esta aproximação é feita dentro de um espírito de confiança de que poderá encontrar algo de bom para sua própria vida. Estes convites surgem a partir da própria experiência. Sendo assim, é a intensidade da vivência que renova a existência dos participantes e desencadeia os convites para novos participantes. É a vivência e a vinculação entre os participantes que promovem a divulgação e confirmação da Biodanza.

A sensação de se sentir identificada, de se sentir pertencente a este tipo de trabalho em grupo, foi a motivação de Régia:

"Quando eu cheguei lá no grupo foi uma coisa tão forte dentro de mim- é isto que eu preciso. [...] Até hoje, eu nunca perdi esse entusiasmo."

Sentiu-se identificada com o grupo, pois percebeu aceitação, valorização e possibilidade de se expressar com liberdade. Isto é a vivência do amor, como diz Maturana, a aceitação do outro como legítimo outro.

5.1.2 Formação Profissional

Imagem 10- Vivência de Verônica Toro, filha do criador da Biodanza, didata e facilitadora de Biodanza na demonstração de uma Vivência no I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro-2010

A motivação para exercer a própria profissão, de um modo diferenciado, é um atrativo para investir na formação de Biodanza como uma forma de crescimento pessoal e profissional. Não há uma separação entre a identidade profissional e a identidade pessoal. Foi a busca e a resposta de Vera, que queria uma técnica que melhorasse, que curasse mais rapidamente as pessoas, pois já estava se formando em Psicologia.

Nota-se que a formação de Biodanza, na maior parte dos casos, vem enriquecendo uma outra formação que a pessoa já tem. Nádia sentiu muita curiosidade, pois já estava dentro desse caminho da dança, do movimento, de psicomotricidade.

O modo de exercer a profissão é marcado pela formação de Biodanza, como também o exercício de facilitador didata em Biodanza é marcado pela profissão. Carla era professora alfabetizadora e coordenadora pedagógica, e foi para a escola de formação para se tornar facilitadora, com a intenção de trabalhar com Educação Biocêntrica. Foi sistematizando cada experiência já vivida, e foi aprendendo a ser uma educadora biocêntrica. Como tinha o contato com Toro, ia dialogando e tendo seu respaldo. Foi confirmando sua hipótese de que precisaria trabalhar com Educação Biocêntrica, capacitando os educadores na escola. Assim ela fez o

trabalho de formação com professores, e sua proposta é de uma formação vivencial com eles. Foi também experiência de Maria Lúcia, que conheceu a Biodanza no momento em que estava recente como psicóloga. Fez todo um percurso ligando a psicologia e a Biodanza. Exerceu várias funções em vista da organização e expansão da Biodanza, tais como: Presidente da Associação Latina Americana de Biodanza e Fundadora e diretora da Escola de Biodanza de Minas Gerais.

Profissão e formação se entrelaçam. Não existe uma separação. Somos um todo e exercemos este nosso estilo em todas as dimensões de nossa vida, onde as descobertas e mudanças pessoais só trazem benefícios para o ser profissional.

5.1.3 Renovação Existencial

Imagem 11-A intensidade da vida nos gestos de afetividade. Salvador-BA, 2011



Fonte: Foto de Maria Márcia da Silva-2011

Muitas pessoas são atraídas pela curiosidade e pela dança. Mas depois se encantam pela emoção e pelos sentimentos que a Biodanza desperta em sua existência. Veem-se revelando a si mesmas tantas possibilidades a partir de uma vibração pela vida, e podem dizer como Nádia, que se sentiu encantada, apaixonada e cheia de curiosidades, ao ponto de se perguntar qual seria a magia desta Biodanza. Diz:

"Então me deu muita curiosidade com a dança, que eu estava dentro desse caminho da dança, do movimento, de psicomotricidade. E então quando eu

comecei, já fazia uns cinco dias de Biodanza, à noite. Cinco noites seguidas numa semana inteira . E me encantei! Eu falei o seguinte: eu trabalho com movimento, dança, motricidade, tudo isso, tanto tempo! E uma aula de Biodanza me fez sentir uma coisa que nunca senti quando trabalho o movimento. Despertou em mim a curiosidade de saber que magia é essa? O que está acontecendo, o que aconteceu comigo? O que me faz isto, que me transportou neste mundo da sensação? Nossa! Me apaixonei! E até hoje continuo a buscar, a estudar. Nunca interrompi."

Desse modo, é colocada em evidência, a perspectiva da Biodanza que vai muito além de uma dança e de um movimento corporal. Esta traz a proposta de dançar a vida, com um movimento pleno de sentido, despertando sensações, emoções, acordando o potencial humano para viver, amar, ser e se apaixonar pela vida.

Nádia, na sua entrevista nos diz que se apaixonou e nunca mais interrompeu, e continuou a buscar esta intensidade da vida nas vivências de Biodanza, no estudo e na busca de compreender as transformações que foram acontecendo ao longo de toda sua história, o que lhe proporcionou olhar o futuro com muita esperança, com grande vibração pela vida:

"Nós fomos para Europa levar a Biodanza. Éramos nove, acho, com Rolando[...] Eu estava neste grupo e conheci meu atual marido, 22 anos que estamos juntos[...] Quando eu tinha 25 anos, eu achava que não dava, eu já estava velha. Já não dava para fazer outra coisa. Já tinha feito a minha formação e que tudo já estava feito. Agora tenho 72 e acho que tudo está para ser feito [...]."

Quando Márcia fala que chegou à Biodanza pelo convite insistente de uma amiga, num momento em que ela estava desejando mudanças, vai-se confirmando que a vida é uma possibilidade de renovação constante.

Na dinâmica, no movimento contínuo, as oportunidades poderão passar e nem nos tocar. As oportunidades surgem quando o ser humano está aberto para receber, ou para criar as situações de possibilidades. É assim que muitas vezes acontece com aqueles que iniciam a Biodanza. Estão num caminho de busca, estão querendo mudanças, estão em abertura. Quando se inicia o processo de crescimento humano, num período como este, o participante poderá dar saltos de ressignificação da própria vida, na perspectiva da mudança e do encontro consigo, com seus potenciais mais genuínos.

Abertura, desejo de mudança para tornar a si mesmo, são elementos fundamentais para a entrada e permanência em um grupo de Biodanza, que se propõe ser um espaço de renascimento das pessoas, para serem mais humanas. É na interação com os humanos que nos tornamos mais humanos e inovamos nossa existência.

O processo de crescimento pessoal num grupo de Biodanza é todo estimulado pelo grupo, mas é o sujeito que toma em suas mãos sua existência, e vai dando os contornos possíveis, mesmo que desencadeado por sonhos que ultrapassam as possibilidades.

5.1.4 Efeitos Terapêuticos

O aconselhamento de um terapeuta para iniciar a Biodanza como parte complementar do processo terapêutico é uma motivação para muitas pessoas que estão nos grupos de Biodanza. Claudete começou neste sistema, por indicação de uma psicanalista, que fez a orientação como se fosse um remédio. Disse ainda que só continuaria o trabalho terapêutico se houvesse o trabalho complementar da Biodanza. Comenta que participou de 3 ou 4 sessões para iniciantes e detestou. Mas percebeu que tinha passado por muita coisa que a tinha tornado resistente. Entretanto, quando chegou o dia marcado para iniciar o curso, lá estava ela, e não parou mais. Sentiu que o processo não foi agressivo, mas suave.

Desse modo se compreende a Biodanza como um sistema que tem grande contribuição para o crescimento humano, com efeitos terapêuticos de renovação existencial e encaminhamento para um viver mais feliz, com mais liberdade frente aos traumas e vivências, que impedem ou paralisam a expressão das potencialidades de cada ser humano. A proposta da Biodanza não tem como foco trabalhar os traumas, as dificuldades e os limites. O seu horizonte é atingir todo o potencial de cada ser humano, na sua singularidade e nas suas possibilidades de expansão. Assim, nos diz Toro (2001,p.14): [...] " as diferentes formas de psicoterapia trabalham em torno das patologias do ego, sobre uma imagem antropocêntrica miserável. A Biodanza trabalha com grandes funções de saúde, em uma dimensão transcendente de permanente reverência pela vida."

Ao expandir o que cada pessoa tem de possibilidades dentro de um contexto histórico e existencial é que vai acontecendo essa renovação, desobstruindo ou ajudando a reelaborar os processos de bloqueios e limitações vivenciados nas nossas histórias pessoais. Neste sentido, a Biodanza tem efeitos terapêuticos, conduzindo seus participantes para uma vida feliz. Conforme Toro (2000, p. 6): "A Biodanza trabalha com a parte sã do aluno, com seus esboços de criatividade, com seus restos de entusiasmo, com sua oprimida mas viva necessidade de amor, com suas ocultas capacidades expressivas, com sua sinceridade."

Toro enfatiza que a Biodanza tem um caminho diferente das tradicionais psicoterapias para curar os traumas e as dores do ser humano. O caminho que ele apresenta é a evolução e o desenvolvimento da expressão da identidade através dos seus potenciais. Não se trabalha com a interpretação da expressão do participante, mas com a promoção da expressão através de um ambiente de integração que leve à manifestação do entusiasmo pela vida. O entusiasmo e a entrega no movimento da vida é promotor e organizador de experiências curativas. Maria Lúcia nos fala de sua experiência:

"Então no meu primeiro grupo fiz um transe de nível 5, numa cerimônia de renascimento profunda. E aí neste final de semana eu dei um salto. Já! Então eu entendi coisas que não tinha entendido ainda, com muito tempo de terapia. Então teve essa questão pessoal, intensa, forte e teve também a minha busca de trabalho profissional.[...]já tinha interesse no movimento do corpo. Então teve também este aporte muito importante."

5.1.5 Identificação com o Grupo

Imagem 12- A escuta atenciosa. Vivência do I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa, PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro-2010

A Biodanza é um trabalho realizado sempre em relação com o outro, por isso sua proposta é grupal. Para que haja esta integração é preciso uma sintonia com o grupo, numa vivência com critérios de confiança e respeito mútuo com o processo de cada participante.

Dentro de nossa cultura tão marcada pela dissociação “corpo/alma”, pelo “não se expresse” e pelo medo do toque afetivo, as vivências propostas poderão desencadear, em

muitas pessoas, mais resistências e defesas, favorecendo uma perspectiva de desqualificação do trabalho.

Para outras pessoas, a Biodanza suscita um forte desejo de expressão, com abertura para experimentar o novo em suas vidas, pois esta é vista como proposta inovadora e encantadora. Sentem-se apaixonadas, com uma sensação de que “estão em casa”, pertencentes a um grupo que dá permissão, que facilita a sua expressão numa convivência de confiança.

A relação de confiança é algo tão profundamente desejado entre nós e ao mesmo tempo tão difícil de construir, que pode também despertar sentimentos contraditórios. De um lado o acreditar na possibilidade de realmente existir e estabelecer esta confiança nas pessoas e no grupo, e de outro, o sentimento de resistência e de desconfiança – de não acreditar que é possível existir este tipo de relações de confiança em nossa sociedade, e daí vem a desqualificação através de expressões tais como “isso é falsidade”, “não gosto desses abraços”.

O grupo de Biodanza, para as vivências regulares, é de fundamental importância. É no grupo que a nova pessoa participante poderá se sentir em casa, e assim expressar que é isto que ela busca para si, como o fez Régia, ao chegar ao grupo.

O sentimento de identificação com o grupo é um indicador de possibilidade da continuidade, através do processo de Biodanza. O grupo tem a função de ser um facilitador dos processos existenciais, por isso a sua pertença tem que ser de modo livre, e em primeira pessoa: “eu quero participar”.

Edna fala que entrou no grupo por insistência de uma amiga. Inicialmente, frequentava e sentia corporalmente a própria resistência e o medo. Sentia dores de cabeça muito fortes.

Muitas vezes, a pessoa está envolvida numa estrutura e num estilo de vida tão rígido e ameaçador que qualquer novidade desencadeadora de outros processos poderá ativar um efeito contrário ao que realmente esta pessoa está buscando. Como somos um todo, inseridos num contexto histórico e cultural, num cotidiano específico, nem sempre conseguimos sair das amarras provenientes do externo (meio) e do interno (subjetividade), somente estimulados pelos convites dos amigos e pessoas que expressam o que acham que seria o melhor para nós.

Edna fala que frequentava o grupo, mas tinha medo do que os outros (marido, filha) poderiam falar, deixando-a numa situação de um corpo resistente e atrelado a uma “voz corporal”: “você não pode”, “não é possível”, “isto não é bom”.

Os processos de libertação das amarras externas e internas são complexos, e é necessário se respeitar neste percurso. Por isso, a decisão de adequação e a definição do momento para as mudanças e transformações possíveis devem levar em conta os vários fatores e processos pessoais de cada um. Cada pessoa tem sua singularidade e seus modos de respostas, mesmo que a estimulação e a proposta seja a mesma para todo o grupo.

A autorregulação e o respeito pelo processo de cada um são de muita relevância na Biodanza. A dança da vida é um acontecer singular, de cada um, dentro do seu contexto. Dançamos para mudar também os contextos, a partir de uma mudança dos nossos processos internos, como exigência primeira, para fazer acontecer os processos de mudanças e evolução na humanização de nós seres humanos.

5.2 TRANSFORMAÇÕES

Imagem 13 - A vida é um movimento de transformação. Vivência do I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro-2010

5.2.1 Ser Si Mesmo, Identidade Integrada

Vera conseguiu mudar muitas coisas em sua vida em vários aspectos, como: a desenvoltura para falar em público, a mudança nas relações, no ser mais flexível, na assunção como liderança, na mudança com relação a religião (instituição). Nádia, entretanto, fala das transformações em sua vida, através da sensação de ter voltado para casa.

Esse "voltar para casa" é retomar a si mesmo, estar feliz e entusiasmada por todo seu potencial. Desse modo, Nádia faz uma referência a sua própria identidade, com toda a sensibilidade, com muita confiança em si. Percebe-se como uma pessoa cheia de sonhos, de poesia, de entusiasmo, e que não tem medo de saltar dentro da roda da vida. Assim, pode se assumir com a grandeza do ser humano, e agora não tem vergonha do seu ímpeto vital.

Régia fala que a Biodanza lhe deu aquele impulso. A grande marca deste impulso foi a possibilidade de se expressar, de falar, de não guardar para si aquilo que não lhe fazia bem. Expressar os sentimentos, expressar a si mesmo, é uma porta para a vivência da integração da identidade. Ela diz que não tinha coragem de falar, e que através da Biodanza sentiu a coragem e falou. Falou o que estava guardado e que não gostaria de guardar. Assim, ela fala de sua aposta na vida, através de sua vitalidade corporal, que é expressa como impulso, como energia, que faz fluir e enxergar a beleza da vida. É o experimentar de algo muito bom, sensação de beleza e gratidão.

Se perceber e ir em direção ao outro é vivido por Márcia como aprendizagem na capacidade de se antecipar ao outro: aprendeu a pedir desculpas e reconhece até que ponto errou, e tem coragem de tomar iniciativa, chegar até a outra pessoa e pedir desculpas.

A expressão corporal e verbal são estratégias que nos indicam a possibilidade de curar ressentimentos, reassumir a própria história em primeira pessoa. Assumir-se como responsável, mesmo diante de tantas dificuldades e de contextos nem sempre permissivos para a expressão. Falar onde e quando nem sempre os outros querem ouvir. É preciso se antecipar na coragem para se expressar.

As mudanças se evidenciam na direção da pessoa se tornar si mesma. Assumir todo o seu potencial num horizonte de uma identidade integrada. Só é possível acelerar a mudança, quando todo nosso ser se dispõe e se abre para o novo.

Na proposta da Biodanza há uma grande estimulação para que se intensifique a identidade da pessoa de forma integrada. Não é uma imposição. É um convite irrecusável para os que estão abertos, para vivenciarem um processo de transformação que nunca termina; somos, sendo a cada dia um novo ser, num movimento que se constitui na interação com o outro.

Neste sentido, se faz uma conexão com a expressão da vida, que é plena em cada possibilidade do cotidiano. Não são os fatos extraordinários que fazem celebrar e entusiasmar,

que levam a fazer e cantar poesias. É a vida mesma que é um convite para celebrar, para sonhar, para se entusiasmar.

Assumir o ímpeto vital dentro da dança da vida é assumir toda nossa força de vida, é busca de equilíbrio entre o repouso e a atividade. É viver e ser feliz, como diz Gonzaguinha: “viver e não ter a vergonha de ser feliz”, seja em qualquer fase cronológica, como expressa Nádia, que diz que vai ficando mais velha e os potenciais tardios começam a aparecer.

A experiência de transformação, diz Sanclair, não aconteceu só pela Biodanza, mas por todo o contexto em que vivia:

"Eu passei por um momento que eu sentia que havia muita transformação.[...] Às vezes eu tinha a sensação que a mudança vinha e eu perdia o solo concreto onde pisava e antes que eu tivesse outro solo concreto para pisar, acontecia outra mudança. Eu passei um tempo sem referencial. Foi a época que passei pelo medo de enlouquecer. Eu achei que eu iria pirar, que não iria aguentar aquele processo de transformação tão rápido, não só pela Biodanza, mas também pela maneira como era o estilo de vida no Maranhão.[...] Até que finalmente eu conversei com Rolando Toro e ele me acalmou de alguma maneira, e com o tempo as coisas foram se integrando.[...] Mas contei com Rolando Toro, inclusive com Nádia, nesta época nós convivíamos muito.[...] Houve um processo de transformação radical na minha vida. Eu passei a ser uma outra pessoa, os valores de minha família não me serviam mais e na verdade não tinha algo para colocar no lugar. Por no lugar é um processo mais lento que a dissolução do antigo. [...] Começou acontecer um mundo novo para mim. Nem sempre muito fácil. Para mim não foi nada fácil."

Nem todo mundo está disposto a viver um processo que acelera a transformação, pois este pode ser muito difícil e pode trazer insegurança com relação aos nossos referenciais. Até mesmo nas mudanças é preciso um caminhar lento para não ser diluído, despedaçado. Também nas mudanças, há um processo de permanência. O mesmo contexto externo ou interno que promove as mudanças pode também contribuir para que a pessoa se sustente no processo de transformações.

5.2.2 Criatividade Existencial

As mudanças de um aspecto de nossa vida poderá desencadear muitas outras transformações, mudar a perspectiva de uma visão de mundo, da vida, de si mesmo. Foi o significado para Claudete, que fala de uma mudança total, quando diz que ampliou muito sua maneira de ver a vida, que ampliou o mundo. Do ponto onde estamos ao dançar a vida é desencadeado um movimento de expansão, de um novo olhar, como por exemplo, sair de uma

timidez para uma vivência de socialização, para ter um novo olhar sobre a vida. Sobral citou estas mudanças:

"Trabalhava na petroquímica e um tempo depois eu já estava fazendo esta grande mudança, saindo da área técnica diretamente para viver só de Biodanza [...] A Biodanza, ela foi muito, em grande parte responsável pelas muitas mudanças que eu passei, e especialmente em relação a conexão afetiva.[...] A criatividade explodiu! Enfim trouxe mudanças, tão grande, tanto biologicamente, como em termos de conduta. Hoje eu diria que eu tenho estado mais consciente do meu papel no mudo."

A determinação para a mudança acontece a partir de um sujeito que acredita que estas mudanças lhe farão bem, e que ele certamente estará mais feliz. A mudança profissional de Sobral foi sua determinação de sair de uma área técnica, para viver como profissional da Biodanza. Desse modo, ele nos faz compreender o quanto esta mudança trouxe impactos em sua vida e o quanto apostou nesta nova perspectiva. Assumiu a Biodanza, não somente como algo para seu crescimento pessoal, mas como uma profissão, dando um salto da técnica para a relação humana, num desejo de criação de si mesmo.

Édna fala das mudanças através do enfrentamento dos seus medos. Ao potencializar a nossa coragem, somos capazes de nomear nossos medos e enfrentá-los ou nos desviar deles, se for necessário. Na proposta da Biodanza, trabalha-se com a identidade, fortalecendo cada pessoa, para dar a direção de sua vida, ser o sujeito de sua própria trajetória, tomando as decisões necessárias e reinventando a si mesmo e os seus próprios contextos.

5.2.3 Da Percepção Corporal à Percepção Existencial

Imagem 14- A existência na expressão corporal. Vivência do I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro-2010

A Biodanza causa transformação. Nossa entrevistada fala dessa mudança percebida no seu corpo. O corpo fala quando de fato está bem, mas também quando está rígido, está com dores. Para Carla, o corpo fica mais vital e se manifesta mais claramente:

"Com relação às mudanças em mim? Nossa! Muitas! Quando eu não estou fazendo vivências, quando estou um tempo sem fazer vivência, meu corpo diz que eu preciso fazer vivência, porque começa aparecer uma dor aqui, começo a me dar conta que está faltando vitalidade no ímpeto, na forma de fazer as coisas. A Biodanza nitidamente causa transformação, e é rápida.[...]Eu era professora alfabetizadora quando comecei fazer Biodanza, quando senti a potência da vivência de Biodanza na minha vida, na minha transformação."

Desta conexão corporal provém um organismo fortalecido. É o que o podemos perceber neste participante e em tantos outros que se sentem fortalecidos e com um corpo saudável. Sobral diz que se reconectou com a vida, sentiu a parte imunológica de forma acentuada, que algumas coisas que ele somatizava começaram a desaparecer aos poucos, até desaparecer por completo. Viu-se com capacidade de se autorregular em pouco tempo. De poder trabalhar intensamente, e logo se refazer.

Desta percepção corporal passa-se à percepção existencial. Por isso, as mudanças acontecem de forma rápida, de modo diferente de quando apenas verbalizamos um desejo de mudanças. O nosso corpo é o palco das expectativas de mudanças e do acontecer dessas

mudanças. Perpassa todo nosso corpo, nosso discurso, nossos valores e nossa postura diante da vida.⁵

5.2.4 No Estilo de Vida

O agir humano é decorrente de um estilo de vida, de um modo de estar no mundo. E o modo de estar no mundo é uma resposta à interpelação do outro, no face a face, marcando a diferença pela relação de alteridade. Se a Biodanza nos conduz a um estilo de vida, afirmamos que este estilo de vida é marcado pelo encontro emocionado consigo, com o outro e com a natureza, e que é transformado em vivência de alteridade e de pertencimento.

Para Maria Lúcia, as cerimônias de renascimento na Biodanza promovem saltos de mudanças. Para ela as mudanças realmente acontecem para quem de fato entra de verdade no método, na sua vivência. Fala que suas mudanças foram intensas, fortes, tanto no nível pessoal como no profissional, e que ainda hoje, quando tem algumas questões que ela deseja organizar e resolver, busca fazer uma maratona com um colega, neste sentido de fazer fluir a vida, de não se prender nas amarras pessoais e contextuais. As vivências de renascimento são promotoras de uma leveza, de uma sensibilidade, de uma celebração da vida, que nos potencializa para a resolução, para a dissolução do que parecia ser um grande problema ou um obstáculo para o próprio viver.

“Biodanza é em primeiro lugar um estilo de vida. Um jeito de estar na vida, de estar no mundo”, afirma Maria Lúcia. Mônica fala com entusiasmo do seu novo estilo de vida, de ser uma pessoa amorosa, organizada, equilibrada e com serenidade para cantar e celebrar a vida. Celebra a vida e compreende que ser feliz é também uma escolha. Mudar nesta perspectiva é ter horizontes de mais vida, de ser um ser humano melhor, que sabe se relacionar, que vive de “bem com a vida”, diz ela.

Márcia e Régia falam da superação das dificuldades através da experiência de buscar força e energia a partir do seu interior, onde encontram fé e esperança para contemplar a vida, para além dos problemas e da barbárie humana. Desse modo, vivem um estilo de vida na

⁵ “As características que fazem de nós o tipo de seres que somos, a saber: o amor, a responsabilidade social, a consciência cósmica, a espiritualidade, o comportamento ético, o pensamento reflexivo em expansão, despertam em nós as características dinâmicas de nossa corporalidade humana, conservada e cultivada num viver humano relacional que conserva essa corporalidade” (MATURANA, 2001, p.162).

esperança e na confiança. Se tornaram mais otimistas com relação a si e aos rumos possíveis de seu próprio viver.

Ao entrar em contato com sua própria vida, num ambiente de valorização da singularidade do próprio existir, há um transbordamento nos gestos e atitudes, como um encantamento por si mesmo, que são expressos por Mônica, dizendo que a Biodanza foi uma revelação, pois queria se expressar e tinha vergonha. Hoje, diz que se libertou dessa timidez e sempre procura essas coisas que lhe fazem bem. Dança, canta e vive a Biodanza dentro de sua casa, cantando e fazendo os serviços domésticos. Podemos dizer que é viver a vida de modo poético, mesmo nas atividades prosaicas, através do trabalho e nas lutas cotidianas. Nossa entrevistada nos diz:

"A minha timidez. Eu era muita tímida, tinha muita vergonha de tudo, de relacionar, de abraçar, de beijar, eu tinha esse medo, tinha um medo de agir assim. E hoje eu não tenho mais esse medo.[...]Antigamente eu tinha uma doença de limpeza. De organização dentro de casa. Eu era doente. Uma cadeira não saía do lugar, o chão não podia está manchado e hoje eu vejo que não tem necessidade para isso. Eu posso organizar tudo e ter tranquilidade prá fazer. Hoje eu tenho equilíbrio.[...] Danço, canto! Eu vivo a Biodanza dentro de casa [...]Cantando e fazendo o serviço.[...] Eu vejo as pessoas assim, muito preocupadas em comprar, comprar, comprar e mudar os móveis. Eu não tenho isso.[...] Eu compro o que eu vejo que dá pra mim. Tudo meu é equilibrado. Eu só faço o que eu posso."

5.3 VINCULAÇÃO

Imagem 15- De mãos dadas, contato e expressão afetiva. Vivência do I Congresso Internacional de Educação Biocêntrica e XXI Encontro Nordestino de Biodanza, João Pessoa-PB, 2010



Fonte: Foto de Valu Ribeiro-2010

Rolando Toro de muitas formas nos convidou para viver a intensidade do amor, e tinha esta certeza de que cada ser humano é uma fonte de amor. Por isso nos disse: “assumam o amor que vocês têm”. Na sua criação, ele propõe exercícios para estimular a vivência e expressão do amor diferenciado e o amor indiferenciado. Não importa onde está o nosso foco. Em cada momento, o que interessa é que amemos e descubramos este caminho do amor em nossa existência. Para Toro, é pela nossa afetividade que mudamos a realidade. Nos movemos e nos transformamos a partir da nossa capacidade de vinculação.

Segundo Morin (2007b, p. 146), há um contramovimento que regenera o pacto poético com a vida, que está presente nos pequenos prazeres da vida, nas reuniões de amigos e nas festas, nos risos de simpatia, nos olhares, nos prazeres gastronômicos, nas brincadeiras etc. Ele nos diz que estas são as pequenas poesias de pacto com a vida, diante de nossa civilização devota do cálculo anônimo, do interesse, da técnica, da burocratização. A espontaneidade afetiva e amorosa com a presença do outro: é esta a forma de viver a poesia nas relações.

O amor ilumina o ser humano, trazendo uma experiência de transbordamento, de felicidade, com a sensação de abundância, que pode ser expressa através da imagem de uma mãe, ou de um pai ou de qualquer pessoa que olha para uma criança, abre-lhe os braços e a chama de “meu amor”, e a criança responde num imenso sorriso, criando uma sensação de plena felicidade, pela sintonia dos melhores sentimentos naquele instante vivido. Quem não

viu esta imagem, quem ainda não experimentou este encontro tão presente no nosso cotidiano? Para Toro (2010), é da aceitação da abundância e da beleza que podemos gerar o amor.

O amor arranca-nos da impossibilidade de sermos felizes e eleva-nos a um estado de espírito que nos aproxima da experiência de êxtases espirituais. É a experiência do amor indiferenciado que nos faz transcender as “arestas ou picuinhas” de uma vida rotineira para a vivência de comunhão, ou quem sabe, é aquilo que na espiritualidade cristã se chama de “estado de graça.” Segundo Toro (2010), Somos criaturas cósmicas capazes de amar e criar beleza. Isto é viver em estado de graça, de iluminação através do amor.

Muito além das relações de posse do outro, tão marcada por tantos sentimentos que deterioram as relações, transformando-as em relações tóxicas, a experiência do amor indiferenciado se faz nutrindo a subjetividade com gratuidade, com aquela sensação de abundância, que faz o ser humano bendizer a vida e se expressar encantado. Existo e neste tempo presente posso ser feliz, e como o salmista poder repetir a confiança na vida: “Amor e felicidade me acompanharão todos os dias da minha vida” e “minha taça transbordará”, pela abundância da vida. De acordo com Toro (2010), a nossa natureza essencial como humanos é a eterna celebração da vida. Ao conectar com esta natureza, se tem uma visão iluminada sobre si mesmo e sobre o mundo. Diz-nos que viver é uma oportunidade muito especial de perceber "o humano eterno", e sentir no corpo o prazer da sacralidade da vida.

Este humano eterno se realiza aqui e agora, no tempo presente, pela vibração do amor indiferenciado que transborda, como uma fonte que jorra e torna-se possível inovar as relações do amor diferenciado, pois supõe relações que se entregam na abundância e não na carência. Não é um convite à indiferença, às dores do outro, porque já está bem e feliz, é um compartilhar e um conviver em outra perspectiva, de oferecer-se, de dar o melhor de si. É a perspectiva da gratuidade. É um outro estilo de se relacionar, pois nos diz Toro (2010), que frequentemente as pessoas vivem uma identidade equivocada. Reduzem sua existência às exigências de um ambiente empobrecido, quando não tóxico. Se os homens se sentem insignificantes, suas ações são insignificantes.

Portanto, amar é escolher ser feliz, é percorrer um caminho pleno de sentido, é viver a perspectiva de estar nutridos, é transbordar sentimentos favoráveis à vida e à dinâmica de que tudo faz sentido.

A partir da Biodanza, Sobral sente que se vinculou, se conectou mais e expressou o seu amor. Pode dizer que é uma pessoa feliz. Para Toro, este é o objetivo de nossa existência.

Viver num paraíso e junto com o outro, isto é, ser feliz. É o caminho que todos desejamos. Ser pessoas felizes. Mas o que é a felicidade? Para Sobral este percurso da felicidade se dá através da conexão afetiva, através dos vínculos.

Toda esta intensidade do amor que ilumina nossa vida passa a ser uma experiência corporal. É este o caminho de vinculação na Biodanza. Não se vive este amor fora da corporeidade. O amor é a vivência e entrega de modo pleno à vida no aqui e agora, na vinculação com o outro, como uma grande dádiva. Sou neste momento no meu corpo.

Para Levinas, somos neste momento a partir do outro, quando o eu é responsável pelo outro. Então, o amor é impossível sem a presença do outro. É nesta perspectiva que se trata das relações afetivas. Como vinculação com o outro, como um aspecto fundamental ou o mais importante, dentro do sistema Biodanza.

Márcia trata do equilíbrio no seu modo de se relacionar afetivamente. Quando esta mudança foi percebida no contexto familiar, ela se sentiu confirmada. De fato aconteceu uma transformação, e ela se deu no modo de se relacionar. Assim ela nos fala:

"O equilíbrio. Lá em casa eu sou muito explosiva. Mas lá em casa, já vii mudança. "você está mais calma". O que foi? É a Biodanza, me ajuda.[...]Eu mudei na afetividade. Já abraço uma pessoa sem ela precisar me abraçar primeiro. Eu sempre esperava que as pessoas chegassem até a mim. Agora eu busco, tomo iniciativa de chegar até o outro."

Os efeitos das mudanças pessoais têm ressonância direta nas relações com as pessoas que nos são mais próximas. Quando o outro percebe esta mudança, certamente é uma convocação e uma interpelação para a continuidade, pois a palavra dita em forma de elogio, e de apreço pelo outro, vai confirmando o processo de mudança que vai trazendo a autoconfiança. Os familiares representam os laços afetivos mais próximos, e podem ser a convocação em forma de interpelação. Neste caso, a confirmação foi também uma estimulação para a continuidade da vivência da Biodanza.

A percepção nas relações através de sua singularidade na construção dos laços afetivos, levou Sobral também a optar por mudanças, tomando decisões que eram pertinentes à relação de par que tinha se desgastado.

Mônica ressalta que houve muitas mudanças em sua vida, e lembra as mudanças afetivas no seu modo de ser e de se superar no modo como se via: como uma dona de casa, com uma doença de limpeza e de organização. Hoje busca o equilíbrio numa vinculação

amorosa com sua família, sem a exagerada ansiedade pela limpeza e pela organização doméstica.

Sempre foi afetiva, sempre foi muito solidária, muito atenta, muito servidora, fala Claudete. Só que não expressava todas estas emoções. Neste aspecto, a Biodanza permitiu expressar a sua afetividade, e isto fortaleceu a sua identidade.

A nossa vinculação é também uma construção, pois nos construímos e nos expressamos, a partir das relações concretas ao longo de nossa existência. Como seres de abertura, inconclusos, estão presentes em cada um, as possibilidades de mudanças. É na interação que podemos nos reconhecer e nos ver como pessoas em transformação. Como Nádia bem coloca, é o outro que diz que percebeu esta mudança. As mudanças nas relações afetivas tem o objetivo de superar relações tóxicas, e manter relações saudáveis com respeito por si e pelo outro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da pesquisa, no passo a passo, foi me levando a esta reflexão que agora estou realizando. Conforme Toro (1991), a centralidade da vida se faz a partir da integração afetiva, com o restabelecimento da unidade perdida do ser humano, que se sente dissociado entre percepção, motricidade, afetividade e funções viscerais. Sendo assim, é a integração afetiva que nos faz ter uma nova sensibilidade, colocando a vida como centro, como valor máximo.

Com o nosso estilo de viver, fomos perdendo a conexão com a vida, esquecendo a capacidade de estabelecer vínculos, criando uma cultura dissociada, cheia de preconceitos e rigidez, adquirindo, dessa forma, doenças psicossomáticas. Por isso, Toro (1997, p. 38) apresentou a solução proposta pela Biodanza, através das vivências integradoras e da comunicação grupal, que potencializam o desenvolvimento de um ser humano comprometido e conectado consigo, com o outro e com a natureza. Isto é vinculação com a vida.

Toro propõe a centralidade da vida, não como um discurso, mas de modo vivencial e celebrativo, de sentir emocionado pela vida mesma, pois compreende que todo o Cosmo faz uma dança da vida, como na expressão que segue: “a dança é a experiência mais extrema do Eros Primordial, gerador da vida. A entrega na dança à harmonia e ao ritmo é o ato prazeroso e terrível de participação nos grandes enigmas de transformação cósmica” (1991, p. 487).

Já vimos anteriormente que são variados os motivos que fazem as pessoas buscarem a Biodanza. Mas o que leva as pessoas a permanecerem na Biodanza são os efeitos que estas experimentam. Não foi nosso desejo perceber as éticas a partir da teoria proposta e sim, a partir das vivências. Por isso, uma das questões colocadas para nossos participantes e colaboradores na pesquisa, girava em torno dos efeitos que a Biodanza tem produzido em suas vidas, buscando visualizar as mudanças que foram acontecendo, desde que começaram a prática deste sistema.

Toro (1997) fez uma conspiração pelo ato de viver e pelo desabrochar das potencialidades humanas, ao criar a Biodanza. Para ele, é uma nova sensibilidade frente à existência, através da “poética do encontro humano”, onde cada um é convidado a dançar a própria vida, o que tem desencadeado um novo emocionar. Os grupos de Biodanza são esta aposta de criar um ambiente de uma aprendizagem das emoções positivas, que desencadeiam novos modos de olhar e viver a vida.

Observamos e refletimos que este novo emocionar, através da poética do encontro, é que tem gerado um viver e conviver centrado em novas relações. Na nossa compreensão, estas relações são construídas por um novo emocionar, na vinculação afetiva consigo, com outro, na experiência do transbordamento da vida, presente em cada ser humano e além do humano, na diversidade da vida do nosso planeta, numa interação de escuta, de acolhida do outro, desencadeando as transformações, para que a vida seja vivida prazerosamente, numa realidade de *bem-estar*. Este modo de estar na vida, indica-nos um modo de viver no amar, que é o fundamento de novas éticas, em se tratando de novas condutas relacionais, de respeito, cooperação, e legitimidade do outro. Para Levinas, o nosso modo de estar na vida é antecedido pelo Outro que nos interpela. Cabe ao Eu apenas dar uma resposta que também pode ser de gratuidade, bondade, abertura, recepção do outro.

Inspirado no Princípio Biocêntrico, Toro (2008) propõe a Biodanza como mediadora para o desenvolvimento do ser humano, que é capaz de viver e celebrar a vida como sagrada, pela própria vinculação com todas as suas formas de manifestação. Ele propõe a vivência do eterno no “aqui e agora”, pela celebração da vida. Em cada um dos nossos entrevistados, a vivência da Biodanza promoveu este emocionar por si mesmo, se valorizando, o que possibilitou uma postura reflexiva, a partir do experimentar a vida numa sensação de *bem-estar-psíquico-corporal*. Partindo da sensação, percepção corporal e o se dar conta, tomar consciência da possibilidade de viver, como uma presença atuante neste instante do viver. É desta experiência de bem-estar, prazer e alegria que vem a confirmação de permanecer neste estado, ou o desejo de mudança pela ausência destas emoções no viver. Como seres vivos, como já vimos em Maturana, estamos fluindo na busca do *bem-estar em congruência com o meio*. Assim, conservamos e transformamos o nosso viver, se desejamos, pelos *sentires íntimos*, pois são nossos desejos que guiam o nosso viver.

Para cada participante, a mudança aconteceu quando se deu conta de si, se percebeu, viu sua coragem, seu valor como pessoa, e assim adquiriu o respeito dos outros. Nas relações, o respeito dos outros é adquirido não porque é cobrado, mas inicia-se a partir do processo que estabelecemos pela valorização e amor por nós mesmos. O amor por nós mesmos transborda em cuidados e em retirada de situações tóxicas e desqualificadoras, que não nos levam à felicidade. É a retirada das situações de *mal-estar*, que como seres vivos queremos viver, e por isso tentamos, de vários modos, sair de tudo que nos parece conduzir à negação da vida. Da interação emocionada consigo, com um olhar na própria singularidade, é possível desabrochar uma identidade integrada, que vai ao encontro do outro. Segundo Casassus (2009, p.

119), “quando se tem contato com a própria experiência, tem-se acesso à experiência do outro. Consideramos que o acesso à própria experiência é uma condição necessária para a compreensão emocional do outro”.

Ao percorrer o caminho da experiência vivida, através dos depoimentos e dos teóricos, vamos compreendendo que um novo agir é proveniente de um novo emocionar. O emocionar por si mesmo, foi visto como um retorno a sua própria casa, num estado de presença que se prestigia e sente-se bem à vontade consigo. Sentir-se confortável, com autoestima elevada, tem repercussões na integração da identidade. É uma sensação de felicidade e entusiasmo por si mesmo. Quanto mais o ser humano estabelece este amor por si, terá mais condição de escutar a interpelação do outro, e saberá responder para criar relações saudáveis e de humanização. O outro não será a minha projeção, e nem resposta às minhas expectativas. O outro é a possibilidade de estabelecer a atitude de escuta do diferente. Portanto a relação com o outro se dá, não na carência e na cobrança, e sim na abundância de seres humanos que brindam o melhor de si, numa relação de confiança, por isso amorosa.

Temos a concepção de que as éticas proporcionadas pela Biodanza são aquelas que se dão no encontro humano e, conforme Levinas, o evento ético é anterior a toda conceituação. Sendo assim, estamos na presença do outro a partir do sentir, do emocionar, simplesmente para encontrar o outro sem expectativas. E conforme já afirmou Maturana no decorrer deste texto, o ser humano ético é a vivência do ser biológico que é o ser primariamente amoroso. É no amar, isto é, nas relações de condutas de total respeito pelo outro, que somos éticos. O amar não é uma virtude, não são os princípios, mas é o interesse pelo outro, é o emocionar pela presença do outro. Neste sentido, amar se refere a relação com o outro humano que nos torna humanos. Portanto, as éticas de acordo com a condução dessa nossa concepção, são as condutas que surgem do amar, que se faz presente pela e na interação e comoção pelo outro, simplesmente por ser outro humano. A emoção pelo outro não se inspira em princípios normativos e racionais, e sim no próprio viver a emoção do amar, pois o outro me interessa independente de qualquer princípio. É no próprio conviver que nos tornamos humanos.

Na Biodanza, como um laboratório de vivências, se cria uma situação de encontro, em que o outro é acolhido na roda de uma aula e na roda da vida, sem julgamento. É uma acolhida sem interpretação de sua vida. O grupo de vivência é a hospedagem para que aconteça este olhar novo que não termina em um momento de uma aula, mas tem a pretensão de transmutar os olhares dos participantes que estão numa situação de encontro, movidos e vinculados pelo

desejo de viver de modo pleno e feliz. Desse modo, vai-se confirmando o que dizia Toro (1991), que o grupo de vivência é o espaço para o encontro humano autêntico, espaço de celebração, onde as pessoas brindam o melhor de si, espaço de renascimento, de encontro com o maravilhoso. É um lugar para experimentar no aqui e agora a plenitude das potencialidades humanas, para a encantadora experiência de ternura, de amor e de enamoramento pela vida. Cria-se um campo magnético com fortes emoções, onde o outro pode ser visto de uma maneira completamente diferente da cultura de negação do outro, de competição, de hierarquia e de controle, para vivência intensa de uma atmosfera de harmonia e integração.

Podemos dizer que o outro é acolhido como legítimo outro, num contato corporal e comunicação grupal, através das danças e vivências de afetividade, com expressões de reconhecimento do outro, sem expectativas ou qualquer forma de controle.

Sobral nos diz: o meu olhar sobre o humano, hoje, é completamente diferente. Tenho procurado não julgar. Mas isso faz parte do nosso ego, julgar. E muitos momentos eu consigo me conectar, sem julgamentos. Um olhar indiferenciado em relação ao humano. Nádia nos fala: o outro diz que mudei. É na interação que podemos nos reconhecer e nos ver como pessoa em transformação.

Para Claudete a expressão da afetividade é também fortalecimento da sua identidade. Reconhece que vivia em função do outro, pois não estava muito conectada consigo. É da identidade fortalecida e integrada que é possível construir relações de respeito por si e pelo outro, relações de alteridade.

Parece um paradoxo nossas relações. Mas, qual é a medida certa para viver de modo responsável pelo outro e ao mesmo tempo totalmente separado do outro? Nos movemos e nos transformamos a partir da capacidade de nos sentirmos afetados. Sem uma conexão profunda com a vida, sem um vínculo amoroso, sem um vínculo afetivo não pode existir ética. Desse modo, Sobral fala que a ética é o amor. A alteridade é a referência primeira para a vivência da ética (LEVINAS, 2008). É na relação com o outro que surge a subjetividade ética. Respeito mútuo é o fundamento dessa relação. Portanto, numa relação de alteridade, cada um pode ser um legítimo outro. E isto se faz pela emoção do amar, no se dar conta que somos seres amorosos.

Religação e sentimento de pertença à Terra se fazem com a superação do pensamento disjuntivo. O modelo da modernidade não conseguiu assumir a dinâmica das transformações,

continua ditando um padrão binário, dicotômico, fragmentado, traduzido na barbárie a que chegamos na atualidade, com um *difuso mal-estar*.

Lembrando que Morin fala da ética como religação, como retorno às forças primordiais, às fontes cósmicas. Recuperamos nossas forças primordiais na percepção do nosso pertencimento à Terra. Nossa ligação com a Terra nos leva a superação do controle para a convivência com ela, como uma experiência de uma ética planetária, pois “a Terra é uma totalidade complexa física-biológica-antropológica, em que a Vida é uma emergência da sua história, e o homem uma emergência da história da vida (MORIN , 2007b, p.164). Sendo assim, não há separação do homem em relação ao Planeta. Ao se tornar consciente do vínculo de pertença à Terra, estará em condição de abandonar o padrão do controle e domínio, para a aspiração do convívio com ela.

A celebração da vida na comunidade dos humanos e junto à natureza, faz-nos experimentar os sentimentos de comunhão, de beatitude, de deleite, de amor, o que possibilita a percepção de totalidade, de interligação. Para Morin (2007a), isto é a recuperação da ética de religação, que para Sobral é uma vivência da consciência cósmica, onde se sentiu associado com a fonte criadora, experimentando um novo emocionar, através de uma sensação de inteireza, de comunhão, de vitalidade, de amor, para a qual não conseguia uma explicação.

Para Levinas, só é possível uma vivência ética numa atitude de escuta da manifestação do outro. Este outro para nós, na atualidade de urgência de garantia da continuidade da vida no nosso planeta, pode ter muitos nomes, pela exigência da ética da alteridade e da ética da religação. Sobral fez uma síntese do que se busca desenvolver na Biodanza: é a capacidade de amor e de vínculo que nos faz saber que somos um com todos, e ainda nos lembra de que a consciência ética é uma qualidade da mente iluminada, da mente expandida. Neste sentido, podemos aproximar o que ele chama de mente iluminada e expandida com a bondade e o desejo que estão presentes em Levinas. É um mistério que nos transcende, vai além. Não podemos conter o Outro em nossas categorias e expectativas.

As situações de nossas relações, imersas no emocionar da cultura patriarcal, é de contradição, ambiguidade e controle. Buscamos a união e vivemos, em muitas situações, a separação. Por isso Maturana nos diz que precisamos ser honestos para percebemos a nossa cegueira atual, nos darmos conta do *mal-estar*, das dores e dos sofrimentos que geramos com nosso viver. E nos darmos conta de que desejamos vida, isto é, uma realidade de *bem-estar*. Toro propõe amor, fraternidade, amizade, alegria, prazer, erotismo, criatividade,

transcendência, como aprendizagens vitais, através de vivências na Biodanza, gerando um movimento pleno de sentido, que vai possibilitando uma mudança a partir do sentir, do emocionar, do perceber-se.

Toro compreendeu que através da abertura, do proporcionar um ambiente para um novo emocionar, é possível o desencadear de uma nova ação. Daí, o que parecia impossível dentro do nosso contexto de contradições e ambiguidades às questões tais como coragem de viver, o prazer de viver, a glória de viver, o desejo de viver pleno e o sentir o pulsar da vida, passam a ser o fluxo norteador do agir humano. Podemos dizer que são os *sentires íntimos* de *bem-estar* que vão fluindo no viver e conviver que se deseja conservar de uma vida plena de sentido.

Portanto, o prazer de viver como um estilo de vida, como uma realidade de *bem-estar-corporal-psíquico*, que conserva o fluir de um viver e conviver no amar, é um emocionar diferente do espírito de luta, da relação de poder, da hierarquização das relações e do controle do outro.

Desse novo emocionar o que pode desencadear? O ser humano pode assumir as ações que diferem do controle do outro e enveredar para as transformações das relações em seu sentido amplo. Que a vida seja uma religação, buscando compreender a si e o outro, como legítimo outro, se antecipando no modo de acolher e de conviver com o outro. Isto é viver na biologia do amar, como diz Maturana. Isto será muito utópico?

Dialogando com os vários estudiosos e os sujeitos desta pesquisa presentes neste nosso texto, vamos intuindo uma compreensão de que a própria vida tem uma sabedoria que leva o ser humano ao bem viver. É a força de superação, de religação, é o encontro poético com a vida, que só é possível através da emoção do amar. Isto que nomeamos de sabedoria, faz parte de nossa estrutura de seres vivos, que desejam se conservar vivos em congruência com o meio, por isso buscam as situações de conservação do viver no *bem-estar*.

Quanto mais o ser humano estiver em sintonia com o seu sentir, tanto mais é provável que esteja na direção do fluxo vital e na direção do prazer de viver no *bem-estar*, buscando se livrar da dor, do horror e da violência, de todas as situações de *mal-estar*, já que são estas duas sensações contidas no prazer ou *bem-estar* e na dor ou *mal-estar*, que norteiam as direções de nossa conduta, como seres vivos.

Se são estas duas sensações que marcam o nosso viver, fugimos da dor e do sofrimento em suas várias manifestações de *mal-estar* e vamos em direção da vida, pela sensação do *bem-estar* e do prazer. Podemos concluir que o prazer, no nosso conviver, está relacionado à religação, ao que integra, nutre, onde cada pessoa pode se expressar e ser acolhida, amada e valorizada, na gratuidade do seu ser, antes de qualquer conceituação ou categorização, dentro de uma lógica racional.

Sendo assim, podemos dizer que o prazer e o *bem-estar* são tudo que possibilita a vida de um modo pleno, o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões, em congruência com o seu meio. É a experiência de felicidade. Portanto, a poética do encontro humano é uma possibilidade de nos acordarmos de nossa cegueira pela negação da vida, tão incorporada em nossas ações cotidianas, para a emergência de um ser humano que tem um novo olhar para si, para o outro e para a Terra, ancorado em outra emoção, que seja de vibração pela vida. Olhar e ver no presente o ser humano amoroso que somos, e por isso podemos renascer de nossa realidade de *difuso mal-estar*, para um modo de viver, onde o cuidado seja o nosso modo de ser, a partir da emoção do amar, em que as condutas de respeito por si, de cooperação, de alteridade e religação com a Terra, possam surgir de nosso viver e conviver, e assim serem conservadas para as gerações futuras as consequências de nosso retorno ao ser humano amoroso.

Toro diz que é pela aceitação, isto é, pelo sentir, pelo experimentar da abundância e da beleza que geramos o amor. Nesta emoção, nos tornamos seres iluminados, nossa vida tem um outro significado, e nos transformamos em criaturas cósmicas, assumindo nossa grandeza de humanos, levando adiante a nossa missão de viver a sacralidade da vida.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, Angela. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Bauru, SP:EDUSC, 2004.

_____. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru, SP:EDUSC, 2006.

ARROYO, Miquel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAPES: Banco de teses. Disponível: WWW.capes.gov.br/serviços/banco. Acesso em 3 e 4 dezembro de 2009 e 1 e 2 de março de 2010.

_____. Periódicos. Disponível: www.periódicos.capes.gov.br. Acesso em 3 de março de 2010.

CARVALHO, Noeme Cristina Alvares. **Autoconceito do idoso e Biodança: uma relação possível**. 2006. **Dissertação**. (Mestrado em Gerontologia)-Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2006.

BARTOLOMÉ RUIZ, Castor M. M.. **As encruzilhadas do humanismo: a subjetividade e a alteridade ante os dilemas do poder ético**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Emmanuel Levinas, alteridade & alteridades – Questões da modernidade e a modernidade em questão**. In: SOUZA, Ricardo Timm; FARIAS, André Brayner; FABRI, Marcelo (Org.). **A Alteridade e ética: Obra comemorativa dos 100 de nascimento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 117- 148.

BIODANZA: Sistema Rotando Toro. Disponível: <http://www.biodanza.org/> Acesso no dia 27 de agosto de 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação Popular na escola Cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Líber Livro Editora, 2009.

D'ALENCAR, Bárbara Pereira. **Biodança como processo de renovação existencial do idoso: análise etnográfica**. 2005. **Tese** (Doutorado em Enfermagem)-Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2005.

DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia?** 10 ed. São Paulo: Centauro, 2008.

DIAS, Amélia M. da Soledade. **O desenvolvimento pessoal do educador através da Biodança**. 2003. **Dissertação** (Mestrado em Educação) -Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2003.

_____. **O desenvolvimento pessoal do educador através da Biodança**. Maceió: EDUFAL, 2004.

FERREIRA, Sandro de Souza. **Entre a responsabilidade infinita e a tentação da tentação: sobre cães, monos e cobras no pensamento de Emmanuel Levina**. In: SOUZA, Ricardo Timm; FARIAS, André Brayner; FABRI, Marcelo (Org.). **A Alteridade e ética: Obra comemorativa dos 100 de nascimento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 401-411.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FURIA, Vera Regina. **A Experiência do Sagrado em Biodança**. 2000. **Dissertação**. (Mestrado em Psicologia)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.

GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GÓIS, Cezar W.L. **Vivência**: caminho à identidade. Fortaleza: Viver, 1995.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação Biocêntrica**: o presente de Rolando Toro para o Pensamento Pedagógico. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

_____. **Rolando Toro**: história e método do poeta que baila a ciência. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

GONÇALVES, Maria A. Salin. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001.

HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. 3. ed. Aparecida.SP: Idéias & Letras, 2006.

JUNIOR, Raimundo Severo. **Criatividade, identidade e arte**: descobrindo caminhos no trabalho com grupos em saúde mental numa perspectiva existencial fenomenológica. 1999. **Dissertação**. (Mestrado em Saúde Pública)-Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 1999.

LEITE, Alexandra Aparecida. **Biodança**: religiosidade ou secularização radical?. 1999. **Dissertação**. (Mestrado em Ciência da Religião)-Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 1999.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. **Totalidade e Infinito**. 3.ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

_____. **Humanismo do outro homem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. **Ética e infinito**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

LIRA, Luis Carlos. **Adesão-evasão em programas educacionais da Universidade Aberta da terceira idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. 2000. **Dissertação** (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

LYOTARD, Jean-François. **A Fenomenologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

MAFFESOLI, M. **O Conhecimento Comum**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Elogio da razão sensível**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

MATURANA, R. Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

_____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____; GERDA Verden-Zöller. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

_____; VARELA J. Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 5 ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.

_____; XIMENA, Dávila Yáñez. **Habitar Humano: em seis ensaios de Biologia-Cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009a

_____; et all. **Matriz ética do habitar Humano**. 2009b: Disponível <http://escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana/> Acesso no dia 19 de setembro de 2012.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira. **Libertar, libertar....tu pensa que é fácil?: uma pesquisa-ação-participante sobre gênero e trabalho com mulheres recicladoras de lixo**. 1999. **Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Pós-Graduação em Psicologia**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MORIN, Edgar. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O método 6: ética**. 3. ed. Porto Alegre, Sulin, 2007a.

_____. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 4. ed. São Paulo: Cortez: 2007b.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da Globalização**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PASINATTO, Susana. **Criatividade e Biodanza**: a trama que qualifica as relações entre crianças. 2007. **Dissertação**. (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2007.

PENSAMENTO Biocêntrico. Disponível: WWW.pensamentobiocêntrico.com.br, Acesso em 5 de julho de 2011.

PELIZZOLI, Marcelo. **Notas para compreender Levinas**. In: SOUZA, Ricardo Timm; FARIAS, André Brayner; FABRI, Marcelo (Org.). **A Alteridade e ética**: Obra comemorativa dos 100 de nascimento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.p. 273 -291.

PETRINI, José Fernando. **O grupo de 3ª idade na busca de um espaço cordial**: um estudo psicológico. 2002. **Tese** (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia- Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2002.

POIRIÉ, François. **Emmanuel Lévinas**: ensaio e entrevistas. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RIBEIRO, Kelen Gomes. **Biodança e saúde percebida**: um olhar biocêntrico sobre a saúde. 2008. **Dissertação** (Mestrado Acadêmico em Psicologia)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2008.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria de amar**: a ética no itinerário de Emanuel Lévinas. Tomo I, São Paulo: Loyola, 2005.

ROTENBER, Mauro. **Educação**: um convite ao movimento da vida. 1999. **Dissertação** (Mestrado em educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, RS, 1999.

SANTOS, Maria Lúcia Pessoa. **Metodologia em Biodanza**: Primeiros Passos. Belo Horizonte: [s. n.], 1997.

SAYÃO, Sandro Cozza. **Sobre a excelência do humano**: questões sobre ética e sentido em Totalidade e Infinito e Humanismo do Outro Homem de Emmanuel levinas. In: SUSIN, Luis Carlos...[et al.] (orgs.) **Éticas em Diálogo**: Levinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 43-63.

SILVA, Anielson Barbosa .**A Fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais**. In: GODOI, Christiane Kleinubing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. P. 268-297.

SILVEIRA, Marina Borges. **Educar com a arte**. 2000. **Dissertação**. (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2000.

SOUZA, Ana Maria Borges. **Infância e Violência**: o que a escola tem a ver com isso?. 2002. **Tese** (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.

TORO, Rolando. **Teoria da Biodanza**: coletânea de textos. Volumes I e II, Associação Latino Americana de Biodanza. Fortaleza, 1991.

_____. **Biodanza**: Lineas de Vivencia. [S.I.:s.n.], 1997.

_____. **Curso de Formação Docente em Biodanza**: Metodologia V: O grupo de Biodanza. Internacional Biocentric Foundation: [S.I.:s.n.], 2000a.

_____. **Curso de Formação Docente em Biodanza**:Elenco oficial de exercícios, músicas e consignas de Biodanza. Internacional Biocentric Foundation: [S.I.:s.n.], 2000b.

_____. **Curso de Formação Docente em Biodanza**: Transe e Integração. Internacional Biocentric Foundation: [S.I.:s.n.], 2000c.

_____. **Educação Biocêntrica**. Internacional Biocentric Foundation: [S.I.:s.n.], 2001.

_____. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás, 2002.

_____. **Entrevistas com Rolando Toro**. Iternacional Biocentric Foundation-Escola de Formação em educação Biocêntrica, João Pessoa 2008a.

_____. **Biodanza**. Chile: Cuarto Próprio, 2008b.

_____. **O que é ser um professor de Biodanza**. Acesso. Disponível: <http://biodanzaqui.blogspot.com/> Acesso em 9 de julho de 2011.

TORO, Verônica; TERRÉN, Raúl. **Biodanza**: Poética Del encuentro. Buenos Aires: Lumen, 2008.